



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

**COMÉRCIO E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO BENIM:
UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2001-2017**

SOUROU GAUTIER GOUSSI

RECIFE, JULHO/2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

COMÉRCIO E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO BENIM: UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2001-2017

SOUROU GAUTIER GOUSSI

Dissertação apresentada pelo aluno **Sourou Gautier Goussi** ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob orientação do **Professor Dr. Leonardo Ferraz Xavier**.

RECIFE, JULHO/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

G717c Goussi, Sourou Gautier.
Comércio e competitividade das exportações do Benim: uma análise do
Período 2001-2017 / Sourou Gautier Goussi. - Recife, 2019.
148 f.: il.

Orientador(a): Leonardo Ferraz Xavier.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa
de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural, Recife, BR-PE,
2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Competitividade 2. Exportações 3. Vantagem comparativa revelada
4. Constant market share 5. Cinco forças de Porter I. Xavier, Leonardo Ferraz,
orient. II. Título

CDD 631.1



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA

DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SOUROU GAUTIER GOUSSI

COMÉRCIO E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO BENIM: UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2001-2017

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o candidato **SOUROU GAUTIER GOUSSI** APROVADO em ___/___/___

Orientador:

Prof. LEONARDO FERRAZ XAVIER, DSc
Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(Presidente)

Banca Examinadora:

Prof. ALMIR SILVEIRA MENELAU, DSc
Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(Membro Interno)

Prof. ALVARO BARRANTES HIDALGO, DSc
Universidade Federal de Pernambuco
(Membro Externo)

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela saúde que me proporcionou durante a realização deste trabalho

Ser um acadêmico em exercício hoje no Brasil não é algo fácil. Sabemos que um dos pilares das universidades públicas é a pesquisa, onde a mesma é desenvolvida com financiamento. A bolsa no mestrado é algo de suma importância, dá subsídios para que o pesquisador possa se dedicar ao trabalho acadêmico. O processo de elaboração de uma dissertação é possível com o apoio do departamento oferecendo uma bolsa. Porém não tive acesso a uma bolsa pelo PADR/UFRPE, tive o apoio financeiro da minha família especialmente minha mãe Mathilde Adjasse que eu agradeço infinitamente por tudo que tem me proporcionado desde sempre garantindo o possível e o impossível na realização de um sonho, sem ela, nada seria possível. Eu tenho a certeza que sonhos são possíveis quando se tem foco e determinação.

Um agradecimento especial a Clareana Cendy por seu apoio emocional que me fez acreditar que sem bolsa poderia conseguir realizar o mestrado dando o meu melhor.

Ao meu orientador Prof. Dr. Leonardo Ferraz Xavier com toda sua presença, paciência e orientação pelo ensinamento.

Aos meus amigos que tiveram presente durante essa etapa, Lilian Aldina, Codjo Olivier e Dinar Souza.

Meu agradecimento aos corpos administrativo especialmente a Luiza.

Não posso terminar esse agradecimento sem esquecer minha querida Anilma Calvacanti e sua família por seus carinhos e presença na minha vida no Brasil.

RESUMO

O Benim vem aumentando suas exportações nas últimas décadas e tais aumentos caracterizam-se, em geral, pela concentração em produtos provenientes do setor agrícola. O processo de abertura de comércio trouxe grande benefício para o setor exportador, observando que a inserção no mercado mundial é uma estratégia de crescimento. Por outro lado, a disponibilidade de mão de obra e outros fatores produtivos, a tomada das decisões do governo e o investimento no setor exportador determinam a inserção do país no mercado mundial pela busca da competitividade. O objetivo dessa pesquisa é caracterizar o setor exportador beninense e como este vem se comportando ao longo do período de 2001 a 2017. As exportações do Benim são marcadas pela presença de produtos agrícolas, os quais enfrentam a exigência do mercado internacional e os efeitos causados pela instabilidade do mercado mundial. Nesse sentido, foram utilizados indicadores para analisar a competitividade no mercado, tais como o indicador de vantagem comparativa revelada, de contribuição ao saldo comercial, de comércio intra-industrial, de concentração das exportações, de competitividade revelada, de posição relativa e de orientação regional. Além desses índices, foi aplicado o modelo *Constant Market Share* para conhecer as fontes de variação das exportações, com ênfase para a análise do efeito de competitividade. Para caracterizar o setor exportador de uma forma qualitativa, este também foi analisado sob a ótica das cinco forças de Porter. Após tais procedimentos, verificou-se que os produtos primários oriundos do setor agrícola revelam uma vantagem competitiva no mercado, principalmente o algodão e o caju. Por outro lado, o setor mineral não revelou tanta vantagem, relacionada à insuficiência de políticas voltadas ao setor.

Palavras-chaves: Competitividade; Exportações; Vantagem Comparativa Revelada, *Constant Market Share*; Cincos forças de Porter.

ABSTRACT

Benin has been increasing its exports in recent decades and such increases are generally characterized by the concentration of products from the agricultural sector. The process of opening trade has brought great benefit to the export sector, noting that entering the world market is a growth strategy. On the other hand, the availability of labor and other productive factors, government decision-making and investment in the export sector determine the country's insertion in the world market by the search for competitiveness. The objective of this research is to characterize the Beninese export sector and how it has been behaving over the period from 2001 to 2017. Benin's exports are characterized by agricultural products, given the growth of these products in the export basket that may face the demand of the international market and may be affected by the effects caused by the instability of the world market. Indicators were used to reveal the competitiveness of products on the market. In view of this research, several trade indicators were used as a tool to analyze the competitiveness of exports, such as the indicator of revealed comparative advantage, contribution to the trade balance, intra-industry trade, export concentration, revealed competitiveness, position and regional orientation. In addition to these indices, the Constant Market Share model was applied to know the sources of variation of exports, with emphasis on the analysis of the competitiveness effect. In order to characterize the export sector in a qualitative way, this one was also analyzed from the perspective of Porter's five forces. After these procedures, it was found that primary products from the agricultural sector reveal a competitive advantage in the market, especially cotton and cashew. On the other hand, the mineral sector did not reveal as much advantage, related to the insufficiency of policies directed to the sector.

Keywords: Competitiveness; Exports; Revealed Comparative Advantage, Constant Market Share; Porter's Fives Forces

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 PERSPECTIVA ECONÔMICA RECENTE DO BENIM E IMPORTÂNCIA DO SETOR AGRÍCOLA.....	20
3 EVOLUÇÃO DO BENIM NO COMÉRCIO INTERNACIONAL.....	24
3.1 Panorama das exportações de algodão	29
3.2 Panorama das exportações de caju	30
3.3 Panorama das exportações de soja.....	31
3.4 Panorama das exportações de óleo de algodão	32
3.5 Panorama das exportações de combustíveis	34
3.6 Panorama das exportações do ouro	35
4 REFERENCIAL TEÓRICO	37
4.1 O mercantilismo	37
4.2 A teoria do comércio exterior de Adam Smith.....	38
4.3 A teoria ricardiana de comércio exterior.....	39
4.4 O modelo de fatores específicos	41
4.5 A teoria de Heckscher-Ohlin (H-O)	46
4.6 A nova teoria de comércio.....	48
4.7 Vantagens competitivas.....	50
5 METODOLOGIA.....	53
5.1 Dados utilizados.....	53
5.2 Instrumentos de análise.....	53
5.2.1 Indicadores de comércio	54
5.2.1.1 Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	54
5.2.1.2 Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS)	55
5.2.1.3 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)	55
5.2.1.4 Indicador de Comércio Intra-Industrial (GL).....	57
5.2.1.5 Índices de Concentração das Exportações (ICP e ICD)	58
5.2.1.6 Índice de Competitividade Revelada (ICR)	59
5.2.1.7 Índice de Posição Relativa (POS).....	60
5.2.1.8 Índice de Orientação Regional (IOR)	60
5.2.2 Modelo <i>Constant Market Share</i> (CMS).....	61
5.2.3 Análise da competitividade através das forças de Porter	65

6. RESULTADOS	68
6.1 Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)	68
6.2 Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas (VCRS)	70
6.3 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)	71
6.4 Indicadores de Comércio Intra-Industrial (GL)	72
6.5 Índices de Concentração das Exportações (ICP e ICD)	76
6.6 Índices de Competitividade Revelada (ICR).....	77
6.7 Índices de Posição Relativa (POS)	78
6.8 Índices de Orientação Regional (IOR).....	79
6.9 Modelo Constant Market Share (CMS)	82
6.9.1 Resultados de Constant Market Share para algodão.....	82
6.9.2 Resultado de Constant Market Share para caju.....	85
6.9.3 Resultado de Constant Market Share para soja.....	87
6.9.4 Resultado de Constant Market Share para óleo de algodão.....	89
6.9.5 Resultado de Constant Market Share para ouro.....	92
6.10 Análises das cinco forças de Porter	96
6.10.1 Entrantes em potencial.....	96
6.10.2 Concorrência na indústria	99
6.10.3 Poder dos compradores	101
6.10.4 Poder dos fornecedores	102
6.10.5 Produtos substitutos	103
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
8 REFERÊNCIA.....	109
APÊNDICES.....	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Função de produção (manufatura).....	43
Figura 2: Produtividade marginal do trabalho (manufatura).....	43
Figura 3: Esquema dedutivo das cinco forças de Porter.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critério de Classificação dos Capítulos SH2	116
---	------------

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: Evolução das exportações e importações agregadas	25
Gráfico 2: Principais produtos exportados em 2017.....	26
Gráfico 3: Principais países de destino em 2017.....	28
Gráfico 4: Evolução das exportações de algodão (Benim, 2001-2017, US\$ mil).....	83
Gráfico 5: Evolução das exportações de caju (Benim, 2001-2017, US\$ mil).....	86
Gráfico 6: Exportações de Soja (Benim, 2001-2017, US\$ mil).....	88
Gráfico 7: Exportações de óleo de algodão (Benim, 2001-2017, US\$ mil).....	90
Gráfico 8: Evolução das exportações de ouro (Benim, 2001-2017, US\$ Mil).....	92
Gráfico 9: Evolução das exportações de combustível (Benim, 2001-2017, US\$ Mil).....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela1: Principais produtos exportados pelo Benim (Classificação pelo Sisteman Harmonizado SH2).....	27
Tabela 2: Principais países de destino dos produtos exportado pelo Benim.....	29
Tabela 3: Vantagem Comparativa Revelada (Benim, produtos selecionados, 2001-2017).....	70
Tabela 4: Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (Benim, produtos selecionados, 2001-2017).....	71
Tabela 5: Índice de Contribuição de Saldo Comercial (Benim, produtos selecionados, 2001-2017).....	72
Tabela 6: Índice de Comércio Intra-Industrial (Benim-CEDEAO, produtos selecionados, 2001-2017).....	74
Tabela 7: Índice de Comércio Intra-Industrial (Benim-resto do mundo, produtos selecionados, 2001-2017).....	75
Tabela 8: Exportações totais, índice de concentração por produto e índice de concentração por mercado de destino (Benim, 2001-2017).....	77
Tabela 9: Índice de Competitividade Revelada (Benim, produtos selecionados, 2001-2017).....	78
Tabela 10: Índice de Posição Relativa (Benim, produtos selecionados, 2001-2017).....	79
Tabela 11: Índice de Orientação Regional (Benim-Ásia, produtos selecionados, 2001-2017).....	80
Tabela 12: Índice de Orientação Regional (Benim-CEDEAO, produtos selecionados, 2001-2017).....	81
Tabela 13: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de algodão.....	85
Tabela14: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de caju.....	87
Tabela 15: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de soja.....	89

Tabela 16: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de óleo de algodão.....	91
Tabela 17: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de ouro	94
Tabela 18: Resultado do modelo <i>Constant Market Share</i> para as exportações beninenses de combustível.....	96
Tabela 19: Vantagem Comparativa Revelada (Benim, produtos agregados, 2001-2017).....	122
Tabela 20: Índice de Contribuição de Saldo Comercial (Benim, produtos agregados 2001-2017).....	129
Tabela 21: Índice de Competitividade Revelada (Benim, produtos agregados 2001-2017).....	136
Tabela 22: Índice de Posição Relativa (Benim, produtos agregados 2001-2017).....	143

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

AICB:	Associação Interprofissional de Algodão de Burkina-Faso
BCEAO:	Banco Central dos Estados da África Ocidental
BAD:	Banco Africano de Desenvolvimento
CADER:	Centro de Ação Regional e de Desenvolvimento Rural
CEDEAO:	Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental
CMDT:	Companhia Maliana Para o Desenvolvimento de Têxteis
FAO:	Organização das Nações Unidas Para Alimentação e Agricultura
FENAPAB:	Federação Nacional dos Produtores de Anacardium do Benim
FMI:	Fundo Monetário Internacional
IBCG:	Indústria Beninense de Óleos e Grão
ICA-GIE:	Sociedade Algodoeira Associada de Agrupamento de Interesse Econômico
INRAB:	Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola do Benim
INSAE:	Instituto Nacional de Estatística e de Análise Econômica
ITC:	Estatísticas de Comércio Para Desenvolvimento de Negócios Internacionais
LCB:	Label de Algodão do Benim
MAEP:	Ministério de Agricultura, de Pecuária e de Pesca
MICA:	Ministério do Comércio e Indústria de Artesanato
NBS:	Bureau Nacional de Estatística
OIT:	Organização Internacional de Trabalho
OMC:	Organização Mundial do Comércio
OP:	Organização de Camponeses
PAG:	Programa de Ação do Governo
PTAA:	Programa de Tecnologia Agrícola e Alimentar
PTF:	Parceiros Técnicos e Financeiros
SHB:	Empresa de Óleo do Benim
SNAFOR:	Sociedade Nacional Para o Desenvolvimento Florestal
SODECO:	Sociedade de Desenvolvimento de Algodão
SONACOP:	Sociedade Nacional de Comercialização dos Produtos Petrolíferos
SONAPRA:	Sociedade Nacional Para a Produção Agrícola

SONICOG: Sociedade Nacional das Industrias dos Corpos Grãos

UEMOA: União Econômica e Monetária da África Ocidental

UNAPAN: Rede de Administração Pública das Nações Unidas

1 INTRODUÇÃO

A República do Benim, conhecido como Benim ou o antigo Daomè, do qual passou pelo processo de colonialismo pela França, tornou-se independente em 1º de agosto de 1960. O país tem como idioma administrativo o francês e conta com vários outros idiomas locais. Localizado na África Ocidental, compartilha a mesma fronteira com Togo, Nigéria, Burkina-Faso e Níger, e abrange área de 114.763 km². A cidade de Porto-Novo é a capital política, mas Cotonou é a sede do governo e a capital econômica, onde as atividades de comércio e serviços são mais intensas.

O Benim é um país que possui uma considerável quantidade de mão de obra disponível, principalmente situada em seu meio rural. Com uma população de 11.175.692 de habitantes, computados no ano de 2017 pelo Banco Mundial (2018), pelo menos 58% destes vivem em área rural, segundo dados do *Institut National de la Statistique et de l'Analyse Économique* (INSAE, 2017).

O setor agrícola é um setor vital para economia, ocupando 70% da população ativa. Contribui com 36% do Produto Interno Bruto (PIB) e gera 88% das receitas de exportações, de acordo com informações do *Ministere de l'Agriculture de l'Elevage et de la Peche* (MAEP, 2017).

Em 2017, o país registrou um PIB de US\$ 9,247 bilhões de acordo com o Banco Mundial (2018). Trata-se de um país de pequena extensão territorial, ainda em desenvolvimento, com governos baseados em uma democracia representativa presidencial (multipartidária) considerada como uma referência de democracia na África (GAZIDO, 1998). Embora o Benim tenha conquistado mudanças nas relações políticas a partir dos anos 1990, o país tem pouca influência no mercado internacional, por se tratar de uma pequena economia.

As exportações do Benim apresentam uma significativa concentração em produtos agrícolas, tais como algodão e caju, principalmente, com vendas que têm crescido nos últimos anos e contribuído diretamente para o crescimento do país (INSAE, 2017). Em paralelo a essa expansão de suas exportações, observa-se também o aumento de produtos importados, que apresentam valores superiores aos das exportações, o que se traduz em balanço comercial negativo (INSAE, 2017). A importação é um fator considerável para o crescimento do país, já que este precisa

importar, por exemplo, produtos de maior composição tecnológica, matérias primas, dentre outros produtos cujo país não é autossuficiente.

A relação do Benim no comércio exterior com outras nações contribui diretamente na evolução do setor agrícola desse país. A maior parte dos produtos é exportada para a Ásia, grande parceiro comercial do Benim, seguido pela própria África (ITC, 2018). Ainda conforme o ITC (2018), o principal país cliente do Benim no ano de 2016 refere-se à Índia, com uma participação de 15,4% das exportações totais, seguido por Malásia (13,2%), Bangladesh (10,2%) China (6,7%) e a Nigéria (6,6%). Em 2017, o Vietnã se colocou primeiro no ranking como principal cliente com uma participação (13,7%), o Bangladesh (12,4%), Malásia (11,5) e a Nigéria (10,3%). Por sua vez, ainda de acordo com os dados do ITC (2018), os dez principais produtos exportados pelo país em 2017 somam um total de 90,5% das exportações, dentre os quais se destacam algodão (49,01%, referente ao código 52 do Sistema Harmonizado¹), castanha de caju (10,94%, código 0801), óleos de algodão (3,31%, código 1512), soja (3,36%, código 1207), ouro (3,06%, código 7108) e combustível (2,55%, código 27).

Destaca-se que o algodão continua ocupando o primeiro lugar no ranking dos produtos exportados, com 49,01% do total da exportação nacional no ano 2017, segundo dados do ITC (2018). Para esse produto, o principal parceiro comprador do Benim desse mesmo ano foi Bangladesh, país do continente asiático, com 24,6% de total das exportações de algodão, seguido por países do mesmo continente, com a presença de Malásia, com participação de 23,1%, e da Vietnã, com 19,1% (ITC, 2018).

A atividade do setor industrial está concentrada no processamento de algodão, sendo o único produto agrícola de exportação que passa pela transformação, enquanto os demais produtos são exportados de forma bruta. No plano internacional, as exportações do Benim enfrentam alguns problemas, sendo notória a dificuldade de inserir seus produtos em mercados dinâmicos, como o europeu, algo relacionado com exigências de qualidade.

¹ O Sistema Harmonizado é adotado como referência de classificação para produtos comercializados internacionalmente. Os códigos são enumerados em dois ou mais dígitos, sendo a classificação a dois dígitos a mais agregada. Assim mesmo, a classificação a dois dígitos codifica quase cem diferentes nomenclaturas de produtos.

² A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), criada em maio de 1975

No âmbito dos setores exportadores, foram introduzidas novas tecnologias de produção e uso de fertilizantes, para enfrentar o desafio ligado às mudanças climáticas que têm se mostrado mais fortes a partir dos anos 2000, bem como garantir o aumento da produção a fim de aprimorar a atividade agrícola do país (FAO, 2017). Essas melhorias incidem na exportação de tais produtos como algodão, soja e caju.

O setor agrícola do Benim passou por uma evolução e um intenso incremento produtivo nos últimos cinco anos, de acordo com dados do INSAE (2017). Esse setor tem um papel importante no desenvolvimento do país, que dispõe de solos férteis a serem explorados.

Salienta-se ainda que, para melhorar o setor exportador no Benim, conforme World Trade Organization (2003), foi criada em 1999 uma zona franca industrial que tem como objetivo facilitar as transações, estimular o comércio, promover a diversificação das exportações, melhorar a balança comercial e, como resultado esperado, a criação de empregos, aliada ao desenvolvimento da região. Ademais, a abertura de comércio entre as nações também veio a contribuir para o crescimento e o desenvolvimento econômico. A adesão do Benim à Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental² (CEDEAO), desde sua criação, facilitou a ampliação de seu mercado pela queda das barreiras, proporcionando maior transação comercial entre os países membros e ajudando na circulação dos bens, serviços e fatores de produção entre as nações envolvidas.

Dada esta contextualização, o presente estudo propõe-se a analisar as exportações do Benim no período de 2001 a 2017. A importância desta pesquisa justifica-se a tratar da competitividade do comércio exterior. Devido à aceleração da globalização, o final de século XX e início de século XXI foram marcados pela aceleração das trocas, pela crescente formação de blocos econômicos para eliminar barreiras comerciais e pela especialização dos países para competir num mercado internacional (SILVA, 2001).

A busca por novos mercados consumidores amplia a necessidade pelo desenvolvimento da competitividade, cujo uso de recurso tecnológico é um meio de baratear o preço e estabelecer um contrato comercial de forma eficiente

² A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), criada em maio de 1975 através do acordo de Lagos, sediado em Abuja, capital da Nigéria, é um bloco econômico formado por quinze países membros da África Ocidental: Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gambia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo

(VASCONCELOS, 2004). Contudo, mais recentemente, salienta-se que o comércio internacional tem sofrido agitações decorrentes de políticas protecionistas, sobretudo sinalizadas pelo governo dos Estados Unidos, alterando expectativas em todo o planeta.

A discussão desse tema no meio acadêmico mostra-se de suma importância, uma vez que é incipiente o desenvolvimento de pesquisas particulares ao comércio exterior do Benim, tendo como alvo os produtos exportados pelo país. A discussão sobre as exportações desse país é relevante ao melhor conhecimento sobre sua economia e suas alternativas de crescimento, o que demanda estudos nesse sentido. Os produtos exportados pelo mesmo advêm das atividades econômicas, gerando renda e emprego, passando por toda uma cadeia produtiva, até chegar ao consumidor final. A evidência de que a demanda no comércio exterior está crescendo, seja pelo crescimento populacional, pelo incremento nas facilidades de comunicação e transporte ou pelo processo de integração comercial, desperta a curiosidade de entender o comércio desse país com o exterior e a aparente dificuldade que se encontra na inserção no comércio exterior.

A competitividade das exportações leva em conta várias características produtivas e organizacionais, desde a cadeia produtiva até cadeia logística. A logística agrega toda a forma distributiva até chegar ao mercado externo, sendo nesse caso considerado como o consumidor final. Dessa forma, a competitividade ainda inclui toda a mão de obra que tem uma influência na produção e os ambientes institucionais associados à tomada de decisão, bem como a política governamental que dá apoio aos produtores.

O trabalho trará os resultados das ações tomadas nos últimos anos na política pública concernente às exportações do dito país. Os resultados encontrados servirão de referência para pesquisas futuras, já que trata especificamente do comércio do Benim em que pouca pesquisa abrange este país. O trabalho terá como base relatórios de institutos de pesquisa internacionais, sendo os institutos de pesquisa de dados de comércio internacionais e de forte credibilidade em seus dados, e as referenciais teóricas fundamentadas em autores que contribuíram no campo da economia internacional. Ainda, a pesquisa servirá de apoio e de orientação para outros setores, principalmente a atividade agrícola, a direcionar de forma mais adequada os investimentos para a produção.

Expressamente, o principal objetivo deste trabalho é caracterizar o setor exportador beninense e como este vem se comportando ao longo do período de 2001 a 2017. Para construir esta pesquisa, adotou-se como objetivos específicos: a) Analisar os principais produtos e destinos da pauta exportadora beninense; b) Examinar indicadores de vantagem comparativa e de competitividade dos produtos exportados pelo país; e c) Tratar sobre as principais políticas de apoio implementadas no país.

Este trabalho está dividido em sete partes, incluindo esta Introdução. A segunda parte apresenta uma abordagem sobre perspectiva econômica recente do Benim e importância do setor agrícola, em seguida a terceira parte abrange a evolução do Benim no comércio internacional, tendo em vista a importância do setor que contribui para a economia do Benim, relevante à contextualização do trabalho. Em seguida, parte-se para o referencial teórico, enquanto a quinta parte traz a metodologia praticada para alcançar os resultados esperados. A sexta seção apresenta os resultados encontrados e suas análises e, por último, um capítulo destina-se às considerações finais.

2 PERSPECTIVA ECONÔMICA RECENTE DO BENIM E IMPORTÂNCIA DO SETOR AGRÍCOLA

As perspectivas econômicas do Benim têm se mostrado positivas nos últimos anos, mas elas continuam vulneráveis a choques externos, especialmente às chuvas, cotações mundiais do algodão e do petróleo, e à mudança na situação econômica da Nigéria, dada a estreita ligação entre os dois países (BAD, 2018). Ao plano interno, a dinâmica econômica resultou á uma taxa de crescimento estimada de 4% em 2016 contra 2,1% em 2015 (INSAE, 2017). Desde 2015, a balança comercial do Benim vem se deteriorando de forma contínua e progressiva, apesar do aumento das exportações de 2017 em relação ao ano anterior (2016). O Benim registrou o segundo déficit comercial mais chocante dos últimos anos, esse déficit pode se justificar pelo aumento das importações que estão em alta em 2016 e a diminuição das reexportações para a Nigéria devido à desvalorização de Naira³ (INSAE, 2017).

Em 2017, a taxa de crescimento do PIB real estimou-se em 5,6% mostrando um aumento em relação ao crescimento de 4% em 2016. O Benim aponta um crescimento progressivo, que promete uma tendência positiva ao longo dos próximos anos. O desempenho econômico em 2017 deve-se principalmente às reformas progressivas do Programa de Ação do Governo (PAG) de 2016-2021 intitulado “ *Benin révéle*” (BAYE, 2018). Esse programa criado em dezembro de 2016 pelo governo contem 45 projetos a serem executados ao longo do seu mandato de 5 anos. O programa recebeu um financiamento de 151,03 milhões de dólares do Fundo Monetário Internacional (FMI) aprovado em um contrato de crédito de 3 anos contribuindo na implementação do PAG, apoiando os investimentos e ao mesmo tempo preservando a sustentabilidade da dívida, (INSAE, 2018)

O PAG tem como objetivo promover o desenvolvimento econômico e social do país de uma forma sustentável e mais precisamente aumentar as despesas de investimento nos setores de infraestrutura, agricultura turismo e serviços básicos (BAYE, 2018). No setor agrícola, o país visa diversificar sua economia melhorando as atividades de produções no setor e no agronegócio. No primeiro ano do programa constata-se um bom resultado no setor agrícola, e um aumento da produção e das

³ Naira é a moeda nacional da Nigéria.

exportações devido aos investimentos para melhorar as estruturas e as técnicas de produções. As exportações totais houve um aumento de 78,54 % em 2017 em comparação a 2016 (ITC, 2017). Esse aumento se justifica pela melhoria na produção de algodão e caju. A produção de algodão é estimada em 450.000 toneladas, e a de caju em 124.000 toneladas, que aumentaram respectivamente sua exportação de 92,02% de 2016 a 2017 no algodão e 72,85% no caju. Esse aumento pode ser explicado pela chuva e pelas mudanças na gestão do setor, com o restabelecimento da parceria entre o Estado e a Associação Interprofissional do Algodão. Deve-se observar também a reforma agrícola conduzida pelo governo (BAYE, 2018).

Salienta-se que o setor agrícola do Benim é a principal fonte de renda para a economia, advinda das vendas ao exterior, destacando-se o algodão e o caju. Na sequência, em menor volume de produção e basicamente destinados ao consumo local, destacam-se ainda o abacaxi, o arroz e o milho. De fato, é um setor que tem contribuído para o PIB local, necessitando de um investimento satisfatório para atingir seus objetivos, buscando elevar o padrão de vida da população e fortalecendo a participação do setor rural no desenvolvimento socioeconômico do país, através de um aumento quantitativo e qualitativo da produção.

A estratégia usada para alcançar esses objetivos é a adoção da política agrícola. A discussão sobre a política agrícola do Benim existe há anos. Desde 1990, o país começou a exercer o sistema democrático e liberal, após o fim de regime marxista-leninista no final do ano 1989. Desde então, observa-se que as ações no setor agrícola vêm sendo o foco principal da política governamental.

Partindo de uma retrospectiva histórica da produção agrícola do Benim, segundo Houngbédji (2009), o óleo de dendê era a principal fonte de renda no país durante o período colonial. O país exportou em média 43.614 toneladas de grão de palma e 12.426 toneladas do óleo de palma por ano. Esses produtos representavam 75% do valor das exportações.

Após a independência política em 1960, o Estado deixou a gestão dessa produção para as cooperativas de desenvolvimento rural. A consequência dessa mudança resultou na diminuição da produção de óleo de palma. Desde então, o Estado passou a dedicar-se ao incentivo à produção de algodão, que se tornou a principal cultura de produção agrícola exportadora do país. Mais recentemente, a política agrícola no Benim tem como preocupação desenvolver o uso da tecnologia

na produção, aplicar técnicas modernas, o acesso ao crédito com a intenção de aumentar a produtividade e possibilitar crescimento econômico.

O setor agrícola no Benim contribui com 36% do PIB⁴ do país, tendo um lugar importante no desenvolvimento da nação e empregando uma importante parcela da população ativa (MAEP, 2018). Na década 1990, a situação política e econômica do país começou a ganhar características de estabilidade, guiando a política agrícola para um novo caminho, em que o Estado delegou uma boa parte de suas funções ao setor privado e às organizações de agricultores.

Segundo Hougbedji (2009), após pesquisa e análise, constata-se que a partir desse período, mais especificamente entre 1990 e 1991, o país conheceu uma política agrícola efetiva. Em 1990, a participação do setor agrícola nas receitas de exportação aumentou para mais de 50% do total das receitas de exportação do país (MAEP, 2018).

Para a política agrícola, atualmente, o governo definiu:

Tornar o Benim um poder agrícola dinâmico até 2021, competitivo, atraente, respeitador do meio ambiente, criando riqueza em resposta a necessidades de desenvolvimento econômico e social da população (MAEP, 2018, s/p).

Para chegar nesse resultado, o sistema necessita, dentre outros pontos, garantir a segurança sanitária para os agricultores, capacitar a mão de obra para ser qualificada e garantir a alimentação suficiente da população.

Hougbedji (2009) ainda afirma que, se a política agrícola proporcionar o desenvolvimento no setor, haverá uma diminuição da mão de obra que atua no mesmo. Contudo, o crescimento da produção proporcionará o crescimento de outras atividades aliadas à produção agrícola, como a indústria agroalimentar, em que a mão de obra será empregada. O mesmo autor comparou a política agrícola nos países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, como o Benim. Nesse tema, relatou-se que, nos países desenvolvidos, a agricultura ocupa uma parcela pequena da população ativa, mas o complexo da indústria agroindustrial emprega a maior

⁴ O setor primário representa um pouco mais de um terço do PIB, contribuindo em média de 40%. O setor secundário participa na formação da riqueza, em média, com 13% do PIB, enquanto o setor terciário contribuiu um pouco mais de 50% para a riqueza interna. Esse é o setor líder da economia, em que o dinamismo do comércio está ligado à boa posição geográfica do país, que se constitui em um centro para os países vizinhos (MEF, 2018).

parte da mão de obra revertida e produz uma porcentagem significativa do PIB. Logo, pode-se colocar que, se a política agrícola nos países em desenvolvimento for bem estruturada, respondendo às exigências dos países, pode-se conduzir a um impulso de desenvolvimento econômico.

3 EVOLUÇÃO DO BENIM NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

As exportações do Benim no mercado mundial são compostas em grande parte por produtos agrícolas, seguidos pelos produtos minerais em baixa representação. O comércio exterior beninense se faz pelo fluxo das importações, das exportações nacionais e das reexportações⁵, que representam menor participação dentro dos produtos exportados. As reexportações são destinadas para os países vizinhos tais como Nigéria e Togo, o que torna o Benim um país de ligação na distribuição desses produtos, sendo uma plataforma de trânsito para países próximos.

O Benim beneficia-se da sua posição geográfica, facilitando o acesso entre os países vizinhos. A Nigéria tem aproveitado desse sistema de trânsito para importar uma parte significativa dos seus produtos pelo porto do Benim. O Níger também continua fiel com sua parceria de importar pelo porto autônomo de Cotonou, dispondo de uma plataforma logística inovadora, segura e confiável para o comércio internacional. Porém, apesar da grande demanda de serviços do porto, apresenta-se alguns principais obstáculos, incluindo a fraca eficiência operacional do porto e do seu ambiente. Nesse sentido, ressaltam-se os procedimentos aduaneiros e administrativos lentos que podem dificultar sua competitividade, contra o porto de Lomé, em Togo.

A figura 1 mostra a evolução das exportações e das importações do Benim no comércio exterior durante os anos de estudo. Percebe-se que as importações seguem a tendência de aumento das exportações, mas de uma forma ainda mais elevada. O Benim começou a registrar um aumento das exportações a partir do ano 2007, mesma época em que as importações aumentaram, devido à compra dos produtos manufaturados e ao aumento das importações de combustível e arroz. Já o comportamento das exportações deve-se à introdução de novas máquinas e as condições favoráveis que aumentaram a produção, proporcionando um crescimento significativo no setor exportador. Repare-se que, em 2011, o Benim se deparou a uma queda justificada por ser um ano de eleição⁶, em que o governo congela os

⁵ As reexportações são produtos importados pelo Benim e em seguida exportados para os diferentes países com que divide a mesma fronteira, isso ocorre, sobretudo pela importância de Porto Autônomo de Cotonou para o entorno.

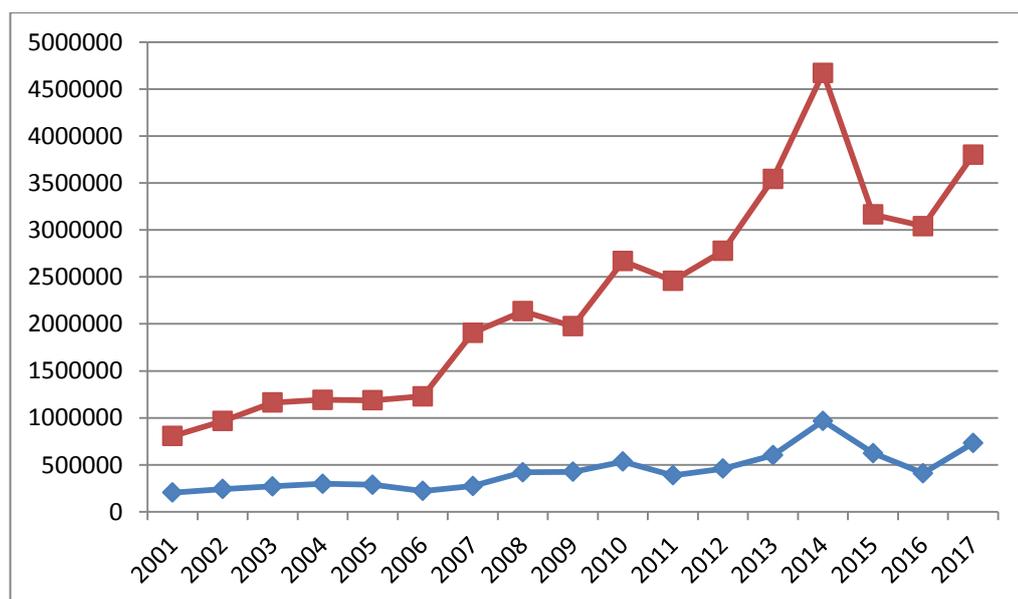
⁶ Nos anos de eleição, o desempenho da economia desacelera, o que se deve à incerteza de uma eleição turbulenta e ao congelamento de gastos do governo para sua melhor organização.

gastos. De fato, menos exportações significam menos divisas que entram, necessárias para importar os equipamentos e os produtos industrializados, cujo país demanda.

As exportações tornaram a crescer no ano seguinte e registraram um pico em 2014. Segundo INSAE (2018), esse aumento se dá pela melhoria na produção de algodão, caju e outros produtos, devido às reformas agrícolas implementadas pelo governo. Em 2016 registrou-se uma queda nas exportações, resultado de um menor investimento no setor agrícola. O comportamento das exportações em 2016 foi de declínio, haja vista que as exportações foram afetadas pelas restrições impostas pelos líderes nigerianos para reduzir o comércio com os países vizinhos. É distinta a proibição das importações dos veículos por via terrestre, mas também as importações de arroz. A desvalorização da Naira⁷ em 2016 também desacelerou o comércio dos produtos do Benim importados pela Nigéria, já que os produtos se tornaram mais caros. Vale salientar que a maior parte das importações de arroz do Benim é destinada em forma de reexportação para a Nigéria.

Em 2017, com a reforma da política agrícola e os investimentos de Programa de Ação do Governo (PAG), as exportações voltaram a crescer impulsionando o aumento das importações.

Gráfico1. Exportações (linha azul) e importações (linha vermelha) agregadas (Benim, 2001-2017, US\$ mil)



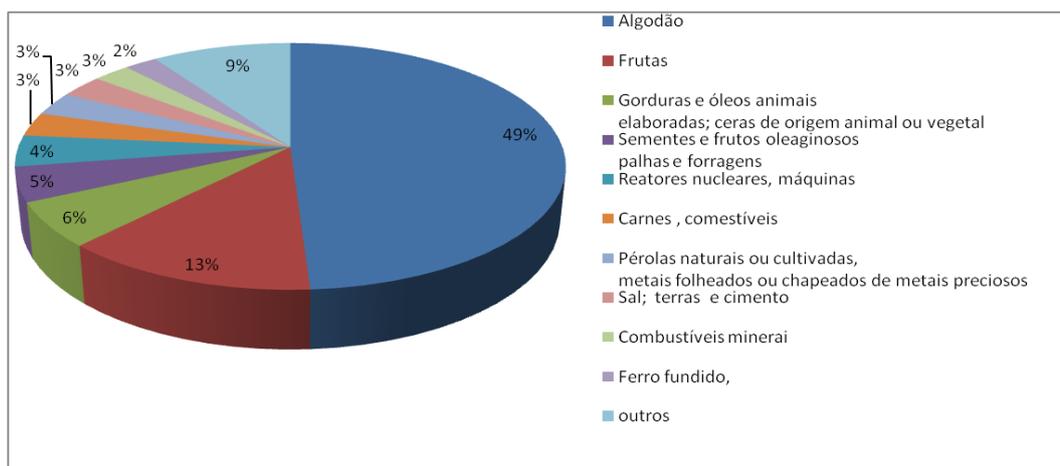
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

⁷ Naira é a unidade monetária oficial da Nigéria.

As exportações dos produtos em 2016 foram de US\$ 409,75 milhões, passando para US\$ 731,58 milhões em 2017, ou seja, um aumento de 78,54% (ITC, 2018). Segundo INSAE (2018), as reexportações efetuadas em 2016 foram de 47.999,4 milhões de francos CFA, aproximadamente US\$ 96,0 milhões, contra o valor de 47.979,0 milhões de francos CFA, aproximadamente US\$ 95,96 milhões em 2017, registrando-se uma queda de apenas 0,04%. Quanto às importações, o total foi de US\$ 2.630,16 milhões em 2016 contra um valor de US\$ 3.068,41 milhões em 2017, ou seja, um aumento de 16,66% (ITC, 2018).

O gráfico 2 mostra os diferentes produtos que são exportados pelo país. O algodão fica em primeiro lugar com 49% da participação nas exportações totais, seguido das frutas com 13% e gorduras e óleos animais ou vegetais com 6%.

Gráfico 2. Principais produtos exportados em 2017



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

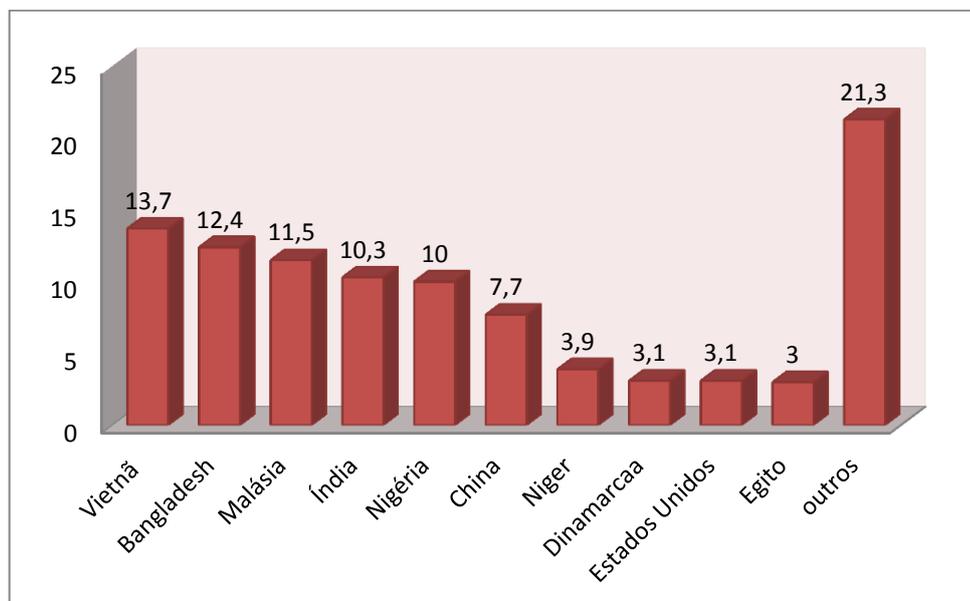
TABELA 1. Principais produtos exportados pelo Benim (Classificação pelo Sistema Harmonizado SH2)

Ranking	2001	Part.%	2005	Part.%	2010	Part.%	2015	Part.%	2017	Part.%
1	Algodão	59,69	Algodão	58,9	Algodão	22,2	Algodão	43,7	Algodão	49,01
2	Frutas Cascas de frutas...	5,88	Frutas Cascas de frutas...	7,06	Cereais	18,9	Frutas Cascas de frutas...	14,42	Frutas Cascas de frutas...	13,03
3	Pérolas naturais...	4,99	Tabacos e seus sucedâneos...	6,72	Carnes	17,76	Embarcações...	6,83	Gordura e óleos vegetais...	5,9
4	Carnes	4,4	Sal, enxofre...	4,08	Combustíveis minerais...	7,47	Sal, enxofre...	6	Sementes e frutos...	4,53
5	Sementes e frutos...	3,49	Gordura e óleos vegetais...	3,24	Ferro e aço	6,82	Ferro e aço	5,2	Máquinas, aparelhos...	4,1
6	Resíduos e desperdícios...	1,81	Ferro e aço	2,63	Frutas Cascas de frutas...	6,08	Gordura e óleos vegetais...	4,28	Carnes	3,12
7	Madeira, carvão...	1,52	Perolas naturais...	2,43	Perolas naturais...	4,34	Combustíveis minerais...	3,64	Pérolas naturais...	3,07
8	Peixes, e crustáceos...	1,17	Sementes e frutos...	2,18	Gordura e óleos vegetais...	3,28	Máquinas, aparelhos...	2,75	Sal, enxofre...	2,97
9	Tabacos e seus sucedâneos...	1,1	Resíduos e desperdícios...	1,62	Máquinas, aparelhos...	2,92	Pérolas naturais...	2,4	Combustíveis minerais...	2,55
10	Máquinas, aparelhos...	0,61	Produto de moagem...	1,62	Resíduos e desperdícios...	1,83	Madeira, carvão...	1,97	Resíduos e desperdícios...	2,22

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do ITC (2018).

O gráfico 3 mostra os principais países importadores do Benim no ano 2017. De acordo com a figura, os países asiáticos dominam o comércio de compra dos produtos que vêm do Benim. Em primeira posição está o Vietnã com 13,7% de participação das exportações totais, e Bangladesh com 12,4%. Em seguida, depois da Ásia, constata-se a presença dos países africanos, a Nigéria com 10% de participação e o Níger com 3,9%. A Dinamarca foi o único país europeu que apareceu nos dez principais países dos destinos dos produtos do Benim, com uma participação de 3,1%. Nesse mesmo ano, nota-se ainda a presença dos Estados Unidos, com 3,1%.

Gráfico 3. Principais países de destino em 2017



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

A tabela 2 dá a visão dos diferentes países que importam do Benim ao longo dos anos. Percebe-se a presença dos países asiáticos, africanos, europeus, mas notifica-se a dominância dos países asiáticos e aparição dos países da América, depois de constar a sua presença em 2001.

Tabela 2. Principais países de destino dos produtos exportado pelo Benim

2001	Part.%	2005	Part.%	2010	Part.%	2015	Part.%	2017	Part.%
Índia	27,3	China	36,2	Nigéria	42,3	Índia	13	Vietnã	13,7
Gana	5,2	Índia	6,9	China	10	Níger	9,6	Bangladesh	12,4
Brasil	5,1	Nigéria	5,8	Índia	4,6	Malásia	8,8	Malásia	11,5
Indonésia	5	Níger	5,3	Gana	4,1	Singapura	7,9	Índia	10,3
Nigéria	4,7	Tailândia	3,6	Chade	3,9	Vietnã	7,5	Nigéria	10
Itália	4,1	Indonésia	3,6	Indonésia	3,2	Bangladesh	7,4	China	7,7
Tailândia	3,8	Togo	3,4	Níger	3,1	Nigéria	6,3	Níger	3,9
Espanha	2,3	França	2,9	Costa de Marfim	2,6	China	5,3	Dinamarca	3,1
França	2,3	Malásia	2,8	Togo	2,2	Indonésia	3,7	Estados Unidos	3,1
Níger	2,2	Mali	2,6	Vietnã	2,1	Paquistão	2,8	Egito	3
Outros	27	Outros	26,9	Outros	21,9	Outros	27,7	Outros	21,3
Exportações totais (US\$ mil)	204.165		288.196		533.902		624.913		731.589

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

3.1 Panorama das exportações de algodão

O Benim é um dos principais produtores de algodão na África Ocidental, onde a Burkina-Faso ocupa a primeira colocação na produção de algodão em 2014 (AICB, 2014). Sendo o único país da região a desenvolver a produção de algodão OGM⁸,

⁸ Organismo Geneticamente Modificado, em que os organismos sofrem uma modificação em relação aos seus patrimônios genética (DNA/RNA) por meio de técnicas de engenharia genética.

Burkina-Faso foi o primeiro a produzir o algodão biológico na zona da África Ocidental e é o segundo maior produtor desse tipo de algodão no nível continental, depois da Tanzânia (AICB, 2014). Segundo a Companhia Maliana para o Desenvolvimento de Têxteis (CMDT, 2018), Burkina-Faso perdeu seu primeiro lugar de produtor para o Mali, que produziu um recorde de 700.000 toneladas na colheita de 2017-2018. Sendo assim, os principais países produtores de algodão na África ocidental são Mali, Burkina-Faso, Costa do Marfim, Benim, Nigéria e Togo.

O algodão, conhecido como o ouro branco, é cultivado há várias gerações e se trata de uma fonte de renda direta e indireta para quase 15 milhões de pessoas na zona UEMOA⁹, cujo Benim faz parte. Nessa zona, o algodão representa cerca de 7% das exportações mundial e continua sendo a principal fonte de renda da população, ocupando cerca de 70% da população ativa na área (UEMOA, 2017).

Particularmente ao Benim, a disponibilidade de terra fértil, um sistema de mão de obra mais ativo e o programa de investimento proporcionaram um aumento da produção nesses últimos anos. A produção de algodão passou de 136.958 toneladas em 2010 para 393.368 toneladas em 2014, ou seja, um crescimento anual de 30,92% segundo (INSAE, 2017). O aumento de produção foi acompanhado por um aumento ainda maior nas exportações, de 158,75% de 2010 para 2014 e 194,24% de 2001-2017.

3.2 Panorama das exportações de caju

A cultura do caju, originária do Brasil, foi introduzida na África pelos colonizadores portugueses. Atualmente, esse produto se encontra em quase todas as regiões tropicais, inclusive no Benim, onde encontra condições propícias a seu desenvolvimento. Na zona da CEDEAO, seis países produzem o caju: Benim, Burkina-Faso, Costa de Marfim, Gana, Guiné-Bissau e Senegal. A Índia é o principal produtor, seguido respectivamente pela Costa do Marfim, Vietnã e o Brasil. O Benim ocupa o oitavo lugar no mundo em produção de caju (AKOMAGNI; ICHOLA, 2017).

⁹ A União Econômica e Monetária do Oeste Africano é uma organização de integração regional formada por sete países da África Ocidental: Benim, Burkina-Faso, Costa de Marfim, Guiné Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo, que têm em comum uma moeda única, o Franco CFA. A zona UEMOA possui uma superfície de 3,5 milhões de km² e uma população de 104 milhões de habitantes (UEMOA, 2017).

No Benim, a produção do caju ganhou força a partir da preocupação dos governantes em diversificar a produção rural, na busca de melhorar os resultados agrícolas e complementares a produção de algodão com outra cultura. Com efeito, o caju é o segundo produto mais exportado pelo país e o terceiro contribuinte na economia nacional, depois de algodão e o porto autônomo (MAEP, 2017).

Esse produto revelou sua importância para a economia do país desde a década de 1990, mas obteve pouca atenção e investimento voltado ao setor. Segundo Akomagni e Ichola (2017), a primeira plantação de caju foi cultivada no país na década de 1960, pela Sociedade Nacional para o Desenvolvimento Florestal (SNAFOR). Durante sua rápida expansão, a exploração foi transferida à gestão do Centro de Ação Regional e de Desenvolvimento Rural (CARDER). Nesse período de expansão, o produto já atingia uma área plantada de 10.000 hectares, registrado em 1973. Ao longo dos anos de 2010 a 2017, a área foi ampliada a 200.000 hectares, reunindo um número de 192.000 produtores, cujos 100.000 são membros da Federação Nacional dos Produtores de Anacardium do Benim (FENAPAB), através das cooperativas de base (FENAPAB, 2017).

Segundo Adegbola e Zinsou (2010), a produção de caju não apenas vem para complementar, mas para equilibrar o crescimento econômico do setor agrícola, garantir a segurança de renda familiar, bem como aumentar a capacidade para atrair divisas estrangeiras. A planta apresenta múltiplos objetivos de produção, a castanha de caju e a própria fruta. A crise do setor algodoeiro, em 2004, evidenciou a importância da cultura de caju, ajudando a sustentar a economia durante a baixa safra de algodão.

3.3 Panorama das exportações de soja

A produção de soja é uma nova atividade promissora para a agricultura beninense. A cultura é explorada em todas as regiões do país, mas especialmente nas regiões norte e nordeste. A produção de soja surge como uma nova alternativa de desenvolvimento para lutar contra a pobreza na região, gerando riqueza e emprego (MAEP, 2017). Ainda segundo o órgão, a área plantada expandiu aos longos dos anos de 1999 a 2015, de 2.200 hectares para 145.134 hectares. O aumento da superfície foi acompanhado pelo aumento da produção, que passou de 1.443 toneladas para 157.620 toneladas nesse período.

No Benim, a produção de soja e suas colheitas foram feitas durante muitos anos usando tecnologias tradicionais. O processo se dá através de três passos: acompanhamento na produção, gestão de colheita e pós-colheita. Nesse aspecto, houve intervenção de algumas instituições como os Parceiros Técnicos e Financeiros (PTF) e o Programa de Tecnologias Agrícolas e Alimentar (PTAA) na intenção de melhorar o setor e adaptar as produções a tecnologias modernas, (FAO, 2018).

O PTAA é um dos programas do Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola do Benim (INRAB), que tem como objetivo adaptar as tecnologias agrícolas existentes e desenvolver o aumento no rendimento da produção, garantir a conservação dos solos, melhorar as condições de trabalho dos agricultores e, se necessário, projetar tecnologias de armazenamento para conservar os produtos pós-colheita, com a finalidade de evitar a perda causada por micro-organismos, insetos e roedores (FAO, 2018).

Várias atividades estão sendo realizadas para melhorar a produção da soja, com o apoio do Ministério de Agricultura, que também intervém para melhorar a técnica de produção e a colheita. Conforme a FAO (2018), o plano de ação do MAEP no setor agrícola (2017-2021) pretende aumentar a produção utilizando as tecnologias apropriadas, a fim de aumentar as suas exportações para o mercado internacional.

3.4 Panorama das exportações de óleo de algodão

O impacto econômico da exportação de algodão sobre a economia nacional é um fato incontestável, como abordado anteriormente. Na produção de algodão, subprodutos derivados também ganham relevância, como o óleo de algodão. Em 2001, o governo proibiu as exportações de grão de algodão para suprir a demanda do mercado local das indústrias de produção. Em 2006, proibiu as importações dos óleos vegetais para proteger as indústrias nacionais. Os óleos de algodão competem com óleos vegetais importados dos países membros da União Econômica Monetária Oeste África (UEMOA) e dos países asiáticos. Segundo Baffes (2010), essas medidas foram contrárias aos acordos da UEMOA¹⁰, prejudicando os interesses dos

¹⁰ Reforçar a competitividade das atividades econômicas e financeiras dos Estados-Membros em um mercado aberto e concorrencial e um ambiente jurídico racionalizado e harmonizado; assegurar a

consumidores. Em 2007, foram liberadas as importações conforme a decisão de UEMOA. Desde então, os países membros da união podem exportar para o Benim, mas as importações de óleo de palma são aplicadas a uma taxa de 45%, por ser um produto substituto ou concorrente direto do óleo de algodão. Ademais, Nigéria e Togo são importadores do óleo de algodão beninense, mas cabe destacar que o Togo também exporta esse produto para o Benim, mas isso se deve à concorrência de diferentes marcas na região.

Na década de 1970, o processamento de semente foi menosprezado, não sendo considerado como um subproduto. A maior quantidade era exportada para a Europa, onde a demanda para as indústrias de laticínios era muito forte. A partir da década de 1980, a empresa pública de processamento, Sociedade Nacional das Indústrias de Gorduras e Óleos (SONICOG), começou a atuar no processamento da semente de algodão, obtida por meio da Sociedade Nacional para a Produção Agrícola (SONAPRA) (BAFFES, 2010).

A SONAPRA era uma empresa pública criada em 1984 para o gerenciamento do setor algodoeiro, mas prejuízos financeiros se deram devido às repetidas crises dentro da firma e à falta de capacidade de descaroçamento, fatores que levaram à privatização da firma em 2008. No processo de privatização, surgiram novas empresas no segmento de descaroçamento de semente de algodão, tais como a Indústria de Desenvolvimento de Algodão (SODECO), com dez fábricas de descaroçamento, a Sociedade Algodoeiras Associada de Agrupamento de Interesse Econômico (ICA-GIE), com cinco fábricas, e o Laboratório de Algodão do Benim (LCB), com uma fábrica. (BAFFES, 2010). Essas fábricas são apenas para o descaroçamento de semente de algodão, que vendem para a Fludor-Benim, a Sociedade dos Óleos do Benim e a Indústrias de Óleos e Grãos como matérias primas para sua produção final (óleo de algodão).

Segundo o mesmo autor a Fludor-Benim, empresa da produção de óleo de algodão, para trituração das sementes, surgiu em 1996. O investimento da empresa em sua instalação permitiu à mesma uma capacidade de trituração de 90.000 toneladas. Além disso, salienta-se que, em 1997, a privatização do SONICOG deu

convergência do desempenho e das políticas econômicas dos Estados-Membros através do estabelecimento de um procedimento de supervisão multilateral; criar entre os Estados-Membros um mercado comum baseado na livre circulação de pessoas, bens, serviços, capitais e direito de estabelecimento de pessoas que exerçam uma atividade independente ou assalariada; bem como promover uma pauta externa e uma política comercial comum.

lugar a duas novas indústrias de iniciativa privada: a Sociedade dos Óleos do Benim (SHB), com uma capacidade de trituração anual de 120.000 toneladas, capaz de produzir 19.200 toneladas de óleo; e a Indústria Beninense de Óleos e Grãos (IBCG), com uma capacidade de trituração de 40.000 toneladas. No entanto, o IBGC é inativo desde 2006, ou seja, atualmente o setor conta apenas com duas indústrias ativas na produção de óleo de algodão.

Na dimensão de se fortalecer a produção de óleo de algodão, as duas indústrias em atividade optaram usar uma tecnologia avançada, utilizando solvente, tecnologia que ajuda na extração de óleo contido nas sementes. Atualmente, em torno de 95% do óleo de semente produzido no Benim é obtido pela tecnologia baseada em solvente, com uma taxa de extração de 16% de peso da semente de algodão, comparável a média dos Estados Unidos (BAFFES, 2010).

3.5 Panorama das exportações de combustíveis

Os produtos petrolíferos no Benim se vendem de dois modos: o formal e o informal. De fato, o mercado informal ampliou bastante de forma a superar o mercado formal e passou a ser considerado como um mercado regularizado pela sua dominância. O mercado informal é formado pelos distribuidores não cadastrados que criaram um mercado paralelo para a comercialização dos produtos, com participação aproximadamente de 85% nas distribuições (MICA, 2017).

Na década de 1990, o Benim passou por muitas reformas, sendo o início da reconstrução do país. Além da reforma agrícola e institucional, o país passou por uma reforma estrutural no mercado petrolífero que resultou em uma abertura para ao setor privado nacional e internacional.

Desde a segunda metade da década de 1970, a empresa de comercialização dos produtos petrolíferos (SONACOP) possuía o monopólio no mercado. Porém, em 1996 a empresa perdeu o regime de monopólio por causa da reforma que permitiu 16 empresas nacionais e multinacionais a comercializarem o produto petrolífero no Benim. Apenas cinco empresas (SONACOP, TEXACO, TOTAL, ORYX e SHELL) que operam efetivamente na atividade de distribuição e comercialização desse produto. Vale lembrar que as explorações e as produções dos combustíveis e seus derivados estão sob a responsabilidade do Estado. Apesar disso, a política de

reforma não conseguiu encontrar nenhuma solução para erradicar o comércio informal ou aplicar uma medida para formalizar essas transações.

O mercado informal de comercialização local sobrevive devido à disparidade de preço do consumidor dos produtos entre a vizinha Nigéria e o Benim. O preço mais baixo na Nigéria impulsiona o mercado informal a adquirir os produtos no país vizinho e revender no mercado local de forma ilegal, a um preço baixo, competindo com o mercado formal. Segundo Segbame (2013), essa situação é consequência de subsídio concedido na Nigéria no final de 2011 sobre o preço de combustível na bomba e o monopólio de distribuição que o SONACOP tinha com uma cobertura fraca, ao não atender todas as demandas da população. As exportações de combustíveis são fornecidas pelo setor formal. Os produtos são destinados aos países do bloco da CEDEAO, sobretudo Togo e, Costa de Marfim.

3.6 Panorama das exportações do ouro

Os países em desenvolvimento têm sua economia baseada no setor primário, algo que o Benim se enquadra. Porém, com as dificuldades climáticas e as flutuações de preço dos produtos agrícolas no mercado internacional, um esforço de Estado juntos com os setores privados podem iniciar um desenvolvimento sustentável na atividade extrativa dos recursos minerais (ouro).

O ouro tem um papel importante no desenvolvimento econômico do país. Desde a década 1990 até os dias atuais, o setor de ouro recebeu mais de US\$ 494 milhões que permitiram a descoberta de outras substâncias úteis e o começo da sua exploração. A produção total era, em 1997, de 18,2 toneladas, contribuindo com 39% da receita de exportações daquele ano, colocando o ouro no segundo lugar da produção de exportação (UNPAN, 2013). Depois de muitos anos em uma situação de decadência, o setor voltou a operar em escala crescente com o apoio governamental e da iniciativa privada. Em consequência, em 2017, registrou-se uma exportação de 18 toneladas, com crescimento anual de 5,04% no valor das exportações ao longo do período analisado (ITC, 2018).

Vale salientar que as exportações do setor mineiro, ou seja, o ouro tem como objetivo de contribuir no desenvolvimento sócio econômico do país. Em comparação ao setor agrícola, a sua participação é pouca, de 3% das exportações totais, mas significativa por ser um setor de uma maior valorização (ITC, 2018). Os olhares

voltados a esse setor para sua exploração e exportação consistem em maximizar a receita que decorra das exportações a fim de melhorar as condições de vida da população.

Em um estudo de pesquisa publicado nos relatórios de Banco Central dos Estados da África Ocidental, (AMEGANVI, 2015), afirma-se a importância do setor das minas e sua contribuição no PIB. Segundo o mesmo o autor, um aumento de 1% no setor das minas (ouro) leva, em media, a uma redução de 0,09% da pobreza. No entanto, em comparação com o setor agrícola, esse efeito é consideravelmente menor, mas significativo na formação do PIB, na redução de pobreza em um país em desenvolvimento como o Benim, em desenvolvimento humano e o mais importante na dinâmica das exportações do país.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O comércio exterior rende benefícios para a economia quando um país se especializa na produção de determinado bem do qual ele sabe fazer melhor, apresentando vantagem comparativa nesse bem. Dessa forma, aumenta a renda da economia e estabelece ganhos com o comércio exterior. O país obtém vantagem comparativa se o custo de oportunidade da produção de um bem em relação a outro é menor que em outros países. Nesse sentido, os tópicos a seguir procuram levantar o referencial teórico a respeito desse tema.

A primeira seção faz uma breve revisão sobre as teorias mercantilistas. A segunda, por sua vez, traz a teoria clássica de comércio internacional elaborada por Adam Smith, conhecida como a teoria da vantagem absoluta. A terceira seção avança sobre a teoria clássica de vantagem comparativa de David Ricardo. Em seguida, a quarta seção se debruça sobre o modelo de fatores específicos, desenvolvido por Paul Samuelson e Ronald Jones. A quinta seção foca na teoria de vantagem comparativa, usando a disponibilidade relativa de fatores de produção, uma contribuição de Heckscher-Ohlin. Na sequência, a sexta seção trata da nova teoria de comércio e, finalmente, na sétima seção, desenvolve-se a ideia de Porter sobre a teoria de vantagem competitiva.

4.1 O mercantilismo

No final de século XV difundiu-se a prática econômica conhecida como mercantilismo. Seus defensores acreditavam que, para uma nação tornar-se rica ou poderosa, esta deveria perseguir saldos comerciais positivos. Dessa forma, os mercantilistas mediam a riqueza pelo estoque de metais preciosos e pela geração de superávit comercial. Segundo Carvalho e Silva (2004), a prática seria de estímulo às exportações das nações e imposição de barreiras às importações para aumentar sua riqueza.

O mercantilismo, portanto, expressava uma prática econômica dominante em que uma nação deveria apresentar superávit em sua balança comercial, acumulando a riqueza principalmente através de metais preciosos. Os metais preciosos faziam o papel de moeda, sendo um objeto escasso na economia. Neles foram incorporados

os valores de moeda, ou seja, moeda-mercadoria que servia de dinheiro em todas as trocas comerciais. As ideias mercantilistas viam o comércio exterior como um jogo de soma zero, isto é, na troca de duas nações, um país sai ganhando e outro perdendo. Assim, a prática mercantilista não favorecia o ganho para ambas as nações envolvidas no comércio.

O mercantilismo teria o objetivo de fortalecer a economia doméstica, por isso justificando a existência de barreiras para bens estrangeiros. Segundo Smith (2008), essas barreiras impostas às importações se faziam por meio de imposição das altas taxas às importações e cotas aos produtos estrangeiros. A medida de proteção, sendo positiva para as firmas locais, em contrapartida, diminui a competitividade e favorece o surgimento de monopólios. Ademais, o mercantilismo dava maior atenção a produtos manufatureiros, atividade essencial à política mercantilista por gerar produtos mais valorizados. Ao final do século XVIII, teóricos clássicos como Adam Smith e David Ricardo imprimiram novas ideias, passando a defender o livre comércio entre as nações, em contraposição aos princípios mercantilistas.

4.2 A teoria do comércio exterior de Adam Smith

O filósofo e economista Adam Smith, expoente do liberalismo econômico e da defesa do livre comércio internacional, justificava que a abertura permitiria render ganhos para as duas nações envolvidas, assim como para a economia mundial, promovendo bem-estar para a população. Para justificar sua proposição, Smith desenvolveu a teoria da vantagem absoluta: um país deve se concentrar na produção de bens que demandam menor quantidade de fatores de produção, a um menor custo, exportando o excedente de consumo interno, de forma que o lucro deve ser convertido para importar bens que ele produz a um maior custo (KRUGMAN; OBSTFELD, 2001).

Dessa maneira, duas nações realizariam o comércio entre si quando ambos saíssem ganhando. Em outras palavras, Adam Smith não media a riqueza de uma nação pelo estoque de metais preciosos, mas pelo termo de produção e consumo da sua população. Assim, os países se especializariam na produção de bens em que apresentassem vantagem absoluta, ou seja, na produção de bens que fossem mais produtivos, exportando este determinado bem, ao mesmo tempo em que importaria o bem em que tal país fosse menos produtivo. Dessa forma, a produção de ambos

os bens aumentarão, produzindo um produto de maior qualidade e baixo custo, aumentando o consumo das duas nações devido à especialização.

Segundo essa recomendação, portanto, cada país deve se especializar e exportar a produção de um bem que ele produz a um menor custo, o que beneficia cada um dos países envolvidos no comércio internacional, podendo comprar dos outros mais barato a mercadoria que seria produzida o maior custo. Segundo Maia (2000), destaca-se que a divisão do trabalho promove a especialização e o aumento da produção em grande escala, proporcionando menores custos de produção.

O processo produtivo, para definir se um país possui a vantagem absoluta, caracteriza-se então por um único fator de produção, o trabalho, mantendo-se constantes os outros fatores de produção. Quanto maior a hora de trabalho incorporada na produção de um bem, maior o preço desse bem, sendo o fator trabalho determinante do preço do bem no mercado.

Uma limitação teórica que precisa ser anotada, segundo Rainelli (1998), é a realização de um devido comércio existente quando as nações apresentam vantagem absoluta para alguns produtos, excluindo do comércio aquelas que não apresentam nenhum produto ou serviço com vantagem absoluta.

4.3 A teoria ricardiana de comércio exterior

A teoria de David Ricardo tem como base a teoria de Adam Smith, reformulando a teoria deste. A doutrina da vantagem comparativa proposta é uma base da teoria de comércio internacional, sugerindo que cada país deve se especializar na produção de bens que ele melhor sabe fazer, em que ele é mais eficiente e apresenta uma maior vantagem comparativa, aumentando sua produção interna (RICARDO, 1982). Dessa maneira, o comércio seria vantajoso para um país quando este se especializa na produção de bens que ele produz com menor custo em seu ambiente, de forma que as exportações seriam associadas aos bens em que há maior produtividade relativa, isto é, vantagem comparativa na produção, importando-se bens que apresentam menor produtividade.

Pela observação de Ricardo, o comércio internacional proviria da diferença da vantagem comparativa e que a troca de mercadoria se realizaria entre as nações que apresentam uma vantagem comparativa relativa, em vez de uma vantagem absoluta. Segundo Coutinho (2005), A vantagem comparativa considera o custo de

oportunidade, ou seja, a relação entre as quantidades de um determinado bem que os países podem deixar de usar para se dedicar na produção de outro bem. Segundo a teoria Ricardiana, a vantagem comparativa é proveniente das diferenças de produtividade do fator trabalho para distintos bens.

Pode-se constatar a importância do comércio entre as nações para o ganho comercial e distribuição de renda. Num país subdesenvolvido como o Benim, o setor mais produtivo é o setor agrícola, destinando o investimento interno e externo para sua produção, servindo para a aquisição da tecnologia. Assim, a divisa que entra pelas exportações dos produtos, sai através da importação de equipamentos. Segundo a teoria Ricardiana, um país que é “absolutamente” menos eficiente na produção de um bem e “relativamente” mais eficiente na produção desse bem, pode continuar no comércio internacional, produzindo e exportando o bem em questão.

De acordo com Salvatore (1998), ambas as nações ganham com a especialização de cada um na produção e exportação da mercadoria em que possui vantagem comparativa. Dessa forma, cada país se especializa na produção de um bem em que seu preço relativo excede seu custo de oportunidade. O comércio entre eles ocorrerá, então, quando cada um se especializar no que produz com mais eficiência, gerando o ganho e a melhora no bem-estar econômico.

Segundo Kenen (1998), a lei da vantagem comparativa pode ser colocada da seguinte maneira: determinados itens, sendo produzidos internamente a menores custos, seriam exportados para outros países; enquanto outros itens, produzidos de forma mais barata no externo, seriam importados de outros países.

As trocas entre as nações, aplicando o princípio de vantagem comparativa, promoveriam ganhos para as mesmas envolvidas, porque estas viriam a conseguir bens e serviços a um menor custo, especializando-se nas atividades nas quais apresentam uma vantagem comparativa. Importar os produtos nos setores nos quais a nação é relativamente menos produtiva e aumentar suas exportações nos setores nos quais é mais produtivo, é vital para melhorar o padrão de vida de uma nação (CARBAUGH, 2004).

O modelo de David Ricardo apresenta algumas hipóteses, dentre as quais pode-se ter a existência da teoria do valor-trabalho; de dois países e dois produtos; a perfeita mobilidade de fator de produção no mercado interno; uma ausência de mobilidade de mão de obra, quando se fala de mercado internacional; concorrência perfeita de fator de produção em todos os mercados; custo de produção constante;

custo de transporte zero; e ausência de mudança tecnológica. Nesse conjunto de hipóteses, segundo a teoria do valor-trabalho, o único fator de produção seria a quantidade de trabalho empregado na produção de cada bem, considerado como o custo de produção dos bens. Assim, o preço do bem seria determinado pela quantidade de tempo dedicado ao trabalho na produção deste. Isto implica que o valor deve ser entendido como uma proporção de troca, que não depende da remuneração de trabalho, mas do trabalho contido na mercadoria como princípio de determinação de valor.

Destaca-se que a teoria da vantagem comparativa fundamenta-se na teoria do valor-trabalho, mesmo esta sendo rejeitada por suas limitações, admitindo apenas um fator de produção e uso da mão de obra em proporção fixa, sendo óbvio que ela não é homogênea. A produção de um bem não implica só na mão de obra, existindo variedades de matérias primas.

A teoria de vantagem comparativa foi revista, por outro lado, pela teoria de custo de oportunidade. Assim, o custo de uma mercadoria é a quantidade de um segundo bem do qual se deve abrir mão para transferir seus fatores de produção e recursos necessários para a produção de uma unidade adicional da primeira mercadoria, conforme afirma Salvatore (1998).

Segundo Krugman e Obstfeld (2005), um país possui uma vantagem comparativa na produção de um bem quando o custo de oportunidade de sua produção é menor em relação à produção dos outros bens. Há melhoria no padrão de vida dos indivíduos dos países envolvidos no comércio especializando-se no bem em que detém uma vantagem comparativa: “Em um mundo com mercados competitivos, o comércio ocorrerá e será benéfico sempre que houver diferenças internacionais nos custos relativos de produção” (KENEN, 1998, p. 22).

4.4 O modelo de fatores específicos

O modelo ricardiano não consegue analisar de forma adequada a questão da distribuição de renda doméstica. Este apresenta um único fator de produção, a mão de obra homogênea, bem como inexistência de custo ou barreira para a mobilidade do fator produtivo entres os diferentes setores de produção.

Apesar das limitações apresentadas pelo modelo ricardiano, sua utilidade não deixa de ser importante para perceber a possibilidade de ganho com o comércio. O

custo de oportunidade é relativo, apresentando-se de forma diferenciada entres os países. Essa diferença é aceita por diferentes autores como um benefício de comércio. Esse assunto será abordado a seguir com maior profundidade, a fim de se chegar a uma maior compreensão em relação ao modelo de fatores específicos.

O modelo de fatores específicos, desenvolvido por Paul Samuelson e Ronald Jones (1971), procura analisar a distribuição de renda doméstica dos países envolvidos no comércio internacional. Como exemplo dessa análise, parte-se do modelo simplificado: dois países, dois bens e três fatores de produção (capital, terra e trabalho), sendo divididos em dois fatores de produção específicos (capital e terra), cujo fator terra é utilizado especificamente na produção de um dos bens, assim como o fator capital é utilizado na produção de outro bem, enquanto o fator trabalho é utilizado na produção dos dois bens, sendo um fator capaz de se movimentar entres os dois setores produtivos.

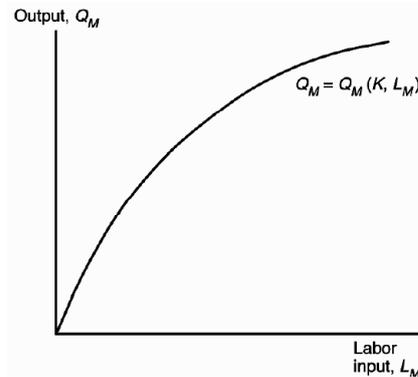
Seguindo Krugman e Obstfeld (2005), imagine-se que os dois bens produzidos são manufatura e alimentos, cujo fator capital é usado apenas na produção de manufatura e o fator terra é usado apenas na produção de alimentos. Já o fator trabalho, que não se apresenta como um fator específico é usado tanto na produção da manufatura quanto na produção de alimento.

A questão seguinte consiste em determinar o quanto de cada bem a economia produzirá. A função de produção descreve a quantidade de cada mercadoria que pode ser produzida, dado o uso de uma determinada quantidade de insumo. Assim, a função de produção de manufatura é descrita como $Q_M = Q_M(K, L_M)$, enquanto a função de produção de alimento é colocada como $Q_A = Q_A(S, L_A)$.

A função de produção define a possibilidade de produção de cada bem. Há um aumento na quantidade produzida do bem alimento, ou de manufatura, quando acontece um aumento do fator trabalho, móvel entres os dois setores produtivos. No primeiro momento, o aumento de trabalho em um dos setores, para dada oferta de fatores específicos (capital e terra), aumenta a produção, ou seja, a produtividade marginal de trabalho é positiva ($PMgL_A > 0$; e $PMgL_M > 0$). No segundo momento, à medida que aumenta o fator trabalho e os fatores específicos continuam fixos, haverá um rendimento marginal decrescente ($\frac{\partial PMgL_A}{\partial L} < 0$; e $\frac{\partial PMgL_M}{\partial L} < 0$).

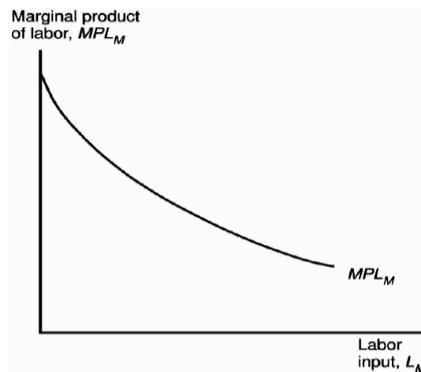
Graficamente, em particular à produção de manufatura, as figuras a seguir representam sua função de produção, bem como a produtividade marginal do trabalho, a qual se mostra positiva, mas com rendimentos decrescentes.

Figura 1. Função de produção (manufatura)



Fonte: Krugman e Obstfeld (2005).

Figura 2. Produtividade marginal do trabalho (manufatura)



Fonte: Krugman e Obstfeld (2005).

No modelo ricardiano, por este assumir um único fator de produção, a fronteira de possibilidade de produção seria uma linha reta, visto que o custo de oportunidade das manufaturas, relativo a alimentos, seria constante. Contudo, o modelo de fatores específicos incluiu outros fatores de produção, transformando a fronteira de possibilidade de produção em uma curva. Essa curva considera os retornos decrescentes do trabalho em cada setor. Pode-se dizer que esses retornos mostram a diferença crucial que existem entre o modelo ricardiano e o modelo de fatores específicos (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

A questão norteadora nessa próxima fase é como o setor aloca o fator trabalho para maximizar seu lucro. Os setores empregam trabalho até o ponto em

que o valor produzido por um homem, a hora adicional, iguala-se ao custo de empregar àquela hora na produção. Assim, o valor da hora adicional é dado pela multiplicação entre o produto do trabalho e o preço de uma unidade do bem produzido (na manufatura, $PMgL_M \cdot P_M$). Se W representa o salário nos dois setores, o valor dos salários é igual ao preço das mercadorias multiplicado pela produtividade marginal do trabalho. Neste ponto, os empregadores vão contratar até onde as firmas maximizam seus lucros (ou seja, $PMgL_M \cdot P_M = W$ e $PMgL_A \cdot P_A = W$).

Assumindo a hipótese de que o fator trabalho é perfeitamente móvel entres os setores produtivos, caso aconteça uma diferença de salário entre os setores, os trabalhadores se deslocam para o setor que apresenta um maior salário de remuneração. O setor que apresenta um maior salário terá uma maior oferta de trabalho, o que tende a pressionar o salário para baixo. Dessa maneira, referido processo continua até que o salário se iguale nos dois setores.

Dividindo as equações de maximização de lucro uma pela outra, tem-se que:

$$\frac{PMgL_M}{PMgL_A} \times \frac{P_M}{P_A} = \frac{W}{W} \quad (1)$$

$$\frac{P_M}{P_A} = \frac{PMgL_A}{PMgL_M} \quad (2)$$

Essa relação entre as equações mostra que o preço das manufaturas, relativo ao preço dos alimentos, é igual ao valor (em módulo) da inclinação da fronteira de possibilidade de produção. Assim, quando a economia tende a se especializar na produção de alimentos, o preço das manufaturas tende a cair, enquanto que o preço de alimento precisa aumentar.

Se o modelo de fator específico for aplicado a uma economia aberta, a teoria da vantagem comparativa sugere que haja ganho com o comércio. Para verificar isso, basta supor uma economia doméstica que disponha de abundância de terras, enquanto que a economia estrangeira possui relativamente mais capital. O comércio internacional implicará um preço relativo homogêneo na economia doméstica e na estrangeira. Uma demanda relativa que seja considerada a mesma em termos de preço relativo, só se difere em oferta relativa por causa de diferença em fatores de produção (capital, terra, trabalho) e tecnologias. A oferta relativa do país doméstico indica um preço relativo maior da manufatura em relação ao país estrangeiro. A

abertura de comércio aumentará a produção mundial e fará com que aumente a produção local em alimentos, importando manufaturas relativamente mais baratas do estrangeiro. O estrangeiro aumentará sua produção em manufatura, importando alimentos relativamente mais baratos da economia doméstica. Na realização de trocas comerciais, a produção de manufaturas e alimentos leva a uma convergência de preço relativo, que resulta a quantidade de oferta relativa mundial que intercepta a quantidade de demanda relativa mundial, fixando o preço relativo de equilíbrio mundial.

Por outro lado, na hipótese de economia fechada, a produção do bem se igualava ao seu consumo. Ao se abrir a economia, porém, é possível consumir diferentes quantidades dos dois bens produzidos, isto é, os países envolvidos no comércio podem consumir mais do que produzem, seja de manufaturas ou de alimentos. Porém, os montantes de cada bem que um país produz e consome podem ser diferentes: o país não pode gastar mais do que recebe e o valor de consumo se iguala ao valor de produção.

$$P_M \times D_M + P_A \times D_A = P_M \times Q_M + P_A \times Q_A \quad (3)$$

$$D_A - Q_A = \left(\frac{P_M}{P_A} \right) \times (Q_M - D_M) \quad (4)$$

Em que: D_A = consumo de alimento, D_M = consumo de manufatura e Q = produção. A equação mostra que as importações de manufatura são iguais às exportações de alimentos, multiplicadas pelo preço relativo de alimentos. Na realização de comércio internacional entres os dois países, o aumento de preço dos alimentos no local aumenta a receita arrecadada nas exportações, o que permite financiar as importações das manufaturas do país estrangeiro. Por sua vez, a queda de preço dos alimentos no estrangeiro aumenta suas receitas das exportações de manufaturas, fazendo com que ele financie as importações de alimentos produzidas no outro país.

4.5 A teoria de Heckscher-Ohlin (H-O)

O modelo ricardiano usa um único fator de produção, a mão de obra, para justificar a teoria de vantagem comparativa. Por sua vez, o modelo H-O usa dois fatores de produção: capital e trabalho. A diferença entre esses modelos clássicos e neoclássicos é que, na teoria de comércio internacional, os neoclássicos consideram um conjunto de fatores de produção, e não mais apenas um fator de produção. Assim, o modelo H-O postula que, na produção, as regiões diferem apenas na dotação dos fatores de produção, e que o fator tecnologia seria similar (GONÇALVES, 1998). Referido modelo também é conhecido como a teoria das proporções dos fatores e considera a vantagem comparativa pela diferença na dotação de um fator de produção e pela intensidade que esses fatores são incorporados na produção de variados bens. Nesse sentido, o comércio se realizará entre dois países quando cada um exportar o bem intensivo em seu fator abundante, importando os bens intensivos em fator de produção menos abundante.

Segundo Gonçalves (1998), o modelo H-O focaliza-se na diferença do uso dos fatores de produção e na diferença na intensidade que esses fatores são utilizados na produção de diferentes produtos. A vantagem na exportação se refere aos países cuja produção usa o fator relativamente abundante e barato. A diferença dos fatores de produção, capital e trabalho, é incorporada na produção como insumo, determinando se o país possui a vantagem comparativa. O modelo argumenta que um país tem vantagem comparativa quando os produtos produzidos são influenciados pela abundância relativa dos fatores.

Aludindo ao que disse Williamson (1993), os países diferem entre si a partir dos fatores de produção, nos estoques relativos, assim como “as diferentes ofertas de fatores influenciam os custos de produção de determinados bens” (WILLIAMSON, 1993, p.30).

Krugman e Obstfeld (2005) afirmam que o modelo proposto por Heckscher-Ohlin (H-O) revela que a vantagem comparativa é instigada pela interação entre os recursos das nações, ou seja, a abundância relativa dos fatores de produção e as tecnologias dos meios de produção, a qual influencia a intensidade relativa dos diferentes fatores de produção, sendo também utilizadas na produção de diferentes bens. Além disso, o comércio entre as duas nações traz ganho e bem-estar

econômico das nações envolvidas no comércio internacional, expandindo assim as possibilidades de consumo.

O comércio favorece os consumidores a terem uma variedade de escolha de consumo. Uma economia autossuficiente não consegue atingir um determinado nível de desenvolvimento esperado por se restringir a seu próprio mercado. A teoria de comércio tenta mostrar a importância das trocas na economia e o quanto isso traz ganhos para as nações envolvidas. A teoria de Heckscher-Ohlin (H-O) tenta explicar a vantagem comparativa através da diferença em abundância de fatores de produção e a diferença no preço dos fatores. Isso representa a causa para a diferença em termos de preços relativos de fatores de produção e nos preços relativos de mercadorias entre as duas nações, segundo Salvatore (2007).

Nesse ponto, os fatores de produção têm papel fundamental para que seja possível analisar as diferenças no comércio internacional. Conforme Krugman (2010, p. 48): “Em geral, uma economia tenderá a ser relativamente eficaz na produção de bens que sejam intensivos nos fatores dos quais o país é relativamente bem dotado”.

O modelo de H-O, de acordo com Krugman e Obstfeld (2001), as vantagens comparativas são oriundas das diferenças dos estoques relativos dos diversos fatores de produção entre as nações, exercendo uma influência nos custos de produção dessa mercadoria. Porém, as nações compartilham a mesma tecnologia e se diferem na posse dos fatores de produção tais como a terra, os recursos naturais, a mão de obra e o capital. Assim, a nação que possui um fator trabalho relativamente abundante, produz um bem intensivo em trabalho a um custo menor, exportando seu bem e, tendo uma vantagem comparativa nesta produção.

Ao concluir, o pressuposto de modelo H-O é a especialização de cada nação na produção do bem em que possui um fator de produção em abundância relativa, exportando-o e importando o bem em que os fatores de produção intensivos são relativamente escassos. Apesar de ganhar a aceitação do grande público de meio acadêmico por ser um modelo influente para explicar o comércio internacional, os pressupostos do modelo não acontecem na realidade devido às diferenças de tecnologia.

Conforme Krugman e Obstfeld (2001), há três pontos recentes que explicam o fracasso da teoria na realidade atual do comércio. O primeiro ponto se explica pelo crescente comércio de bens cuja produção envolve proporção de fatores de

produção semelhante. O segundo se refere à existência de grande volume de comércio internacional entre países industrializados. Por fim, o terceiro ponto acentua a ascensão das empresas multinacionais com um novo tipo de fluxo comercial, ou seja, a importação e a exportação entre diferentes subsidiárias de uma mesma firma.

Desse modo, a incapacidade do modelo é explicada pela economia de escala. As empresas seguem a evolução constante da tecnologia através da inovação, fazendo com que haja o uso de diferentes tecnologias dentro da mesma empresa. A existência de muitas indústrias é a origem da fragilidade do modelo Heckscher-Ohlin para explicar o comércio internacional de produtos industrializados. Com efeito, essas indústrias buscam uma tecnologia diferente e uma mão de obra qualificada. De toda forma, o modelo de Heckscher-Ohlin avança sobre o modelo ricardiano por estabelecer uma distinção entre o comércio internacional e o comércio regional, assim como na determinação dos fatores que explicam a existência de vantagem comparativa.

4.6 A nova teoria de comércio

A nova teoria de comércio internacional incorpora o conceito de economia de escala (rendimento crescente), possibilitando a existência de ganhos ainda que cada país envolvido no comércio produza uma variedade restrita de bens, em que tem vantagem comparativa de economia de escala, sem sacrificar a variedade no consumo.

As abordagens de economia de escala são representadas, sobretudo, pelo pensamento de Paul Krugman em defesa da abertura comercial. O conceito da economia de escala refere-se ao comportamento que defronta os custos de uma firma à medida que sua produção varia em maior escala.

Diz-se que há economias de escala quando o aumento do volume da produção de um bem por período reduz os seus custos. Esta redução pode se dar pela possibilidade de utilização de métodos produtivos mais automatizados ou mais avançados, mas também pode estar relacionada a ganhos em propaganda, marketing, P&D, financiamento, enfim qualquer etapa da produção e comercialização. Até recentemente a ocorrência de economias de escala de grande porte era em geral associada à produção, por meio de processos

contínuos, de insumos de uso generalizado, para os quais não cabe diferenciação de produto (POSSAS,1993, p. 70-71).

As economias de escala podem ser divididas em dois tipos: as economias internas e externas. Quanto ao primeiro tipo, a redução dos custos de produção se dá à medida em que a escala de produção depende do tamanho da empresa e, não necessariamente, do tamanho do setor, ou seja, o custo médio da empresa depende do tamanho da empresa. Na redução dos custos, as empresas conseguem ser mais produtivas com os produtos a menor preço. Assim, as economias de escala estimulam a especialização e a concentração na produção de um único produto em escala maior, em vez de produzir muitos produtos em uma escala menor.

Por sua vez, quanto às economias externas, a redução de custos depende do tamanho da indústria, ou seja, o custo médio da empresa depende do tamanho do setor em que opera. Dessa forma, o comércio não resultaria das diferenças das vantagens comparativas, conforme Krugman e Obstfeld (2001).

Nesse modelo, salienta-se que a estrutura do mercado predominante é a concorrência imperfeita que opera com um retorno crescente de escala, devido a fatores tecnológicos ou à experiência obtida no setor produtivo, dando a capacidade de competir. Além disso, o ganho da produtividade com um custo menor depende da experiência na produção, gerando os retornos com o processo de aprendizagem do *learning by doing*. De acordo com Scherer (1980), os trabalhadores adquirem mais competência em suas tarefas com o acúmulo de experiência, em que se constata o aumento da produtividade por trabalhador, a diminuição de falha de produto e um declínio dos custos unitários ao longo da chamada curva de aprendizagem.

De acordo com Krugman e Obstfeld (2005), para obter a vantagem comparativa de economia de escala, cada um dos países deve se concentrar na produção de um número limitado de bens. Pode-se concluir que isso conduz a um aumento de diversos bens disponíveis no mercado e que as economias participantes do comércio internacional ganharão com essas trocas, aplicando a economia de escala e produzindo com mais eficiência.

A existência de economia de escala aumenta a capacidade de expansão do comércio internacional, sendo que os países envolvidos no comércio usam os mesmos fatores de produção, produzindo um produto idêntico. Há comércio quando um país se especializa na produção da mercadoria que apresenta rendimento de

escala crescente, possibilitando o desenvolvimento econômico das nações e, proporcionando ganhos para todas as nações envolvidas no comércio.

4.7 Vantagens competitivas

Nas últimas décadas, com a abertura do comércio, a formação de blocos econômicos e a evolução da tecnologia no setor produtivo, ganhou espaço às reflexões sobre a competitividade dos produtos comercializados entre as nações envolvidas no mercado internacional. Na competitividade, as empresas buscam a maneira mais eficaz ou a capacidade de permanecer no mercado, crescendo em um mercado de ampla concorrência.

Numa definição básica de competitividade, esta pode ser compreendida como a comparação de custo de produção entre dois ou mais países (LAFAY, 1990). Para ser competitivo, o setor agrícola do Benim deve ampliar sua produtividade, ganhando participação no mercado internacional. A vantagem competitiva se dá quando se compete com economia de escala, reduzindo-se o custo de produção de um determinado bem, à medida que a quantidade produzida desse bem aumenta.

De acordo com Porter (1998), a competitividade de um país se relaciona com a capacidade de suas indústrias em inovar e melhorar no seu segmento de produção. Ainda segundo referido autor, com o sistema comercial em ascensão, cuja globalização expande os territórios comerciais, os países se tornaram mais importantes à medida que os princípios fundamentais de competição se transferem cada vez mais para a criação e a assimilação do conhecimento. “A vantagem competitiva é gerada e sustentada por um processo altamente localizado. As diferenças nos valores nacionais, a cultura, as estruturas econômicas, as instituições e a história são fatores que contribuem para o êxito competitivo” (PORTER, 1998, p. 71).

As empresas devem usar mais esforços necessários para torná-las capazes de competir em um segmento cada vez mais sofisticado. Uma competitividade com eficiência se dá a partir da relação do uso de insumo-produto, aliada a uma maior produtividade, com uma menor quantidade de insumo. As indústrias que ampliam sua participação no mercado internacional de um determinado produto são competitivas, de acordo com Coelho e Berger (2004).

A vantagem competitiva pode ser conseguida pela inovação e pelo aperfeiçoamento. A inovação se refere ao progresso tecnológico, explorando assim as tecnologias mais modernas. Quanto mais fatores tecnológicos usados na produção de um determinado produto, maior a produtividade e, com uma produtividade crescente, maior a possibilidade de competir no mercado internacional.

Tal como especifica Porter (1990), existem cinco fatores específicos para atingir a competitividade: “ameaça de novas empresas; ameaça de novos produtos ou serviços; poder de barganha dos fornecedores; poder de barganha dos compradores e; rivalidade entre competidores existentes” (PORTER, 1990, p. 45). Esses fatores citados como estratégia competitiva determina a lucratividade da indústria. Os preços que as empresas devem cobrar são fixados, assim como os custos precisam suportar o investimento necessário para competir.

A busca da vantagem competitiva se refere em um setor específico, sendo difícil obter a vantagem em todos os setores produtivos. Nenhum país é capaz de obter vantagem competitiva em todos os setores. Os clássicos explicam que a obtenção de vantagem de um país para competir no mercado internacional se consegue num setor específico, pela distribuição dos fatores nesses setores produtivos.

No atual comércio internacional, as empresas competem estabelecendo algumas estratégias globais, que envolvem o comércio internacional tanto quanto o investimento externo. Aludindo ao que afirmou Porter (1998), essa nova teoria explica o porquê de um determinado país proporcionar uma base doméstica favorável para as empresas com potencial competitividade internacional.

As empresas obtêm a vantagem competitiva a depender de suas estratégias específicas, adotadas para se diferenciar entre os outros em todos os aspectos produtivos. Segundo Porter (1990), há dois tipos básicos de vantagem competitiva: a liderança de custo e a diferenciação dos produtos. A liderança de custo originou a capacidade de a empresa liderar o custo produzindo em maior escala os produtos de melhor qualidade. A estratégia de diferenciação, por sua vez, traz o propósito de oferecer um produto singular, com característica específica, cobrando um preço-prêmio por sua diferenciação. A busca pela vantagem, por as empresas produzirem um produto diferente e ao sustentar essa diferença, consegue trazer competitividade sobre a média em sua indústria.

O desempenho superior de uma indústria se mantém no mercado por um longo prazo, que advém de uma vantagem competitiva. A competitividade é vista como a habilidade que uma empresa desenvolve, implementando as estratégias que lhe permitem manter-se na concorrência ou aumentando sua posição de forma durável e sustentável no mercado (KUPFER, 1994).

Rosa e Alves (2000) consideram o mesmo conceito de competitividade de Kupfer (1994), salientando que a partir desse conceito amplo, pode-se analisar a competitividade sob as dimensões empresarial, estrutural e sistêmica, as quais ainda podem ser vistas cada uma sob as óticas do desempenho, da eficiência e da capacitação. Sob a ótica de desempenho, refere-se à participação do setor produtivo no mercado. É considerado competitivo o aumento de participação de uma empresa na oferta de um determinado produto no mercado internacional. Sob a ótica eficiência, são observadas as condições produtivas da empresa, a capacidade que a empresa dispõe para produzir bens e serviços de uma forma eficaz, relacionado com os níveis de tecnologia e de mão de obra utilizados na produção, produzindo com economia de escala. Por sua vez, a capacitação envolve a inovação tecnológica do setor produtivo para diferenciar seus produtos no mercado, criando um novo espaço em um novo mercado.

A empresa vê a competitividade como um ponto importante para permanecer no mercado. As empresas não competitivas têm certa dificuldade de sobreviver. Segundo Carbaugh (2004), a competitividade refere-se ao nível em que os produtos de uma empresa ou setor podem competir no mercado. Essa competitividade depende dos preços e das qualidades relativas dos produtos. As características estruturais influenciam na competitividade, tais como a infra-estrutura e o sistema de instituições educacionais, as quais rendem de maneira fértil o ambiente de negócio para desenvolver a competitividade.

5 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo do trabalho, foram calculados indicadores descritivos que analisam o comércio exterior do Benim ao longo do período de 2001-2017. Os indicadores resolverão a questão de descobrir no comércio do Benim os produtos que são competitivos e contribuirão de forma positiva na balança comercial do país e a se inserir no mercado mundial. Com esses indicadores também serão revalados os setores que são potentes na pauta de exportações do país. Logo os resultados encontrados explanam sobre a especialização dos produtos que são exportados, a inserção no mercado internacional, o padrão definido pelo país na sua pauta de exportação e identifica o destino de orientação das exportações.

5.1 Dados utilizados

Para o cálculo dos índices de competitividade, as informações foram coletadas a partir de dados de exportações e importações dos produtos. Referidos valores serão obtidos através da base *TradeMap*, do *International Trade Centre* (ITC, 2017), órgão ligado à Organização Mundial do Comércio (OMC), com dados de 2001 a 2017 e valores expressos em Dólar. Os resultados obtidos foram apresentados em três casas decimais.

5.2 Instrumentos de análise

Os produtos exportados por Benim serão analisados segundo os indicadores para identificar aqueles que são competitivos e os setores mais fortes na pauta de exportação. Neste olhar, para estudar a competitividade de comércio exterior do Benim, serão considerados alguns indicadores tradicionais de comércio, os quais serão detalhados a seguir: Vantagem Comparativa Revelada (VRC), Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS), Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), Indicador de Comércio Intra-Industrial (ICII), Índice de Concentração por Produto (ICP), Índice de Concentração por Destino (ICD), Índice de Competitividade Revelada (ICR), Índice de Posição Relativa (POS) e Índice de Orientação Regional (IOR). Além desses indicadores, será considerado o modelo

Constant Market Share (CMS), que será visto adiante. Por fim, ainda se faz um detalhamento acerca do modelo de Porter (1990) como instrumento de análise utilizado no trabalho.

5.2.1 Indicadores de comércio

5.2.1.1 Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Balassa (1965) desenvolveu os indicadores de mensuração na especialização de uma economia no mercado internacional.

O indicador de vantagem comparativa de Balassa (1965) calcula a participação das exportações de um dado produto em um país em relação às exportações mundiais desse mesmo produto, e compara esse quociente com a participação das exportações totais do país em relação às exportações totais mundiais (HIDALGO, 1998, p.493).

O índice de VCR é utilizado com o intuito de apontar os produtos cujo país apresenta vantagem comparativa em relação ao mercado internacional. Esse índice é definido pela fórmula seguinte:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} \quad (5)$$

Em que: X_{ij} é o valor das exportações do produto i da região ou país j ; X_j é o valor das exportações totais da região ou país j ; X_{iz} é o valor das exportações do produto i da zona de referência z ; e X_z é o valor total das exportações da zona de referência z .

No caso em estudo, a zona de referência será considerada o mundo para verificar os produtos cujo Benim possui vantagem comparativa com relação aos demais competidores no planeta. Se $VCR_{ij} > 1$, então o país j (Benim) apresenta vantagem comparativa revelada no produto i ; e se $VCR_{ij} < 1$, então o país j (Benim) não apresenta vantagem comparativa revelada no produto i .

Com a evolução do comércio, algumas teorias vêm mudando e apresentando algumas limitações. Conforme Hidalgo e Mata (2004), a análise de vantagens comparativas apresentam essas limitações devido às distorções que ocorrem no mercado internacional, como as barreiras comerciais, a prática de protecionismo, tarifas sobre importações, subsídios às exportações, poder de mercado, dentre outros conjuntos que podem afetar os resultados. Vale ressaltar que essas limitações ocorrem devido ao índice de vantagem comparativa conservar a teoria clássica de concorrência perfeita, ou seja, as eliminações de protecionismo e de barreiras comerciais.

5.2.1.2 Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS)

A vantagem comparativa revelada de Balassa (1965) detém a limitação de que a desvantagem e a vantagem comparativa possuem uma dimensão assimétrica. A primeira varia entre 0 e 1, enquanto a segunda varia entre 1 e infinito (HIDALGO, 2005). A fim de superar essa limitação, Laursen (1998) desenvolveu um índice que normaliza a expressão:

$$VCRS_{ij} = \frac{(VCR_{ij} - 1)}{(VCR_{ij} + 1)} \quad (6)$$

Dessa forma, o índice varia entre -1 e 1 . Se o valor do índice $VCRS_{ij}$ se encontrar no intervalo entre 0 e 1, diz-se que o país j possui vantagem comparativa revelada no produto i . Por outro lado, se os valores do índice $VCRS_{ij}$ se encontram no intervalo entre -1 e 0, indica-se que o país j não possui vantagem comparativa revelada no produto i .

5.2.1.3 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

O índice VCR é uma medida revelada que aponta para os produtos cujo país apresenta vantagem comparativa. Isso ocorre porque seus cálculos são baseados nos dados de comércio propriamente observados. Importa ressaltar que, quando se fala de comércio, refere-se à importação e à exportação entre duas nações. Porém,

no cálculo desse indicador, inclui-se apenas os dados de exportação, omitindo assim as importações, o que provoca uma limitação.

Os subsídios ofertados pelo governo e as tarifas de protecionismo contra as importações deixam o resultado enviesado. Segundo Hidalgo (2004), o índice fornece um indicador da estrutura relativa das exportações de uma região ou país. Quanto maior a exportação de um determinado produto em relação ao que é exportado pela região, conclui-se que esse país detém uma vantagem comparativa nesse produto. O fato é que esse cálculo está baseado exclusivamente no valor das exportações, ignorando as importações por conta das tarifas e protecionismo aplicado pelos parceiros comerciais.

Nesse sentido, Lafay (1990) desenvolveu outro indicador de vantagem comparativa revelada para eliminar essa limitação provocada no cálculo de Balassa (1965), levando em conta as informações omitidas a respeito das importações. Esse indicador é definido da seguinte forma:

$$ICSC_{ij} = \frac{100}{(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})/2} \left[(X_i - M_i) - \left(\sum_i X_{ij} - \sum_i M_{ij} \right) \frac{(X_{ij} + M_{ij})}{(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})} \right] \quad (7)$$

Em que: X_i se refere às exportações do bem i pelo país j , M_i se refere às importações do bem i pelo país j , enquanto $\sum_i X_{ij}$ e $\sum_i M_{ij}$ referem-se às exportações e às importações totais do país j , respectivamente. Assim, o primeiro termo entre colchetes da expressão, $(X_{ij} - M_{ij})$ representa a balança comercial observada do produto i , enquanto o segundo termo entre colchetes, dado por $(\sum_i X_{ij} - \sum_i M_{ij}) \frac{(X_{ij} + M_{ij})}{(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})}$ representa a balança comercial teórica do produto i ¹¹.

Dessa forma, o que está entre colchetes representa o desvio da balança comercial observada do produto i com relação à balança comercial teórica. Se esse resultado for positivo, indica-se que o produto i contribui favoravelmente para a balança comercial do país j . Por sua vez, ao dividir esse resultado por

¹¹ A balança comercial teórica poderia ser descrita como $(X_{ij}^* - M_{ij}^*) = (\sum_i X_{ij} - \sum_i M_{ij}) \frac{(X_{ij} + M_{ij})}{(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})}$.

Dessa igualdade, tem-se que $\frac{(X_{ij}^* - M_{ij}^*)}{(X_{ij} + M_{ij})} = \frac{(\sum_i X_{ij} - \sum_i M_{ij})}{(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})}$, ou seja, a proporção da balança comercial teórica do produto i sobre a soma das exportações e das importações desse mesmo produto deve ser, teoricamente, igual à proporção da balança comercial total do país j com relação ao total comercializado por esse país (exportações mais importações).

$(\sum_i X_{ij} + \sum_i M_{ij})/2$, procura-se relativizar essa medida sobre a média do que o país *j* comercializa com o resto do mundo (exportações mais importações). Por fim, ao se multiplicar o resultado por 100, tem-se uma medida representada em termos percentuais. Como conclusão, se $ICSC_{ij} > 0$, então o país *j* apresenta vantagem comparativa revelada no produto *i*. Por outro lado, se $ICSC_{ij} < 0$, então o país *j* apresenta desvantagem comparativa revelada no produto *i*. O resultado pode ser usado como complemento aos demais indicadores para apontar produtos cujo país apresente vantagem comparativa. Além disso, ao se comparar resultados calculados para outros países, pode-se indicar em quais produtos há vantagem comparativa em relação a seus concorrentes.

Nota-se que o cálculo do Índice de Contribuição ao Saldo Comercial, como fator de competitividade das exportações de um produto dado, apresenta certas limitações pelo fato de sobrevalorizar o saldo comercial e que podem ocorrer das seguintes formas: incidência de tarifas e barreiras não tarifárias sobre as importações; políticas de ajuste que ao deflacionar a economia, reprimem as importações (CHUDNOVSKY E PORTA, 1990). Assim, o ISCS, isoladamente, não deve constituir um preceito fundamental para definir a existência de competitividade dos produtos.

5.2.1.4 Indicador de Comércio Intra-Industrial (GL)

O comércio intra-industrial consiste numa relação comercial em que um país exporta e importa um produto que pertence ao mesmo ramo setorial. A diferença entre o comércio inter-industrial e o intra-industrial, é que o primeiro é explicado pela dotação dos fatores existentes no país, enquanto o segundo decorre das economias da escala. A economia da escala se define através da maior quantidade produzida à medida que o custo de produção se reduz. A integração comercial, portanto, exige esse tipo de comércio, sendo uma importante formulação de estratégia para inserir uma economia no comércio internacional. Esse índice foi desenvolvido por Grubel e Lloyd (1975), para medir o comércio intra-industrial para toda a economia:

$$GL_i = 1 - \frac{\sum_j |X_{ij} - M_{ij}|}{\sum_j (X_{ij} + M_{ij})} \quad (8)$$

Em que: X_{ij} é o valor de exportação do produto i para o destino j e M_{ij} é o valor de importação do produto i advindo dos países j . Quanto mais próximo de 1 for o resultado do índice, mais o comércio é caracterizado como intra-industrial. Por sua vez, ao índice se aproximar de 0, o comércio seria caracterizado pelo tipo inter-industrial, sendo esse resultado compatível com o teorema de Heckscher-Ohlin.

5.2.1.5 Índices de Concentração das Exportações (ICP e ICD)

O indicador comumente utilizado para mensurar a concentração das exportações, tanto com relação aos produtos, quanto aos mercados de destino, é o coeficiente de Gini-Hirschman (HIDALGO, 2004). De acordo com Love (1979), o Índice de Concentração por Produtos (ICP), é calculado da seguinte forma:

$$ICP_j = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j}\right)^2} \quad (9)$$

Em que: X_{ij} é o valor de exportação do produto i pelo país j e X_j é o valor das exportações totais do país j . O valor desse índice varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, significa que o país tem as suas exportações concentradas em poucos produtos. Por outro lado, quanto mais próximo de 0, mais diversificada será a pauta das exportações do país.

Por sua vez, o Índice de Concentração por Destino (ICD) é um índice que mede o nível de concentração das exportações entre os países importadores. De acordo com Love (1979), esse índice é calculado da seguinte forma:

$$ICD_j = \sqrt{\sum_k \left(\frac{X_{jk}}{X_j}\right)^2} \quad (10)$$

Em que: X_{jk} é o valor total das exportações do país j para o país k e X_j é o valor das exportações totais do país j . Dessa forma, um ICD próximo a 1 significa que um pequeno número de países tem uma importância muito grande na pauta de exportações. Por outro lado, um ICD baixo significa uma participação mais equilibrada dos diversos mercados. O ICD pode ainda ser calculado para verificar a

concentração de destinos na pauta de um produto i em específico. Nesse caso, em sua formulação, X_{jk} seria substituído por X_{ijk} , ou seja, o valor das exportações do produto i , do país j para um país k ; enquanto X_j seria substituído por X_{ij} , isto é, o valor das exportações totais do produto i , efetuadas pelo país j .

5.2.1.6 Índice de Competitividade Revelada (ICR)

O indicador de competitividade revelada (ICR) foi proposto por Vollrath (1989) como uma medida útil para analisar os agregados de produtos exportados e importados pelo país. O resultado desse índice permite verificar se o país apresenta uma vantagem competitiva em determinado produto, confrontando sua participação nas pautas de exportações e importações nacional e internacional.

$$ICR_{ij} = \ln \left[\frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} / \frac{M_{ij}/M_{iz}}{M_j/M_z} \right] \quad (11)$$

Em que: X_{ij} e M_{ij} , respectivamente, são os valores exportados e importados do produto i pelo país j ; X_{iz} e M_{iz} , respectivamente, são os valores exportados e importados do produto i pela zona de referência (geralmente se utiliza o comércio mundial); X_j e M_j , respectivamente, são os valores totais exportados e importados pelo país j , excluindo-se aqueles relativos ao produto i ; e X_z e M_z , respectivamente, são os valores totais exportados e importados pela zona de referência, excluindo-se aqueles relativos ao produto i .

Diante de seu resultado, se $ICR_{ij} > 0$, então o país j apresenta vantagem competitiva no mercado internacional, relativo ao produto i . Do contrário, se $ICR_{ij} < 0$, então o país apresenta desvantagem competitiva.

Segundo Filho, Santos e Silva (2016), o Índice de Competitividade Revelada possui algumas limitações. Apesar da sua efetividade e amplitude em relação ao Índice de Vantagem Comparativa Revelada, o índice não abrange importantes variáveis que poderiam desenvolver o poder de explicação. Porém, isso não elimina a validade do índice no objetivo proposto neste trabalho.

5.2.1.7 Índice de Posição Relativa (POS)

Segundo Lafay (1999), o indicador POS determina a posição de uma nação no mercado mundial de um determinado produto, sendo mais um instrumento de análise da competitividade entre os diversos países envolvidos no comércio. Para determinar essa posição, referido indicador leva em consideração a participação do saldo da balança comercial do país, para determinado produto, no total comercializado mundialmente:

$$POS_{ij} = 100 \cdot \frac{X_{ij} - M_{ij}}{W_i} \quad (12)$$

Em que: X_{ij} é o valor das exportações do produto i realizadas pelo país j ; M_{ij} é o valor das importações de i pelo país j ; e W_i é o total do produto i comercializado mundialmente (exportações mais importações). Valores positivos calculados para o indicador apontam que a área estudada é superávit no comércio do produto i . Além disso, quanto maior o valor obtido, melhor a posição do país j em relação ao comércio mundial do produto analisado.

5.2.1.8 Índice de Orientação Regional (IOR)

Referido índice foi proposto por Yeats (1997) e tem como finalidade avaliar a importância de um parceiro comercial em específico nas exportações de determinado produto:

$$IOR = \frac{X_{ijk} / \sum_i X_{ijk}}{X_{iz} / \sum_i X_{iz}} \quad (13)$$

Em que: X_{ijk} é o valor das exportações do produto i , destinadas do país j para o país k ; $\sum_i X_{ijk}$ é o total das exportações de j para k ; X_{iz} é o valor das exportações

do produto i na zona de referência z ; e $\sum_i X_{iz}$ é o total das exportações na zona de referência z .

No caso em estudo, duas zonas de referência z serão consideradas: i) a Ásia como um dos maiores parceiros comerciais do Benim, para verificar a orientação regional dos produtos exportados pelo país; e ii) a área da CEDEAO, para verificar a orientação dos produtos exportados pelo Benim no bloco. Além disso, é possível considerar k como a própria CEDEAO, com a finalidade de verificar se há tendência a exportar mais ao mercado intrabloco. Salienta-se que o índice situa-se entre zero e infinito, sendo que a unidade indica que a tendência para exportar o produto i para o parceiro k segue a mesma configuração do que ocorre na zona de referência z . Por sua vez, valores maiores que a unidade aponta que o parceiro k tem importância para as exportações do produto i , realizadas pelo país j .

5.2.2 Modelo *Constant Market Share* (CMS)

O modelo CMS, elaborado por Leamer e Stern (1970) e desenvolvido por Richardson (1971), tem sido utilizado para analisar as variações temporais da participação das exportações de um país ou um bloco econômico no comércio mundial e os fatores que influenciam seus desempenhos na pauta das exportações no período estudado. De acordo com Machado et al. (2006), o modelo deixa explícito os fatores que influenciam no desempenho das exportações de um país. Aplicando esse método, as fontes de variação das exportações e os elementos responsáveis pelo comportamento podem ser relacionados às próprias variações no comércio global, à estrutura da pauta comercial de produtos e destinos, bem como à competitividade do país. Segundo Leamer e Stern (1970), o pressuposto do modelo é que cada país ou bloco econômico mantém sua parcela no comércio mundial. Se houver alteração nessa parcela, os fatores que podem explicar tais variações são as concentrações das exportações em mercadorias cuja demanda tenha menor (ou maior) evolução frente à média dos produtos; a maior (ou menor) participação de vendas destinadas a regiões estagnadas; e a falta (ou melhoria) de condições do país para competir com os seus concorrentes no mercado internacional.

A metodologia de CMS encontra-se em algumas limitações, mas que não invalidam sua proposta. Segundo Richardson (1971), vale mencionar a limitação de o CMS ponderar a variação das exportações pelos valores do período inicial e final,

gerando dois conjuntos de resultados, com bases distintas. Outra limitação, tratada por Canuto e Xavier (2002), é o fato de as exportações serem medidas em valor, o que pode gerar uma distorção no caso de ocorrência de mudanças nos preços relativos. A redução de preço a exportações pode gerar um impacto nulo e negativo no modelo CMS do país, mesmo com aumento da quantidade exportada, o que depende da elasticidade de substituição.

As variações na participação das exportações de um país no mercado internacional são classificadas em três efeitos: o crescimento de comércio mundial; destino das exportações; e a competitividade resultante de ganho ou perdas de participação nos diversos mercados por parte de produto.

A representação matemática do modelo CMS considera como variável básica o valor das exportações, partindo da seguinte identidade:

$$X_{ijk,1} - X_{ijk,0} = r_i \cdot X_{ijk,0} + (X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_i \cdot X_{ijk,0}) \quad (14)$$

(a) (b)

Em que: $X_{ijk,1}$ é o valor das exportações do produto i , efetuadas pelo país j com destino ao país k , no período final de análise; $X_{ijk,0}$ é o valor das exportações de i , efetuadas por j para k , no período inicial; e r_i é a variação percentual das exportações mundiais de i , entre o período inicial e o final.

A identidade (14) explica o quanto da variação das exportações do país j , com destino para k , relativos ao produto i , está associado à dinâmica observada no comércio mundial do mesmo, dado pelo termo (a), $r_i \cdot X_{ijk,0}$; e o quanto se relaciona a um efeito residual atribuído à competitividade, dado pelo termo (b), $(X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_i \cdot X_{ijk,0})$.

Por conveniência, pode-se desmembrar o termo (a) da identidade (14): $r_i \cdot X_{ijk,0} = r \cdot X_{ijk,0} + (r_i - r) \cdot X_{ijk,0}$, em que r corresponde à variação percentual das exportações mundiais totais (agregando-se todos os produtos). Assim:

$$X_{ijk,1} - X_{ijk,0} = r \cdot X_{ijk,0} + (r_i - r) \cdot X_{ijk,0} + (X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_i \cdot X_{ijk,0}) \quad (15)$$

(a) (b) (c)

Com base na equação (15), três efeitos se relacionam com o crescimento das exportações do país j para o país k . A princípio, o termo (a) representa o crescimento associado ao comportamento geral das exportações mundiais. Por sua vez, o termo (b) relaciona-se com as alterações na composição da pauta das exportações mundiais, descrito como efeito produto, ou seja, a variação associada

ao fato de a demanda pelo produto i , no comércio internacional, ter uma maior (ou menor) evolução frente ao conjunto de demais produtos. Por fim, o termo (c) é um efeito residual atribuído à competitividade, descontando-se os dois efeitos inicialmente descritos.

Novamente, por conveniência, pode-se desmembrar o termo (c) da identidade: $(X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_i \cdot X_{ijk,0}) = (r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0} + (X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_{ik} \cdot X_{ijk,0})$, em que r_{ik} corresponde à variação percentual, entre o período inicial e o final, das exportações mundiais do produto i , destinadas ao país k . Dessa maneira, finalmente, tem-se que:

$$X_{ijk,1} - X_{ijk,0} = r \cdot X_{ijk,0} + (r_i - r) \cdot X_{ijk,0} + (r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0} + (X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_{ik} \cdot X_{ijk,0}) \quad (16)$$

(a) (b) (c) (d)

A identidade (16), portanto, desmembra o crescimento das exportações de um determinado país, relativas a certo produto e destino. Assim, a soma dos termos (a), (b), (c) e (d) resultam na variação total das exportações observadas entre dois períodos determinados. Ao se dividir toda a expressão por $X_{ijk,1} - X_{ijk,0}$, tem-se ainda que:

$$1 = \frac{r \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}} + \frac{(r_i - r) \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}} + \frac{(r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}} + \frac{(X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_{ik} \cdot X_{ijk,0})}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}} \quad (17)$$

(a) (b) (c) (d)

Da expressão (17), então, pode-se calcular a participação percentual de cada termo sobre a variação total das exportações do país j , para certo produto i e destino k , entre os dois períodos, interpretando-se quatro efeitos:

- a) Efeito crescimento do comércio mundial: dado por $\frac{r \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}}$, diz respeito à participação do crescimento em função de um aumento global no comércio. Assim, leva-se em conta a porcentagem de crescimento observada, caso essa variação seguisse a mesma taxa verificada no comércio internacional como um todo.
- b) Efeito composição da pauta (ou efeito produto): dado por $\frac{(r_i - r) \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1} - X_{ijk,0}}$, representa a participação do crescimento relacionado ao fato de o país concentrar suas exportações em produtos que cresceram a taxas

superiores (ou inferiores) à media de participação observada no mercado mundial.

- c) Efeito destino das exportações (ou efeito mercado): dado por $\frac{(r_{ik}-r_i) \cdot X_{ijk,0}}{X_{ijk,1}-X_{ijk,0}}$, refere-se à participação do crescimento decorrente da concentração de exportações em países com demanda mais (ou menos) dinâmica.
- d) Efeito competitividade (ou efeito residual): dado por $\frac{(X_{ijk,1}-X_{ijk,0}-r_{ik} \cdot X_{ijk,0})}{X_{ijk,1}-X_{ijk,0}}$, reflete a participação do crescimento das exportações do país estudado, descontando-se os efeitos anteriormente descritos.. Dessa forma, atribui-se o efeito competitividade ao termo residual do modelo CMS, interpretando-se que, quando um país deixa de manter sua participação no mercado internacional, o efeito competitividade torna-se, portanto, negativo.

Nesse sentido, destaca-se que a expressão (17) permitirá identificar as principais fontes de variação das exportações beninenses, para dado produto e destino, apontando se houve ganho ou perda de competitividade do país no mercado internacional, ao longo do período estudado.

Além disso, é possível identificar essas fontes de variação agregando-se destinos e produtos. Nesse aspecto, quando se deseja avaliar a competitividade do país relativo a certo produto (agregando-se destinos), basta tomar o somatório em k da identidade (16), representando-se $X_{ij,0} = \sum_k X_{ijk,0}$ e $X_{ij,1} = \sum_k X_{ijk,1}$, ou seja, as exportações do país j , agregadas para todos os destinos k , especificamente para o produto i , nos períodos inicial e final, respectivamente. Nesse caso, a expressão resultante apresenta termos com interpretações análogas aos efeitos anteriormente citados:

$$\sum_k (X_{ijk,1} - X_{ijk,0}) = \sum_k [r \cdot X_{ijk,0} + (r_i - r) \cdot X_{ijk,0} + (r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0} + (X_{ijk,1} - X_{ijk,0} - r_{ik} \cdot X_{ijk,0})]$$

$$1 = \frac{r \cdot X_{ij,0}}{X_{ij,1} - X_{ij,0}} + \frac{(r_i - r) \cdot X_{ij,0}}{X_{ij,1} - X_{ij,0}} + \frac{\sum_k [(r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0}]}{X_{ij,1} - X_{ij,0}} + \frac{[X_{ij,1} - X_{ij,0} - \sum_k (r_{ik} \cdot X_{ijk,0})]}{X_{ij,1} - X_{ij,0}} \quad (18)$$

(a) (b) (c) (d)

Ainda, quando se deseja avaliar a competitividade do país no mercado internacional, independente do produto (agregando-se produtos), basta tomar o somatório em i da identidade (18), representando-se $X_{j,0} = \sum_i X_{ij,0}$ e $X_{j,1} = \sum_i X_{ij,1}$, ou seja, as exportações totais do país j (agregadas para todos os destinos k e produtos i), nos períodos inicial e final, respectivamente. Nesse caso, novamente, a expressão resultante apresenta termos com interpretações análogas aos efeitos anteriormente citados:

$$\sum_i (X_{ij,1} - X_{ij,0}) = \sum_i \left\{ r \cdot X_{ij,0} + (r_i - r) \cdot X_{ij,0} + \sum_k [(r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0}] + [X_{ij,1} - X_{ij,0} - \sum_k (r_{ik} \cdot X_{ijk,0})] \right\}$$

$$1 = \frac{r \cdot X_{j,0}}{X_{j,1} - X_{j,0}} + \frac{\sum_i [(r_i - r) \cdot X_{ij,0}]}{X_{j,1} - X_{j,0}} + \frac{\sum_{i,k} [(r_{ik} - r_i) \cdot X_{ijk,0}]}{X_{j,1} - X_{j,0}} + \frac{[X_{j,1} - X_{j,0} - \sum_{i,k} (r_{ik} \cdot X_{ijk,0})]}{X_{j,1} - X_{j,0}} \quad (19)$$

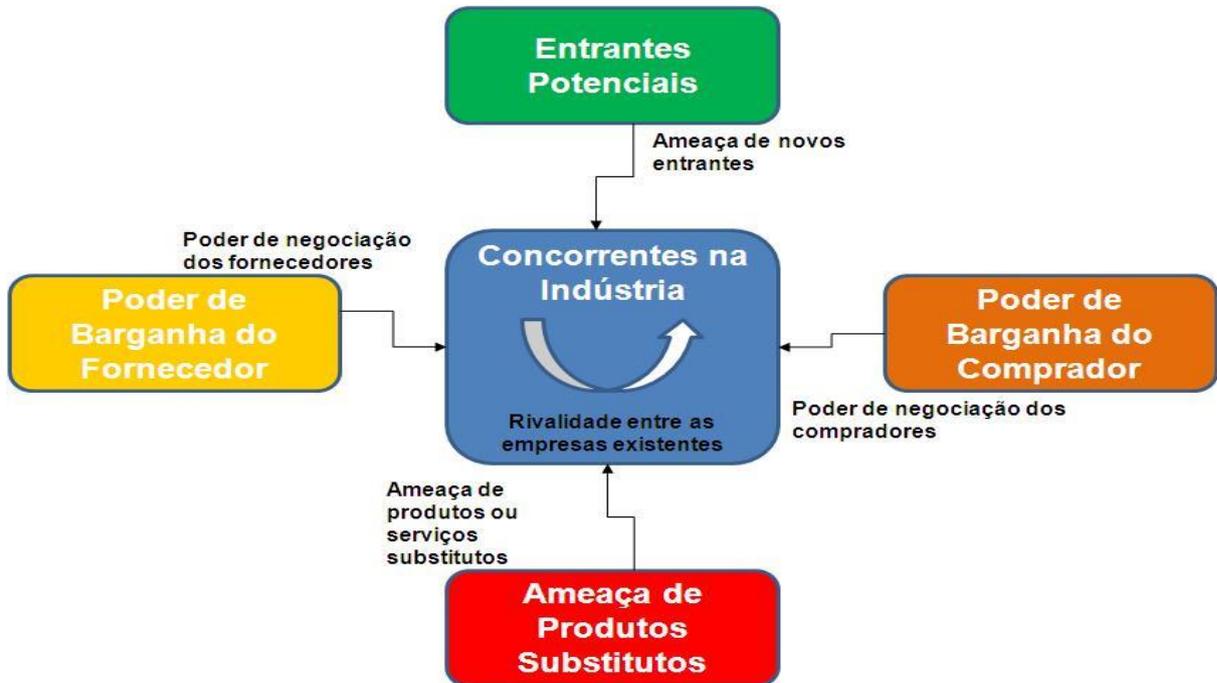
(a) (b) (c) (d)

Empiricamente, ao se tomar por referência a classificação dada pelo Sistema Harmonizado, serão selecionados os principais produtos exportados pelo Benim para se efetuar as análises aqui previstas, o que coincide com os produtos destacados em seções no capítulo 3 deste trabalho. Particularmente, para se efetuar as análises descritas pelas identidades (17) e (18), serão considerados os cinco principais destinos para cada um dos principais produtos estudados. Porém, a utilização do Modelo CMS como instrumento de análise será limitado a essas identidades, já que o cálculo pela identidade (19) envolve um excessivo número de matrizes a coletar e a processar, cada uma contendo os destinos de cada produto exportado.

5.2.3 Análise da competitividade através das forças de Porter

Outro importante instrumento de análise refere-se às cinco forças competitivas de Porter (1990), que determinam a posição de competitividade em dado setor: entrantes em potencial, concorrentes na indústria, poder do comprador, poder do fornecedor e produtos substitutos.

Figura 3. Esquema dedutivo das cinco forças de Porter.



Fonte: PORTER (1990).

Quanto aos entrantes em potencial, o risco de entrada de uma nova empresa deve fazer com que a empresa existente tome providências para proteger seu mercado. Portanto, quanto maior a possibilidade de entrantes, maiores serão as ameaças e a necessidade de medidas protetivas. Nesse aspecto, as existências de barreiras de entrada objetivam concretizar um mercado com poucos fornecedores e evitar a alta concorrência. Obviamente, quanto mais fácil for à entrada, maior será a concorrência e menor a probabilidade de aumento de lucros no longo prazo. A dificuldade de entrada pode se dar pelo uso de tecnologia sofisticada pelo aproveitamento de economias de escala, que se referem ao baixo custo de produção à medida que o volume produzido aumenta, pela diferenciação do produto e pelas melhorias nos canais de distribuição.

Com respeito aos concorrentes na indústria, salienta-se que o nível de competição é marcado em um setor pela rivalidade existente. Nesse ambiente, é agressiva a busca pela obtenção de uma parte do mercado pelos concorrentes diretos, que são aqueles que vendem os mesmos produtos em determinado

mercado. Quanto mais forte a rivalidade, maior a disputa de preços, o que resulta em diminuição da margem de lucro.

Sobre o poder dos compradores, existe barganha quando estes são capazes de forçar a redução de preço, impondo diferentes exigências, seja na qualidade do produto ou na prestação de serviço, jogando os fornecedores uns contra os outros. Se os compradores adquirem grandes volumes de compra em relação aos outros compradores, os produtos adquiridos pelos compradores representam uma fração significativa de seus custos totais.

Quanto ao poder dos fornecedores, a barganha ocorre quando estes são capazes de ameaçar a alavancagem do preço ou reduzir a qualidade do produto fornecido. Entretanto, se os fornecedores são fracos, os compradores podem forçar a baixa dos preços em seu favor e demandar uma maior qualidade do produto. Assim, um grupo fornecedor só tem poder se estão mais concentrados do que os setores para os quais vendem.

Por fim, no que diz respeito à força relacionada a produtos substitutos, salienta-se que a mesma está relacionada à facilidade que o comprador tem de trocar um tipo de produto por outro. Como observa Porter (1986), a ameaça de substitutos ocorre quando outros produtos satisfazem a mesma necessidade ou a mesma função. Rowe (2002) complementa que a ocorrência de substitutos é ainda mais ameaçadora quando os produtos são produzidos por empresas com alto potencial de desempenho, altos lucros e bom desempenho no uso das tecnologias, trazendo contínuas inovações. Assim, apresenta uma vantagem nos custos, tanto quanto na qualidade.

Empiricamente, ao se utilizar esse instrumento de análise, pretende-se estudar a competitividade das exportações beninenses segundo cada ótica descrita no modelo de Porter. Assim, o setor exportador do país será contextualizado de acordo com cada força, discorrendo sobre suas características, sejam vantagens ou dificuldades, e apontando possibilidades de melhoria e adoção de estratégias pertinentes.

6. RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos, efetuando-se a discussão conforme os instrumentos de análise tratados na metodologia e debruçando-se sobre dados de exportação referentes ao período de 2001 a 2017. Entre os bens mais exportados pelo país, particularmente, foram selecionados os seis produtos mais importantes na pauta de exportação do Benim. Esses produtos correspondem aos seguintes itens classificados pelo Sistema Harmonizado (SH): algodão (código 52), caju (código 0801), óleo de algodão (código 1512) e soja (código 1207), do setor agrícola, além de dois produtos de setor mineral, ouro (código 7108) e combustível (código 27). Saliencia-se que os produtos algodão e combustível são analisados segundo códigos de dois dígitos (SH-2), visto que, dentro desses códigos, há uma maior diversidade de itens exportados pelo Benim que são classificados a quatro dígitos, ao contrário do que se observa para o código 08, por exemplo, cujo item 0801 (caju) tem prevalência. De acordo com os dados do (ITC, 2018), esses produtos analisados apresentam a seguinte participação nas exportações do Benim em 2017: algodão, 49,01%; castanha de caju, 10,94%; óleos de algodão, 3,31%; soja, 3,36%; ouro, 3,06%; e combustível, 2,55%.

O Sistema Harmonizado foi usado como referência de codificação dos produtos, para coletar os valores das importações e exportações dos produtos selecionados. Trata-se de um sistema internacional padronizado, utilizado para designação de mercadorias que vai de dois dígitos a dez dígitos, sob a responsabilidade da OMA (Organização Mundial de Alfândegas).

6.1 Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

Percebe-se que na tabela 3, a seguir, o resultado encontrado em relação a caju é maior que a unidade durante os períodos analisados, apontando que o Benim apresenta vantagem comparativa revelada para esse produto. Dentre os principais itens exportados pelo Benim, o produto apresenta o maior índice calculado, oscilando entre 396,96 e 174,88 ao longo do período estudado. Esse índice se justifica pela criação de um apoio técnico pelo setor agrícola aos produtores, em particular os produtores de base através da disponibilização de inovações técnicas

adequadas e de um enquadramento solidam e contínuo para uma produção competitiva e sustentável (MAEP, 2018).

Dentro do período analisado, o algodão também apresentou um índice de vantagem comparativa revelada maior que a unidade, em média 108,31. O valor do índice em 2006 passou de 98,27 para 130 em 2007, conseqüentemente um aumento de 32,28% justificado pelo relance das exportações depois de pico registrado nas exportações em 2006. Esse aumento na vantagem deve-se à normalização das relações comerciais com a Nigéria, a retomada das reformas estruturais e o relance da atividade econômica após a eleição de 2006. Em 2016, o IVCR foi de 137,25 para 151,24 em 2017, um aumento de 10,19% associado às reformas do Programa de Ação do Governo (PAG) de 2016-2021. Pode se afirmar que essa política rendeu um resultado positivo para a produção e a comercialização de algodão, desde sua implementação. Apesar de o algodão ser o produto mais exportado pelo Benim, com uma contribuição significativa para a economia do país, e apresentar vantagem comparativa no comércio, seu índice calculado é menor em relação ao caju.

Dos produtos analisados no setor agrícola, apesar destacam-se as oscilações dos resultados de vantagem comparativa ao longo dos anos analisados. Contudo, todos apresentam um valor calculado superior à unidade. O óleo de algodão e a soja apresentaram menores valores, em comparação aos resultados do algodão e do caju. Embora seus índices calculados tenham apresentado valores mais baixos, assim mesmo foram substanciais, apontando que o país possui vantagem em se inserir no mercado internacional. Diante dos resultados, o Benim revela sua vantagem na produção e na exportação desses quatro produtos, principalmente algodão e caju, mostrando-se mais competitivo e dinâmico no mercado exterior. Esse resultado deve-se à reestruturação no setor agrícola, através do aumento dos investimentos no setor e o uso de tecnologias modernas na produção.

No que tange aos produtos minerais, pode-se destacar o ouro com um valor maior que a unidade, embora oscilando o valor do índice durante o período estudado. Em 2004, o produto perdeu a vantagem no mercado por ter uma reduzida exportação, e nenhuma exportação foi registrada em três anos seguidos: 2007, 2008 e 2009. Esse resultado pode ser justificado pela crise econômica que afetou o mercado, principalmente entre 2008 e 2009.

Dentre os produtos selecionados, constata-se que as exportações de combustível apresentaram índice menor que a unidade, o que indica uma desvantagem do país em relação à comercialização do produto no mercado externo. Essa desvantagem está relacionada com a falta de refinaria no país. Além disso, destaca-se que grande parte do combustível exportado pelo Benim é simplesmente uma reexportação proveniente da Nigéria.

O apêndice 02 apresenta os resultados da vantagem comparativa dos produtos agregados a dois dígitos pelo Sistema harmonizado SH2, exportados pelo país. Nesta tabela, encontram-se outros produtos que apresentam uma vantagem comparativa, além dos que foram analisados especificamente neste trabalho.

Tabela 3. Vantagem Comparativa Revelada (Benim, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	99,319	297,985	11,149	206,021	13,452	0,001
2002	93,805	338,389	23,043	125,472	16,049	0,024
2003	119,436	267,216	23,544	199,892	4,988	0,010
2004	127,824	249,241	19,858	113,167	0,589	0,013
2005	128,843	296,756	94,103	140,802	6,970	0,049
2006	98,275	396,959	125,630	223,440	6,546	0,026
2007	130,006	327,210	39,803	117,729	0,000	0,217
2008	120,076	301,775	8,105	35,174	0,000	0,015
2009	92,347	274,883	2,001	23,603	0,000	0,001
2010	57,597	192,989	26,931	51,452	4,479	0,479
2011	83,326	301,767	42,811	42,997	2,574	0,649
2012	95,669	366,117	43,125	39,757	2,033	0,441
2013	108,316	336,477	29,241	25,590	1,398	0,355
2014	93,404	188,037	11,011	10,766	1,367	0,680
2015	127,376	265,602	14,925	28,671	1,266	0,328
2016	137,252	174,884	18,355	75,911	2,069	0,383
2017	151,248	192,410	52,899	145,484	1,670	0,226

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.2 Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas (VCRS)

A tabela 4 mostra os resultados dos valores de índice de Balassa (1965) normalizado. O índice de vantagem comparativa simétrica apresenta os mesmos

comportamentos analisados na tabela 3. Como esperado, destaca-se uma vantagem simétrica relativa a todos os produtos, a exceção dos combustíveis.

Tabela 4. Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (Benim, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	0,980	0,993	0,835	0,990	0,862	-0,998
2002	0,979	0,994	0,917	0,984	0,883	-0,953
2003	0,983	0,993	0,919	0,990	0,666	-0,980
2004	0,984	0,992	0,904	0,982	-0,259	-0,975
2005	0,985	0,993	0,979	0,986	0,749	-0,906
2006	0,980	0,995	0,984	0,991	0,735	-0,950
2007	0,985	0,994	0,951	0,983	-1,000	-0,644
2008	0,983	0,993	0,780	0,945	-1,000	-0,969
2009	0,979	0,993	0,334	0,919	-1,000	-0,999
2010	0,966	0,990	0,928	0,962	0,635	-0,352
2011	0,976	0,993	0,954	0,955	0,440	-0,213
2012	0,979	0,995	0,955	0,951	0,341	-0,387
2013	0,982	0,994	0,934	0,925	0,166	-0,476
2014	0,979	0,989	0,833	0,830	0,155	-0,190
2015	0,984	0,992	0,874	0,933	0,117	-0,506
2016	0,986	0,989	0,897	0,974	0,348	-0,446
2017	0,987	0,990	0,963	0,986	0,251	-0,631

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.3 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

A tabela 5 apresenta o resultado do Índice de Contribuição ao Saldo Comercial, definido por Lafay (1990). Percebe-se que o Benim, à exceção dos combustíveis, apresenta vantagem comparativa na comercialização dos produtos selecionados, os quais tiveram uma contribuição positiva na balança comercial, quando se consideram as importações no cálculo do indicador. É importante destacar que o algodão representou a maior contribuição na balança comercial, assumindo um valor positivo. Trata-se de um resultado esperado, sabendo que o algodão tem uma importância econômica capital para a economia do país, trazendo relevantes divisas estrangeiras. As importações de combustível, por sua vez, foram

superiores às exportações, apresentando uma contribuição negativa para a balança comercial.

Tabela 5. Índice de Contribuição de Saldo Comercial (Benim, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	39,876	4,143	0,180	2,603	3,771	-13,085
2002	36,795	5,349	0,518	1,435	4,115	-12,890
2003	46,309	3,717	0,480	2,179	1,433	-14,496
2004	48,585	4,149	0,422	1,384	0,180	-17,153
2005	40,341	5,050	1,946	1,545	1,786	-14,534
2006	22,665	4,354	2,337	1,776	1,824	-12,565
2007	22,619	3,141	0,674	0,882	0,000	-8,576
2008	23,385	4,195	0,232	0,400	0,000	-9,212
2009	19,952	4,682	0,060	0,331	0,000	-11,261
2010	13,379	3,038	0,738	0,713	2,775	-7,779
2011	16,242	5,180	1,235	0,444	1,710	-2,687
2012	18,141	6,047	1,455	0,471	2,345	-7,123
2013	22,297	5,849	0,857	0,423	1,998	-4,476
2014	19,859	4,495	0,369	0,216	1,491	-1,984
2015	26,780	7,203	0,485	0,547	1,522	-8,849
2016	20,836	4,452	0,521	0,930	2,044	-6,726
2017	29,958	6,795	2,031	2,090	1,902	-9,146

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.4 Indicadores de Comércio Intra-Industrial (GL)

Para analisar o tipo de comércio em que o Benim se encontra interindustrial ou intra-industrial, duas zonas de referência foram consideradas para cálculo do Índice GL: o bloco econômico CEDEAO e o resto do mundo. Essa cautela se fez necessário porque o bloco econômico facilita a integração comercial, permitindo-se analisar o tipo de comércio existente entre os países. Quanto ao resto do mundo, a ideia é observar o tipo de comércio relativo ao mercado internacional.

A tabela 6 analisa o perfil comercial entre o Benim e a CEDEAO, para identificar o tipo de comércio a partir dos resultados obtidos. Segundo Grubel e Lloyd (1975), se o resultado se aproxima da unidade, o comércio é do tipo intra-industrial.

Por sua vez, quando se aproxima de zero, o comércio é do tipo inter-industrial. Para facilitar a análise, define-se um critério em que o comércio do país será caracterizado como inter-industrial se apresentar uma média menor que 0,5. Em caso contrário, caracteriza-se um comércio intra-industrial. Como resultado, no fluxo comercial entre o Benim e a CEDEAO, percebe-se um nível de comércio inter-industrial na média dos produtos analisados.

O algodão é o único produto que pode ser considerado como intra-industrial conforme o critério definido, por ter uma média maior que 0,5. Destaca-se que o índice cresceu no decorrer dos anos, que passou de 76,70% em 2001, para 94,21% em 2017. Isso justifica o considerável aumento de volume de comércio do algodão entre Benim e a CEDEAO. A característica de comércio intra-industrial para as vendas de algodão do Benim para a CEDEAO se justifica por este ser o único produto que passa por um processo industrial para ser exportado. Com efeito, o Benim exporta tanto o produto bruto, quanto o produto industrializado, que seja os óleos de algodão.

De acordo com a nova teoria de economia, a existência de comércio intra-industrial significativo depende de rendimento de escala, o uso de novas tecnologias para aumentar as exportações e especialização em linhas de produtos. Pode-se explicar que, o algodão é o único produto no setor agrícola no Benim que passa por um processo industrial (o descaroçamento, a produção de óleo de algodão e têxtil).

O descaroçamento é o processo de separação da fibra e da semente de algodão. Esta é a primeira etapa do processamento de algodão dirigida pelas indústrias habilitadas pela ordem estatal. Esse processamento é essencial para o beneficiamento do produto. Práticas racionais combinadas com equipamentos modernos podem conciliar lucros, altas taxas e preservação da qualidade. Depois desse processo, o produto é oferecido para as indústrias de produção de óleo de algodão como matérias primas.

Em geral, ao analisar todos os produtos, o comércio do Benim, em relação aos países da CEDEAO, apresenta um comércio do tipo inter-industrial. Isto já se esperava, por ser um país que detém uma dotação voltada à mão de obra e não possui um polo industrial forte para transformar os produtos primários em produtos manufaturados. Na espera de funcionamento da zona franca industrial, pode requerer mais capital e investimento para industrialização dos produtos agrícolas, o

que diversificaria a pauta exportadora para produtos industrializados e mudaria sua posição de comércio.

Tabela 6. Índice de Comércio Intra-Industrial (Benim-CEDEAO, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	0,767	0,000	0,704	0,000	0,000	0,000
2002	0,644	0,000	0,065	0,198	0,000	0,013
2003	0,836	0,000	0,410	0,344	0,000	0,005
2004	0,706	0,000	0,001	0,784	0,000	0,005
2005	0,656	0,000	0,000	0,635	0,000	0,028
2006	0,765	0,000	0,000	0,047	0,000	0,010
2007	0,854	0,442	0,000	0,458	-	0,087
2008	0,964	0,000	0,355	0,632	-	0,017
2009	0,820	0,000	0,000	0,167	-	0,000
2010	0,587	0,069	0,057	0,662	0,000	0,247
2011	0,803	0,000	0,054	0,324	0,000	0,241
2012	0,845	0,540	0,135	0,359	0,000	0,194
2013	0,731	0,659	0,335	0,537	0,000	0,213
2014	0,718	0,000	0,264	0,663	0,000	0,301
2015	0,743	0,884	0,127	0,556	0,000	0,098
2016	0,972	0,480	0,117	0,188	0,000	0,065
2017	0,942	0,000	0,000	0,037	0,000	0,043
Média	0,767	0,219	0,065	0,359	0,000	0,043

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

A tabela 7, a seguir, apresenta o tipo de comércio entre o Benim e o resto do mundo. Ao interpretar essa relação, pretende-se verificar se a pauta de exportação de comércio é do tipo inter-industrial ou intra-industrial.

Em relação aos outros produtos, o país exporta mais o algodão e importa de volta o produto manufaturado. Isto mostra uma média de 0,41 para o produto algodão. Embora, o comércio seja intra-industrial, nos dois primeiros anos de análise, em 2001 e 2002, o fluxo de comércio foi caracterizado como inter-industrial. A partir de 2003, percebe-se uma diminuição dos índices que reflete um aumento de importação dos produtos industrializados, mantendo em uma classificação de comércio inter-industrial. O comércio classificou-se de inter-industrial, com a queda do índice, de 51,34% em 2001, para 13,33% em 2017, que se percebe na tabela 7.

O país tem apresentado um comércio interindustrial por se especializar nas exportações de produtos de setor primários em que são competitivos e que requer dotações de fatores diferentes dos outros países. Em outras palavras, o índice confirma a divisão de trabalho que defende os neoclássicos na sua teoria de vantagem. Ao analisar o comércio bilateral entre o Benim e o resto do mundo, percebe-se a existência dessa divisão de trabalho. O Benim, sendo um país em desenvolvimento, especializa-se nas exportações de commodities, em que detém uma vantagem comparativa na produção dos bens que demandam os fatores relativamente abundantes em mão de obra, enquanto os países desenvolvidos são especializados em produtos industriais, em que os setores são dinâmicos e requer mais capital e investimento.

Tabela 7. Índice de Comércio Intra-Industrial (Benim-resto do mundo, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	0,513	0,000	0,713	0,000	0,001	0,000
2002	0,529	0,000	0,071	0,004	0,000	0,009
2003	0,410	0,000	0,408	0,022	0,000	0,003
2004	0,336	0,000	0,013	0,122	0,000	0,004
2005	0,353	0,001	0,002	0,027	0,000	0,021
2006	0,569	0,005	0,000	0,003	0,000	0,008
2007	0,535	0,017	0,116	0,048	-	0,049
2008	0,461	0,017	0,356	0,164	-	0,009
2009	0,420	0,021	0,431	0,111	-	0,000
2010	0,394	0,024	0,065	0,143	0,000	0,174
2011	0,507	0,017	0,058	0,143	0,000	0,232
2012	0,507	0,013	0,148	0,093	0,000	0,143
2013	0,352	0,011	0,336	0,088	0,000	0,165
2014	0,313	0,010	0,272	0,131	0,000	0,340
2015	0,240	0,008	0,179	0,148	0,000	0,097
2016	0,224	0,013	0,135	0,038	0,000	0,060
2017	0,134	0,005	0,113	0,007	0,000	0,068
Média	0,410	0,010	0,135	0,088	0,000	0,049

Fonte: elaborado a partir dos dados de TRADEMAP (2018).

6.5 Índices de Concentração das Exportações (ICP e ICD)

Na tabela 8 apresenta-se o crescimento das exportações do Benim, indicando uma maior comercialização para o mercado externo. Observa-se pouco declínio na evolução das exportações, ou seja, um crescimento progressivo com uma leve queda registrada em 2005, 2006, 2011. A primeira queda, de 2005 e 2006, justifica-se pela tendência de menor crescimento registrado nos anos de eleição. Esse mesmo período deve-se a muitos fatores, tais como: à variável macroeconômica, como a queda dos investimentos, e por ser um período de transição governamental. De fato, constata-se uma retenção dos investimentos para fazer a campanha eleitoral. As condições climáticas também impactaram negativamente, provocando uma queda das produções e, conseqüentemente, uma queda nas exportações. Em 2011, por sua vez, o comportamento se associa à má gestão dos subsídios públicos aos insumos como sementes, fertilizantes e inseticidas, afetando a produção e conduzindo à diminuição das exportações (AIC, 2017).

A tabela 8 também mostra o índice de concentração das exportações do Benim entre 2001 e 2017. Os resultados apontam que o país tem suas exportações relativamente concentradas em poucos produtos. Os dados parecem justificar que as ações governamentais tomadas, desde a gestão do governo do Presidente Yayi Boni até a gestão atual do Presidente Patrice Talon, não consegue diversificar as exportações. Vale notar que, em 2001, o ICP está em 0,64 e, em 2017, seu valor diminuiu para 0,582. Todavia, mesmo com a queda registrada aos longos dos anos, o país continua com suas exportações concentradas em poucos produtos, especialmente em produtos primários.

A tabela 8 mostra que as exportações do Benim são concentradas em poucos produtos, sobretudo primários, como já discutido. Além disso, demonstra que a pauta de destinos se mostra mais diversificada. Nesse aspecto, o ICD apresenta uma média de 0,321.

Tabela 8. Exportações totais, índice de concentração por produto e índice de concentração por mercado de destino (Benim, 2001-2017)

Exportações totais (US\$				
Ano	1.000)	Crescimento %	ICP	ICD
2001	204.165	-	0,640	0,323
2002	241.719	18,394	0,643	0,288
2003	271.526	12,331	0,733	0,295
2004	298.312	9,865	0,722	0,353
2005	288.196	-3,391	0,642	0,388
2006	221.390	-23,181	0,583	0,302
2007	274.387	23,938	0,623	0,322
2008	421.064	53,456	0,534	0,320
2009	425.348	1,017	0,603	0,456
2010	533.902	25,521	0,567	0,448
2011	388.592	-27,217	0,467	0,274
2012	460.338	18,463	0,491	0,340
2013	602.014	30,777	0,517	0,296
2014	968.326	60,848	0,427	0,247
2015	624.913	-35,465	0,515	0,253
2016	409.752	-34,431	0,545	0,268
2017	731.589	78,544	0,582	0,284

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.6 Índices de Competitividade Revelada (ICR)

Segundo Vollrath (1989), o uso do ICR permite verificar se o país apresenta vantagem competitiva, ao se calcular um índice maior que zero. Conforme a tabela 9, todos os produtos analisados no decorrer dos anos de estudo apresentaram um índice maior que zero, indicando uma vantagem competitiva revelada, a exceção dos anos que não se observaram importações.

O ouro teve vantagem competitiva em dois anos, 2001 e 2013, únicos períodos com registros de importação. Além disso, destaca-se que, de 2001 a 2004, o Benim não efetuou importações de caju, o mesmo ocorrendo para a soja no ano

de 2001. Quanto aos combustíveis, o índice calculado converge em direção à negativo, o que indica que não há vantagem competitiva.

Tabela 9. Índice de Competitividade Revelada (Benim, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	2,900	-	1,718	-	8,554	-7,715
2002	2,769	-	4,421	7,497	-	-4,513
2003	3,556	-	2,636	5,851	-	-5,486
2004	3,722	-	6,194	3,973	-	-5,318
2005	3,423	8,543	8,166	5,511	-	-3,614
2006	2,813	7,554	9,936	8,048	-	-4,283
2007	3,317	6,598	4,576	5,483	-	-2,086
2008	3,029	6,208	2,911	3,906	-	-4,146
2009	2,887	5,951	2,625	4,207	-	-7,742
2010	2,931	5,823	4,756	3,862	-	-1,097
2011	3,082	6,505	5,153	4,401	-	-0,421
2012	3,018	6,689	4,195	4,529	-	-1,096
2013	3,506	6,724	3,260	4,499	10,049	-0,895
2014	3,256	6,646	3,230	3,960	-	-0,249
2015	3,831	7,126	3,808	3,945	-	-1,696
2016	4,354	6,867	4,498	5,909	-	-1,740
2017	4,574	7,474	4,294	7,237	-	-2,061

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.7 Índices de Posição Relativa (POS)

Conforme apresenta a tabela 10, os principais produtos exportados pelo Benim são superavitários, com exceção dos combustíveis. O algodão, o óleo de algodão, a soja e o caju apresentam um índice de posição relativa positiva. Entretanto, o algodão e o óleo de algodão melhoram sua posição no mercado de 2001 a 2017, apresentando respectivamente, no final do período analisado, um índice de 0,314% e 0,102%. O produto combustível, por sua vez, mostra-se em perda de posição, apresentando um índice negativo durante todos os períodos analisados, ou seja, as importações desse produto são maiores que as exportações.

Já o ouro apresenta um índice de posição relativa muito próximo de zero. Em 2007, 2008 e 2009, salienta-se que não houve exportação e nem importação deste produto. No final do período, em 2017, o ouro beninense apresentou uma posição de pouca relevância no comércio mundial, de 0,003%.

Tabela 10. Índice de Posição Relativa (Benim, produtos seleccionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	0,111	0,494	0,008	0,323	0,021	-0,008
2002	0,117	0,635	0,041	0,216	0,026	-0,010
2003	0,170	0,459	0,030	0,328	0,008	-0,012
2004	0,174	0,406	0,031	0,160	0,001	-0,010
2005	0,146	0,407	0,129	0,187	0,008	-0,006
2006	0,058	0,358	0,115	0,194	0,006	-0,006
2007	0,086	0,321	0,037	0,115	0,000	-0,008
2008	0,113	0,389	0,008	0,040	0,000	-0,004
2009	0,121	0,456	0,002	0,036	0,000	-0,007
2010	0,080	0,339	0,047	0,088	0,009	-0,008
2011	0,060	0,323	0,045	0,039	0,003	-0,005
2012	0,082	0,479	0,049	0,050	0,003	-0,007
2013	0,145	0,569	0,036	0,042	0,002	-0,006
2014	0,209	0,506	0,023	0,026	0,004	-0,007
2015	0,222	0,484	0,025	0,050	0,002	-0,011
2016	0,167	0,232	0,022	0,092	0,003	-0,015
2017	0,314	0,394	0,102	0,290	0,003	-0,013

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.8 Índices de Orientação Regional (IOR)

Com o índice de orientação regional, identifica-se a importância de determinados destinos das exportações do Benim. Nesse conjunto, foram considerados a Ásia e a CEDEAO para o cálculo de IOR, como áreas de destino das exportações do Benim. De acordo com a tabela 11, os valores de IOR de algodão e caju, calculados para Ásia, têm resultado maior que a unidade durante todos os períodos analisados. Em 2006, o IOR de caju foi bem maior, apontando uma maior exportação ou quase a totalidade do produto destinada período àquele continente. Quanto ao algodão, o IOR referente à Ásia vem crescendo ao longo dos anos

estudados, com reversão dessa tendência a partir de 2011. Essa queda na participação das exportações de algodão para a Ásia é justificada pela orientação das exportações em um novo mercado, a Europa.

Tabela 11. Índice de Orientação Regional (Benim-Ásia, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	2,285	65,271	0,00	0,216	0,000	0,000
2002	2,733	175,120	0,00	0,212	0,000	0,000
2003	2,347	26,892	0,00	0,054	0,000	0,000
2004	2,734	26,652	0,00	0,010	0,000	0,000
2005	4,519	81,111	0,00	0,188	0,004	0,000
2006	5,071	2145,311	0,00	0,281	0,000	0,000
2007	4,298	96,996	0,00	0,040	-	0,001
2008	7,214	175,402	0,00	0,318	-	0,000
2009	10,942	104,600	0,00	0,385	-	0,000
2010	18,538	109,117	0,139	0,312	0,139	0,005
2011	5,194	33,067	0,00	0,868	0,012	0,004
2012	8,836	15,768	0,00	0,951	0,099	0,000
2013	5,578	150,257	0,00	2,196	0,316	0,000
2014	5,274	125,091	0,00	4,281	0,110	0,002
2015	3,659	105,483	0,00	0,586	0,008	0,000
2016	2,964	76,743	0,002	0,329	0,066	0,610
2017	5,255	16,174	0,001	0,036	0,398	0,090

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

De acordo com a tabela 12, verifica-se que os índices IOR obtidos para o óleo de algodão são maiores que a unidade mostrando uma orientação dos produtos para o mercado CEDEAO. Percebe-se que a partir de 2016 teve um aumento dos índices apontando o grau de importância das exportações neste mercado

Conforme a tabela 12, que recai sobre o comércio com a CEDEAO, os produtos ouro e combustível apresentam um índice maior que a unidade. Em 2001, o IOR de ouro foi bem maior em comparação aos outros anos analisados. Nesse período, o valor total das exportações de ouro foi de US\$ 10,176 milhões para o mundo, cujos US\$ 10,081 milhões foram destinados para a CEDEAO. No entanto, a partir de 2013, o valor de IOR se aproxima de zero, com exceção de 2014,

apresentando uma perda de importância da CEDEAO como destino. Em 2007, 2008 e 2009, salienta-se que não foi registrada nenhuma exportação deste produto. Ainda conforme a tabela 12, a exportação de combustível apresenta uma orientação para a CEDEAO, apresentando oscilação no IOR. Em 2008, observou-se uma queda devido à crise econômica mundial que afetou os países. De 2014 a 2016, um novo decréscimo foi constatado devido à queda das exportações para o bloco CEDEAO.

Tabela 12. Índice de Orientação Regional (Benim-CEDEAO, produtos selecionados, 2001-2017)

Ano	Algodão	Caju	Óleo de algodão	Soja	Ouro	Combustível
2001	0,234	0,000	-	0,160	611,011	-
2002	0,127	0,000	-	0,047	29,794	-
2003	0,358	0,000	451,281	0,290	11,308	-
2004	0,248	0,033	-	0,157	2,510	37,202
2005	0,068	0,000	-	0,105	1,780	784,417
2006	0,077	0,000	-	0,127	1,999	36,671
2007	0,104	0,005	-	0,167	-	130,711
2008	0,145	0,000	-	0,480	-	-
2009	0,053	0,000	-	0,180	-	1,802
2010	0,029	0,000	15,279	0,131	4,209	1,889
2011	0,273	0,000	830,714	1,521	103,352	4,742
2012	0,210	0,006	-	0,686	8,252	12,565
2013	0,137	0,008	-	0,390	0,821	16,870
2014	0,180	0,000	-	0,501	1,843	2,473
2015	0,132	0,018	-	0,755	0,981	3,329
2016	0,205	0,007	1333,941	0,782	0,951	1,624
2017	0,122	0,000	2707,858	0,853	0,350	1,103

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Levando em consideração os resultados dos IOR apresentados, pode-se dizer que os produtos agrícolas, seja o algodão ou o caju, têm como destino a Ásia. No relatório apresentado pelo INSAE (2017), indica-se que a Ásia é uma área prioritária para direcionar as exportações do Benim, com 54,9% das exportações nacionais de caju e 67,3% do algodão. O óleo de algodão e os produtos minerais, por sua vez, como ouro e combustíveis, apresentam a CEDEAO como mercado de destino. Segundo (INSAE, 2017), os produtos destinados no continente Africano em 2017, são marcados pela presença dos países membros da CEDEAO, que totalizam

59,4% das exportações do Benim. Vale salientar que as duas áreas de destino analisadas para as exportações do Benim, o ouro é direcionado para a CEDEAO. Nota-se que o direcionamento deste deve ser maior para o mercado Europeu caso haja sua inclusão nas áreas de destino. O indicador considera apenas como área de destino a Ásia e a CEDEAO, em que a CEDEAO se mostra mais interessada na demanda do ouro do que a Ásia. Ressalta-se que o produto soja é o único a não apresentar uma orientação nem para Ásia e nem para a CEDEAO. Porém o destino desse produto se refere o mercado europeu, que aponta uma importância nas importações deste, onde ganhou espaço.

6.9 Modelo Constant Market Share (CMS)

Para analisar a competitividade das exportações pelo modelo *Constant Market-Share*, apresenta-se a decomposição de crescimento das exportações dos produtos analisados. Para o cálculo, consideram-se os efeitos para cada ciclo observado nas figuras das evoluções de exportações apresentadas a seguir.

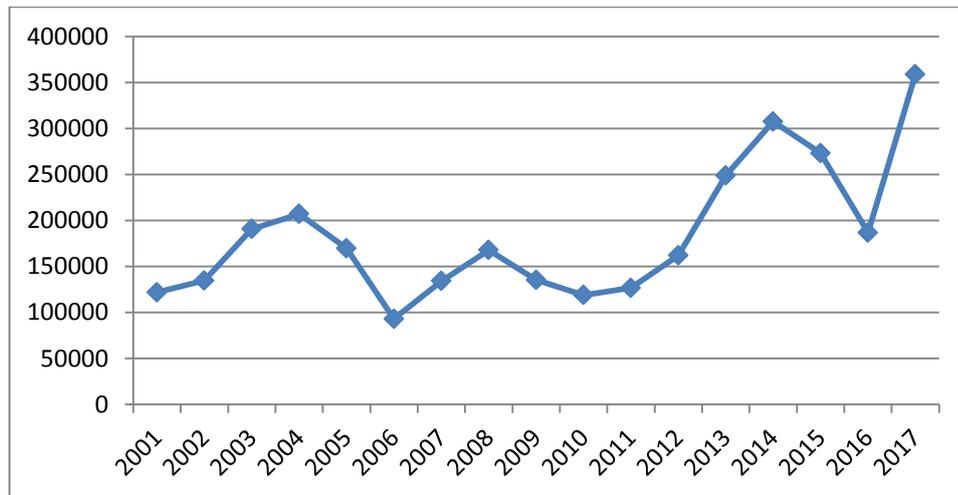
6.9.1 Resultados de Constant Market Share para algodão

Na tabela 13, a decomposição da evolução das exportações beninenses de algodão pode ser observada em cinco períodos (2001/2004; 2004/2011; 2011/2014; 2014/2016; 2016/2017). Os períodos são definidos de acordo com os ciclos observados no gráfico da evolução de suas exportações.

Como mostra o gráfico 4, as exportações de algodão aumentaram ao longo dos anos em estudo. Entre 2001 e 2017, teve um crescimento geométrico de 6,97% ao ano nas exportações (ITC, 2017). Em 2005 e 2006 salientam-se picos negativos na exportação, relacionados à crise de setor algodoeiro que surgiu em 2004. Outros fatores que influenciaram a queda das exportações de 2006 e 2016 foram o período da eleição presidencial e o aumento de preço de algodão no mercado mundial, sobretudo em 2016 (INSAE, 2017). Vale destacar que, após quatro anos consecutivos de aumento entre 2011 e 2014, as exportações de algodão caíram em 2015 e 2016, o que se pode relacionar com a queda de produção na safra de 2015-2016 devido às condições climáticas menos favoráveis (BCEAO, 2016). O crescimento das exportações em 2017, por sua vez, deve-se ao aumento da

produção. Esse aumento se explica pela chuva favorável á produção, e também às mudanças que ocorreram na gestão do setor com o restabelecimento da parceria entre o Governo e a Associação Interprofissional de Algodão (BAYE, 2018).

Gráfico 4. Evolução das exportações de algodão (Benim, 2001-2017, US\$ mil)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

De acordo com a tabela 13, no primeiro período (2001/2004), o efeito do crescimento mundial foi decisivo para as exportações de algodão, contribuindo com 70,35% do crescimento verificado pelas exportações dos produtos do Benim. O crescimento de comércio mundial positivo superou os efeitos produto e destino, que se mostraram negativos. Dessa forma, as exportações beninenses de algodão seguiram nesse ciclo com a tendência de aumento no mercado mundial. Contudo, nesse período, as exportações de algodão mundial aumentaram em 34,14%, enquanto as exportações de algodão do Benim aumentaram em 69,90%, mais que o dobro do ocorrido mundialmente. De fato, o efeito da competitividade foi calculado em 66,84%, indicando uma melhoria da posição competitiva do Benim nesse setor. O efeito produto e destino responderam de forma negativa ao crescimento das exportações. Vale salientar que esses efeitos tentaram impedir o crescimento das exportações, interferindo negativamente e arriscando transformar o crescimento em queda. Nesse período, portanto, pode-se interpretar que as exportações foram destinadas a mercados menos dinâmicos, que cresceram a uma taxa inferior à média observada no mercado mundial.

No segundo período, percebe-se uma queda nas exportações de 38,84%. Essa queda teve seu comportamento associado ao efeito produto e ao efeito competitividade. O efeito competitividade foi o que mais contribuiu na queda ocorrida neste período. Portanto, o efeito destino, seguido do efeito do crescimento do comércio mundial contribuíram para evitar uma queda ainda maior que os 38,84% constatados no período.

No terceiro período, o crescimento ocorrido apresenta o efeito competitividade como o principal responsável do aumento das exportações, representando a maior contribuição, de 109,42%, seguido do efeito do comércio mundial e efeito do destino, que apresentaram uma contribuição positiva e em menor proporção que o efeito competitividade. A competitividade se explica pela melhoria na produção, coincidindo com a substituição do uso de máquinas de produção tradicional pelo uso de máquinas modernas, ou seja, o uso de tratores e o uso de inseticidas para lutar contra as pragas, facilitando o aumento da produção. O efeito produto respondeu negativamente ao crescimento, explicando que o produto exportado pelo país cresceu a uma taxa inferior aos 14,96% observados no mercado mundial.

No período (2014/2016), as exportações de algodão sofreram uma queda de 39,28%. Todos os quatro efeitos mostraram-se positivos, provocando referida queda. Nesse período, a perda de competitividade foi a que mais causou o declínio das exportações.

Quanto ao último período analisado (2016/2017), constata-se a volta do crescimento das exportações depois da queda do período anterior. Esse crescimento deve-se aos efeitos mundo, destino e competitividade. De acordo com os dados da tabela 13, é perceptível que o aumento das exportações foi influenciado principalmente pelo efeito competitividade, com uma contribuição de 84,54%. A explicação dada a esse efeito deve-se ao investimento recebido do programa do Governo para o setor algodoeiro e a implementação da estratégia política do uso da tecnologia que conduziu a uma maior produção. Em 2017, o país registrou a maior quantidade e o maior valor de exportação (ITC, 2018). O crescimento das exportações de algodão seguiu a tendência do crescimento do mercado mundial, apesar de que os demais efeitos contribuíram de maneira menos expressiva. Segundo ITC, 2018 salienta-se que, nesse período, o mercado mundial cresceu em 149,10%, enquanto que as exportações de algodão cresceram em 92,07%. Portanto o efeito produto teve uma participação negativa. Ademais, é válido evidenciar que,

na decomposição do crescimento das exportações de algodão, o efeito competitivo foi efetivo em todos os ciclos de crescimento observados.

Tabela 13. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de algodão

Efeitos	2001/2004	2004/2011	2011/2014	2014/2016	2016/2017
Efeito Mundo	70,351	-244,439	2,199	38,295	12,114
Efeito Produto	-26,998	115,033	-14,966	12,274	-0,725
Efeito Destino	-10,203	-110,914	3,342	2,134	4,071
Efeito Competitividade	66,849	340,320	109,425	47,297	84,540
Varição total	69,909	-38,84	142,825	-39,287	92,070

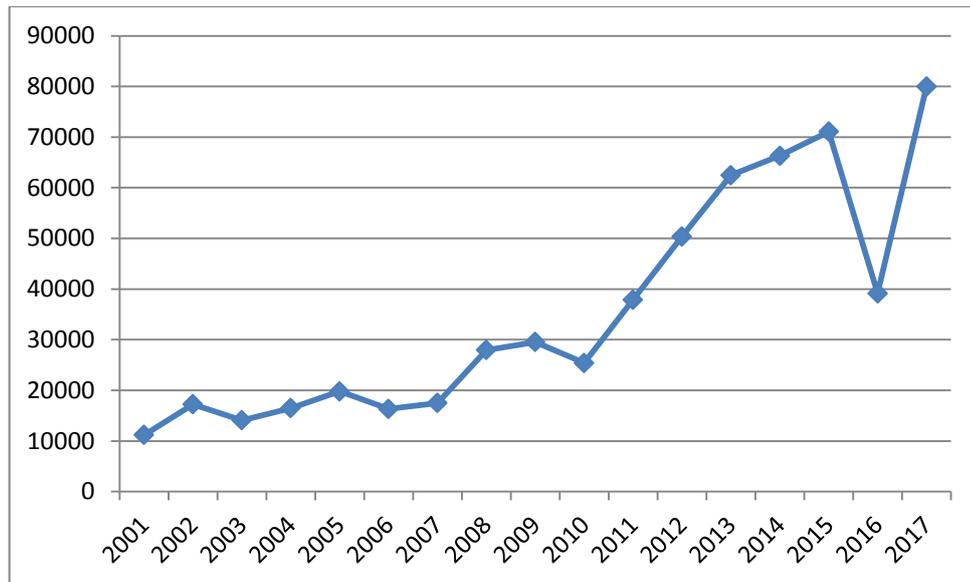
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Salienta-se ainda que os efeitos sejam apresentados em percentuais, cuja soma corresponde a 100%. A linha referente à variação total, por sua vez, refere-se ao percentual de crescimento ou queda das exportações verificada em cada ciclo.

6.9.2 Resultado de *Constant Market Share* para caju

Para o produto caju definiram-se quatro períodos (2001/2010; 2010/2015; 2015/2016; 2016/2017) de acordo com os ciclos observados no gráfico da evolução das exportações de caju.

No gráfico 5, as exportações de caju tiveram um aumento consistente, de 87,63%, a partir do ano de 2011 a 2015. Ressalta-se que a queda observada em 2016 pode se relacionar com a transição de novo governo e a falta de dinheiro nos cofres públicos, bem como às flutuações do dólar no mercado mundial. No ano seguinte, contudo, por causa do investimento obtido no FMI para apoiar o programa PAG, observou-se a recuperação das exportações de caju (BAYE, 2018).

Gráfico 5. Evolução das exportações de caju (Benim, 2001-2017, US\$ mil)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

De acordo com a tabela 14, no primeiro período as exportações de caju cresceram em 127,341%, e esse crescimento relaciona-se ao efeito mundo, ao efeito produto e ao efeito destino. Salienta-se que o efeito destino foi o responsável central pelo crescimento das exportações de caju, em 184,584%, justificado pela inserção do produto em mercados dinâmicos. O efeito competitividade foi negativo, explicando uma falta de competitividade do país no mercado externo. A perda de competitividade não permitiu um crescimento ainda maior das exportações.

No segundo período (2010/2015), as exportações cresceram ainda mais em relação ao primeiro período, apontando uma evolução de 179,673%. Todos os efeitos calculados contribuíram de forma positiva. Os efeitos mundo e destino apresentam uma taxa moderada, respectivamente de 4,49% e 3,72%. O efeito produto, por sua vez, foi determinante para as exportações, com peso de 55,53%, seguido pelo efeito competitividade, com 36,24%. Ressalta-se que, nesse período, as exportações tiveram um aumento consistente, conforme mostra o gráfico 5 da evolução das exportações de caju.

No período (2015/2016), o efeito competitividade foi responsável por 92,742% pela queda das exportações de 44,91%, seguido do efeito destino e também pelo efeito mundo. O efeito produto teve um comportamento de correção, evitando uma queda ainda maior dessas exportações.

No último período, as exportações voltaram a crescer em 104,347%, constata-se que o efeito competitividade foi determinante para levantar o crescimento das exportações neste período, o que se explica pelo resultado positivo associado aos programas implementados pelo governo. Vale ressaltar que o crescimento decorre também do efeito mundo, seguido do efeito produto. Nesse período, em que foi registrada a maior exportação do país, salienta-se ainda que o efeito destino decorra em uma pequena taxa de participação no crescimento.

Tabela 14. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de caju

Efeitos	2001/2010	2010/2015	2015/2016	2016/2017
Efeito Mundo	112,563	4,499	6,931	10,689
Efeito Produto	63,828	55,531	-18,173	7,745
Efeito Destino	184,585	3,729	18,500	1,912
Efeito Competitividade	-260,976	36,241	92,742	79,655
Varição Total	127,341	179,673	-44,911	104,347

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

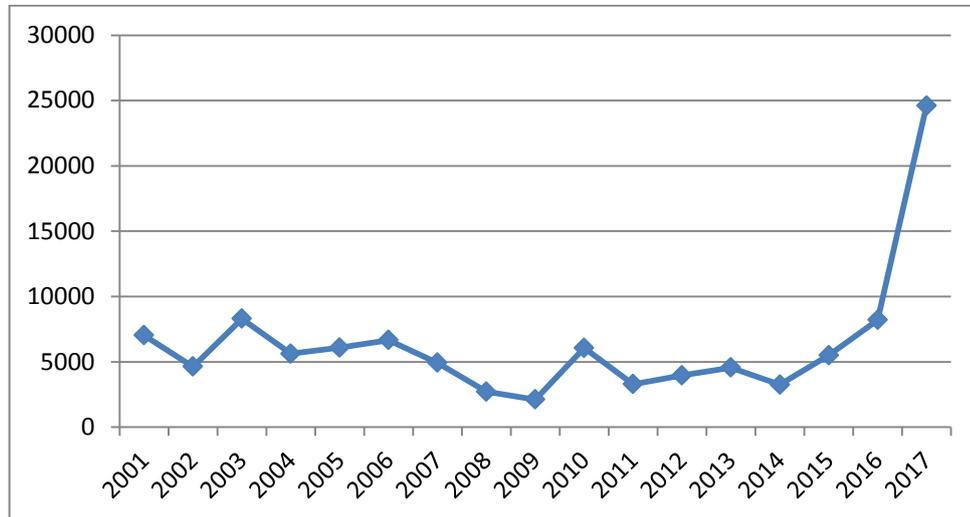
6.9.3 Resultado de *Constant Market Share* para soja

Ao analisar as exportações de soja pelo modelo CMS, três períodos são definidos (2001/2009; 2009/2016; 2016/2017) de acordo com os ciclos observados no gráfico da evolução das exportações de soja.

A soja é um dos principais produtos exportados pelo Benim para o mercado mundial. O gráfico 6 mostra, ao longo do período estudado, que essas exportações flutuaram bastante. Os três anos seguidos de queda de exportações, de 2007 a 2009, deveu-se à má prática de produção, mudanças climáticas e fenômenos de erosão (FAO, 2009). Esses efeitos resultaram em uma menor safra e diminuição das exportações. Em 2010, as exportações subiram, mas caíram nos anos seguintes, devido à fragilidade das técnicas tradicionais de produção. A partir de 2015, com a inserção de máquinas modernas na produção e a melhora na prática de produção, a quantidade exportada passou de 14.392 toneladas em 2015 para 63.887 toneladas em 2017, ou seja, um crescimento de 64,34%. Assim, o valor das exportações cresceu de 64,78% em 2015 a 2017 (ITC, 2018). Ainda, ressalta-se que esse

aumento também se justifica pela aplicação de projetos de diversificação de produtos agrícolas, adotados pelos governos através do programa PAG.

Gráfico 6. Exportações de Soja (Benim, 2001-2017, US\$ mil).



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

A tabela 15 indica que, no primeiro período (2001/2009), o efeito competitividade foi responsável por 299,194%, seguido do efeito destino, de 14,051%, ambos contribuindo para a queda das exportações de soja. Por outro lado, o efeito mundo ajudou para que a queda das exportações de soja no período não fosse ainda maior, acompanhando pelo efeito produto.

No intervalo do período seguinte (2009/2016), as exportações cresceram em 286,833% e o efeito destino foi determinante para esse crescimento. Explica-se a aceitação do produto em um mercado europeu dinâmico, cuja maior parte das exportações é destinada. O crescimento observado nas exportações relaciona-se também com o efeito produto, em 11,104%, e o efeito de mercado, em 9,431%. Nesse período, o efeito competitividade reagiu de uma forma negativa compensando o impacto positivo associado ao efeito destino. Essa falta de competitividade justifica-se pelo insucesso da medida tomada pelo governo do Presidente Yayi Boni de 2006-2016, para aplicar uma política agrícola efetiva e render produtos competitivos, como o aumento dos custos de transações, de transporte e as várias taxas internas aplicadas.

No último período (2016/2017), com a aplicação do programa PAG do novo governo de Patrice Talon, o efeito competitividade contribuiu com 103,077% do

crescimento registrado nas exportações de soja, acompanhando do efeito relacionado ao crescimento do mercado mundial, com leve participação de 5,570%. O efeito produto e o efeito destino, por seu turno, tiveram um desempenho negativo. Vale lembrar que, se os efeitos tivessem um desempenho positivo, as exportações aumentariam ainda mais que os 200,20% registrados nesse ciclo.

Tabela 15. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de soja

Efeitos	2001/2009	2009/2016	2016/2017
Efeito Mundo	-144,028	9,431	5,570
Efeito Produto	-69,21778	11,104	-6,051
Efeito Destino	14,051	6653,373	-2,597
Efeito Competitividade	299,194	-6573,910	103,077
Varição Total	-69,823	286,833	200,207

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018)

6.9.4 Resultado de *Constant Market Share* para óleo de algodão

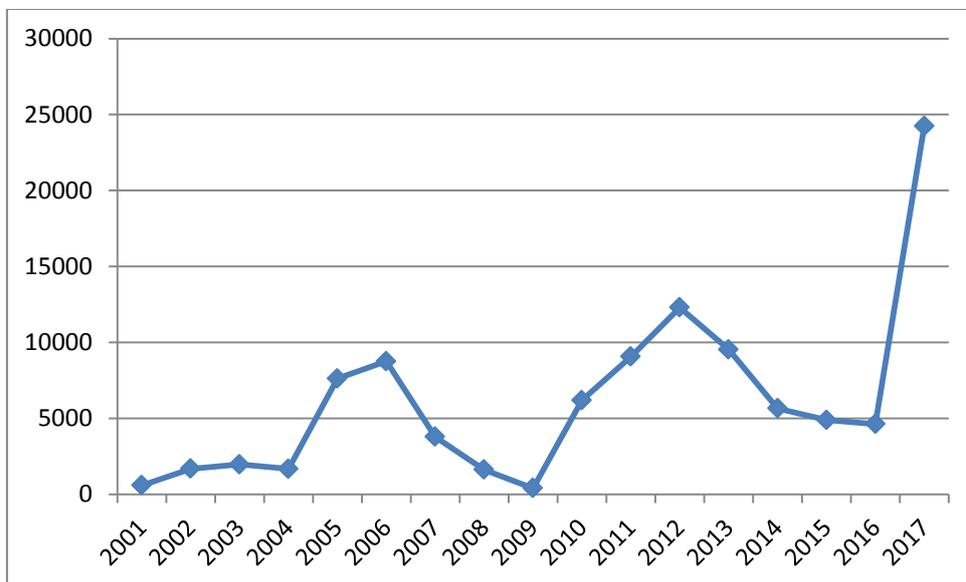
De acordo com a tabela 16, o modelo de *Constant Market Share* para o óleo de algodão é calculado em cinco períodos (2001/2006; 2006/2009; 2009/2012; 2012/2016; 2016/2017), conforme os ciclos observados no gráfico da evolução das exportações de óleo de algodão.

O gráfico 7 mostra as exportações de óleo de algodão durante os anos estudados. A partir de 2002, observa-se um leve aumento das exportações devido à proteção do governo para suprir a demanda das matérias primas das indústrias e aumentar a produção, ciclo que se estende até 2006. Em 2007, 2008 e 2009, observa-se uma queda progressiva, associada aos preços elevados das matérias primas, que dificultaram a aquisição das sementes de algodão para a produção de óleo (BAFFES 2010). Depois desse período, as exportações voltaram a subir, mas com queda observada entre 2013 e 2016, em razão das perdas registradas nas indústrias. Vidjningninou (2016) reforçou a ideia de Baffes (2010), justificando essas

perdas pela dificuldade de obter as sementes a um preço baixo, adicionando-se a concorrência do produto com os óleos vindos da Ásia e da África, principalmente dos países da CEDEAO, que afetaram as indústrias nacionais ativas na comercialização no mercado local e externo.

A competitividade das indústrias dos óleos depende de crescimento das produções de algodão. Nesse sentido, o aumento das produções de algodão pelo programa de investimento do governo impulsionou o expressivo aumento das exportações de óleos de algodão em 2017.

Gráfico 7. Exportações de óleo de algodão (Benim, 2001-2017, US\$ mil)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

De acordo com os intervalos dos primeiros anos analisados, observou-se que o efeito de crescimento do comércio mundial, o efeito produto e o efeito competitividade responderam de forma favorável ao crescimento das exportações dos produtos. O efeito competitividade é o maior fator explicativo, contribuindo com 102,37% para o aumento das exportações nesse período. A justificativa consiste na imposição de barreiras para as importações de óleos vegetais para proteger o mercado interno, proporcionando um resultado positivo nesse período. Além disso, houve um aproveitamento adequado dos fatores de produção no setor de óleo de algodão, ocasionando um preço interno melhor comparado ao preço exterior e uma melhor qualidade do produto exportado. Contudo, o efeito destino foi negativo, em 11,34%, refletindo que os produtos foram destinados a mercados menos dinâmicos.

No segundo período, os efeitos destino e competitividade foram os responsáveis pela queda das exportações, principalmente o efeito competitividade que contribuiu a 100%. No entanto o efeito de crescimento do comércio mundial e o efeito produto produziram um comportamento contrário, evitando uma maior queda nas exportações.

No intervalo do período seguinte (2009/2012), o crescimento das exportações teve seu desempenho justificado pelo efeito competitividade, seguido do efeito mundo e do efeito produto, que tiveram uma ligeira participação de 1,60% e 1,34%, respectivamente. Já o efeito destino respondeu de uma forma negativa nas exportações.

No quarto período analisado (2012/2016), as exportações se deparam com uma queda, justificada pelo efeito competitividade, seguido do efeito mundo e do efeito produto. No entanto, quando se analisa o efeito destino, constata-se que este foi suficiente para impedir uma maior queda provocada principalmente pelo efeito competitividade.

No último período analisado (2016/2017), as exportações voltaram a crescer. Os quatro efeitos responderam favoravelmente, explicando o aumento das exportações. O efeito competitividade apresenta a maior taxa de contribuição, de 50,883%, enquanto o efeito produto apresentou o menor peso, de 0,697%.

Tabela 16. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de óleo de algodão

Efeitos	2001/2006	2006/2009	2009/2012	2012/2016	2016/2017
Efeito Mundo	6,943	-3,141	1,606	21,233	2,632
Efeito Produto	2,031	-65,266	1,345	4,819	0,698
Efeito Destino	-11,346	68,407	-4,237	-458475,942	45,787
Efeito Competitividade	102,372	100,000	101,286	458549,890	50,883
Varição Total	1364,548	-95,307	2892,701	-62,365	423,763

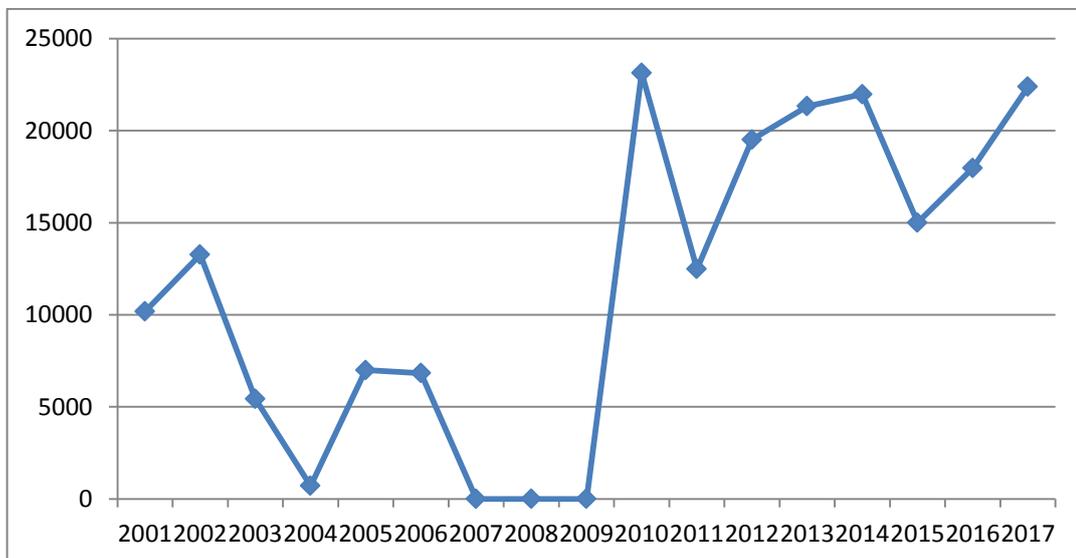
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018)

6.9.5 Resultado de Constant Market Share para ouro

De acordo com a tabela 17, os efeitos de crescimento das exportações de ouro são observados em seis períodos (2001/2004; 2004/2010; 2010/2011; 2011/2014; 2014/2015; 2015/2017), conforme os ciclos observados na evolução das exportações de ouro.

O gráfico 8 mostra oscilações das exportações de ouro do Benim. Vale salientar que o país mostrou um bom desempenho nas exportações de ouro em 2017. Porém, em três anos seguidos, 2007, 2008 e 2009, não registrou nenhuma exportação, dada a falta de investimento voltado ao setor (UNPAN, 2013). Após 2010, as exportações de ouro se mostraram praticamente estáveis, com exceção dos anos de 2011 e 2015. Em 2016, com a reestruturação do setor e o apoio governamental a incentivar os investidores na exploração de ouro, deu-se um aumento nas exportações.

Gráfico 8. Evolução das exportações de ouro (Benim, 2001-2017, US\$ Mil)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Na tabela 17, o primeiro período dos resultados de *Constant Market Share* analisado (2001/2004) mostra que o efeito destino foi o principal responsável, com 150,80%, pela queda da exportação de ouro. Em seguida, conta o efeito competitividade, que teve uma contribuição de 10,50%. Já os efeitos do crescimento do comércio mundial e do produto não foram suficientes para evitar a queda.

Para o segundo período (2004/2010), o efeito competitividade foi um fator definitivo, com 90,95% em contribuição para o crescimento das exportações. Os demais efeitos tiveram uma menor contribuição. A explicação que se dá ao crescimento desse período refere-se à reforma que foi realizada pelo país na sua legislação de mineração, desenvolvendo um novo código de mineração para estimular e incentivar o investimento em pesquisa e produção mineral (MEIH, 2018). Isso permitiu que os investidores operassem com segurança e em condições aceitáveis de rentabilidade para ser mais competitivo nas suas exportações.

No terceiro período (2010/2011), o país se deparou com uma forte queda após um pico de crescimento. A queda de 46,03% teve 570,44% de seu comportamento associado ao efeito competitividade. No entanto, o efeito mundo, o efeito produto e o efeito destino produziram resultados contrários, mas não suficientes para impossibilitar a queda.

De acordo com o resultado de CMS apresentado na tabela 17, observa-se que o fator que contribuiu para o crescimento das exportações no ciclo seguinte (2011/2014) foi o efeito competitividade. Em seguida, destaca-se o efeito produto, com 68,98%, acompanhado do efeito do crescimento de comércio mundial, em 4,13%. O efeito destino respondeu a uma taxa negativa de 87,73%.

O intervalo de período seguinte (2014/2015) foi marcado por uma queda nas exportações. Esse comportamento se explica pelo efeito do crescimento do comércio mundial, pelo efeito destino e pelo efeito competitividade. O efeito produto foi negativo tentando ajustar o declínio, mas seu comportamento não evitou a queda observada.

No último período (2015/2017), por sua vez, a tabela 17 mostra o efeito de competitividade como o fator explicativo do aumento das exportações nesse ciclo. A importância desse efeito no crescimento deve-se ao retorno do investimento no setor da mineração. Conforme mostrado na tabela, o efeito do crescimento do comércio mundial foi também relevante, com 15,64% de contribuição. Porém, o efeito destino não favoreceu, e sua contribuição negativa deve-se à orientação do produto para mercados menos dinâmicos. Por fim, o efeito produto negativo representa que as exportações do ouro cresceram a uma taxa inferior a média do mercado internacional.

Tabela 17. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de ouro

Efeitos	2001/2004	2004/2010	2010/2011	2011/2014	2014/2015	2015/2017
Efeito Mundo	-52,8989	2,012669	-42,384	4,135768	38,83235	15,64795
Efeito Produto	-8,40898	3,766409	-71,4089	68,98587	-94,9442	-3,18095
Efeito Destino	150,8013	3,270557	-356,65	-87,7351	33,43433	-10,244
Efeito Competitividade	10,50657	90,95037	570,4434	114,6134	122,6775	97,77695
Varição Total	-92,973	3135,944	-46,034	75,941	-31,714	49,163

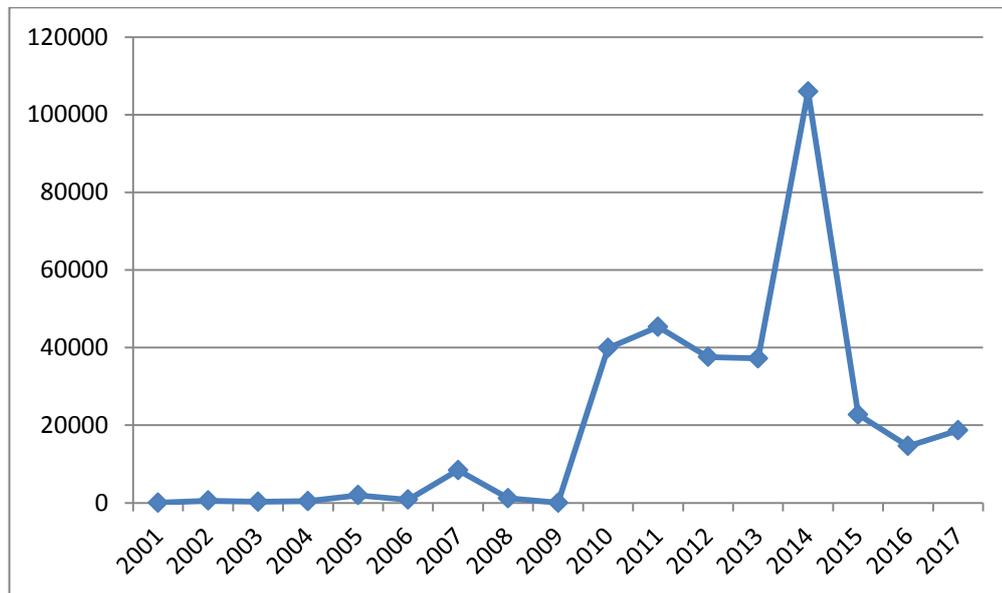
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.9.6 Resultados de *Constant Market Share* para combustível

Para o produto combustível, determinam-se apenas dois períodos (2001/2014; 2014/2017) para analisar os efeitos relacionados com as exportações pelo CMS. Esses dois períodos são observados pelos ciclos apresentados no gráfico da evolução das exportações de combustível.

O gráfico 9 mostra que, em 2014, o setor formal de combustível teve um aumento nas exportações, relacionado com o fim do subsídio concedido pela Nigéria. No ano seguinte, registrou-se uma queda dramática, que se justifica pela queda de preço do petróleo no mercado internacional. Essa queda afetou grandes produtores do continente, cujas economias dependem da exportação de petróleo, como Nigéria, África do Sul e Angola.

Gráfico 9. Evolução das exportações de combustível (Benim, 2001-2017, US\$ Mil)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

De acordo com a tabela 18, os resultados encontrados no primeiro período mostram que os quatro efeitos foram positivos, contribuindo para o aumento das exportações de combustível pelo Benim. O efeito competitividade foi o que apresentou maior peso para o crescimento das exportações, com 99,92%. Os demais efeitos foram marginais, ainda que positivos: 0,035% para o efeito crescimento do comércio mundial, 0,034% para o efeito produto e 0,008% para o efeito destino.

Na tabela 18, a queda das exportações de 82% do segundo período analisado teve seu comportamento associado ao efeito do crescimento do comércio mundial, com 6,759%; efeito produto, com 35,041%; e efeito competitividade, com 71,091%. O efeito destino dos produtos foi negativo, mostrando que este colaborou para que as exportações não registrassem uma queda ainda maior no período. Vale salientar que a maior parte desse produto é destinada aos países membros da CEDEAO.

Tabela 18. Resultado do modelo *Constant Market Share* para as exportações beninenses de combustível

Efeitos	2001/2014	2014/2017
Efeito Mundo	0,036	6,759
Efeito Produto	0,035	35,042
Efeito Destino	0,009	-12,892
Efeito Competitividade	99,921	71,091
Varição Total	5575,631	-82,402

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

6.10 Análises das cinco forças de Porter

Nesta seção, apresenta-se uma análise da competitividade dos produtos exportados pelo Benim na abordagem das cinco forças de Porter. Para tanto, foram selecionados os mesmos produtos tratados nos cálculos dos indicadores. Esses produtos são subdivididos em dois agregados: o setor agrícola, com os produtos algodão, caju, soja e óleo de algodão; e o setor mineral, com ouro e combustível.

6.10.1 Entrantes em potencial

Nos setores minerais, como combustíveis e ouro, a ameaça de entrada não é tão preocupante por ser um setor de altíssimo investimento e maior risco. Além da alta tributação, a incerteza de resultado esperado da exploração não compensa os custos.

Por sua vez, com relação aos setores agrícolas, destaca-se que o algodão é o principal produto exportado pelo Benim, ocupando sempre o primeiro lugar no ranking entre 2001 e 2017. No conjunto de países do bloco econômico CEDEAO, o Benim ocupa o terceiro lugar na produção de algodão. Segundo INSAE (2018), a safra de algodão 2016/2017 no Benim foi de 597.986 toneladas, enquanto em Burkina-Faso e Mali foi respectivamente de 681.454 toneladas e 645.000 toneladas. Em 2017, Burkina-Faso apresentou-se como o maior exportador de algodão do

bloco, com US\$ 367,523 milhões, seguido pelo Benim, com US\$ 358,582 milhões (ITC, 2018).

De forma geral, os principais produtos exportados pelo Benim têm seu mercado caracterizado por poucas barreiras à entrada, visto que são bens primários que incorporam relativamente pouca tecnologia, tornando a entrada de concorrentes mais acessíveis. Nesse aspecto, é possível entrar no mercado quando se observam condições geográficas favoráveis para a produção de tal cultura. Ilustra-se o caso da Nigéria, cuja recessão econômica sofrida em 2015 levou a queda da produção do petróleo. Tal queda conduz o país a se dedicar na produção agrícola, ou seja, a produção de arroz (NBS, 2018). Isso mostra a facilidade de entrada dos concorrentes no mercado dos bens primários.

Para os entrantes em potencial, o modelo de Porter caracteriza o mercado de commodities por inexpressivas barreiras. O setor agrícola do Benim, porém, pode dificultar a entrada dos concorrentes através do incentivo ao uso de tecnologia sofisticada, pela qualidade de produto fornecido, pela publicidade, pela inovação de produto e pela disponibilização de mais recursos para o Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola do Benim (INRAB) em seu programa de pesquisa agrícola e desenvolvimento, facilitando o fluxo das mercadorias. Já para o setor de produtos minerais, essa barreira pode ser estimulada através de grande investimento em capital e em centros de pesquisa.

Nesse ponto, o Benim já começa a se diferenciar, aplicando as tecnologias modernas, proporcionando aumento na produção e desenvolvendo o Centro de Pesquisa Agrícola de Fibra de Algodão, supervisionado pelo INRAB para melhorar a qualidade do algodão, que é considerado como um dos mais aceitos no mercado internacional (AIC, 2017). Os outros produtos agrícolas exportados, como caju e soja, também se beneficiam dessa tecnologia, no sentido de que trazem barreiras no mercado.

Na diferenciação de produto, por sua vez, as empresas estabelecidas já têm um nome ou marca e, ao longo do tempo, desenvolvem a fidelidade dos clientes. O Benim tem como referência o algodão como produto principal e o mercado asiático como seu cliente. Por sua vez, Burkina-Faso, sendo o primeiro país da África Ocidental a produzir o algodão Bio, diferencia-se dos demais, garantindo o mercado europeu, tendo a Suíça como principal importador (ITC, 2018).

Nessa visão, o Benim pode experimentar a troca da produção de algodão convencional pelo algodão biológico, devido aos vários problemas causados aos solos e de irritação de pele aos produtores pelo uso dos produtos químicos na técnica convencional. Na produção de algodão Bio, o país passaria a se diferenciar em relação a outros países e proteger seus produtores, através de técnicas que não usam produtos químicos, apresentando uma vantagem de diferenciação. Outra diferenciação que se poderia incorporar seria a produção de algodão colorido, visto que detém as condições favoráveis e os meios apropriados para produzir.

A vantagem de custo, ou seja, as economias de escala referem-se ao baixo custo de produção à medida que o volume produzido aumenta. Se as economias de escala forem significativas, interrompem a entrada de concorrentes, que se encontra em duas escolhas para atuar no mercado: entrar no mercado em grande escala e com alto risco de capital, ou entrar em pequena escala e com uma desvantagem de custo significativa.

As indústrias de óleos de algodão produzem em economia de escala, usando tecnologias avançadas para o processamento de semente. Essa tecnologia permite aplicar o método de extração de solvente para extrair a quantidade de óleo suficiente contido nas sementes. Com esse método, uma pequena porção de semente aumenta a quantidade de produção de óleo, ou seja, aumento de produção com menor insumo (semente) que resulta em menor custo.

Além disso, as indústrias de óleos são confrontadas a uma ameaça de entrada, já que os óleos de algodão são altamente substituíveis por outros óleos, possibilitando fácil entrada de novos concorrentes. Nesse caso, a diferenciação tem uma importância essencial na escolha da preferência dos consumidores. A necessidade do governo em investir tanto no setor agrícola quanto no setor industrial, reflete uma real barreira de entrada para dificultar a presença dos óleos asiáticos no mercado de destino dos produtos do Benim. Ademais, adiciona-se a publicidade para promover as marcas dos óleos, como *Fludor* da indústria Fludor e *Vitalor* da indústria SHB.

Na pauta de exportação, o Benim privilegia mais o investimento no setor algodoeiro, em relação a outros produtos. Aos poucos, os investimentos voltam-se para a produção e as exportações de caju. O país exporta todos os tipos de algodão, mais especificamente o algodão em fibra e o algodão não cardado nem penteado.

Os investimentos voltados à pauta exportadora têm como objetivo aumentar a produtividade, de modo a ampliar sua competitividade. Nesse aspecto, os investimentos associados à pesquisa e ao desenvolvimento de novos produtos e processos produtivos são estratégias competitivas. Além disso, a produção carece de desenvolvimentos nos canais de distribuição, que também funcionam como barreira à entrada, devido à necessidade da empresa entrante assegurar a distribuição para seu produto. Nesse sentido, a empresa entrante enfrentará alguns problemas, como lutar pelo espaço no mercado e convencer os canais de distribuição a aceitarem seu produto, geralmente por meio de descontos de preço.

Quanto ao caju, sendo o segundo produto agrícola mais exportado pelo país, deve-se levar em consideração as influências que o desenvolvimento de pesquisa vem trazendo para aprimorar o método de produção e aumentar a produtividade e a qualidade do produto. Além disso, o maior investimento nesse setor oferece um risco maior para os novos entrantes. Com relação à soja, o INRAB projeta uma forma de armazenamento dos produtos pós-colheita que facilitem satisfazer a demanda dos clientes a qualquer momento, que não seja apenas no período de safra, e garantir uma relação de fidelidade entre os países importadores do Benim.

6.10.2 Concorrência na indústria

O mercado dos produtos minerais não apresenta muitas rivalidades. Os países exportadores são poucos e tem uma grande demanda do mercado possibilitando uma sutil disputa. Ao se caracterizar por poucos países envolvidos nas exportações dos produtos, os dirigentes conseguem estabelecer um padrão a seguir, pois os importadores têm um alto grau de dependência dos produtos.

Segundo Porter (1990), o nível de competição em um setor é marcado pela rivalidade existente. Os produtos aqui analisados, no caso do setor agrícola, competem em um mercado em que há pouca barreira à entrada e uma ampla rivalidade para ampliar sua participação no mercado mundial. O setor de produção agrícola do Benim atua em um mercado de muitas empresas competindo com recursos relativamente semelhantes. As poucas que se diferenciam, o fazem por uso de tecnologias novas e investimento em pesquisa, conseguindo aumentar as chances de diminuir seus custos para manter uma vantagem.

Quando a rivalidade entre as empresas existentes for fraca, gera-se uma margem de lucro maior. Se o grau de rivalidade entre os países exportadores do mesmo produto é maior, a busca pela participação do mercado será pequena. Isso ocorre porque cada país busca sua participação no mercado e visa alcançar o lucro dos outros. No mercado dos produtos agrícolas, há vários países que vendem produtos homogêneos, o que torna instável a busca por fatias no mercado.

O algodão e o caju do Benim são destinados aos mesmos mercados onde os concorrentes exportam, suscitando providências para não perder sua participação. Nesse aspecto, o país compete de forma direta com os países membros da CEDEAO, como Burkina-Faso, Togo e Mali, que dividem o mesmo espaço de destino dos produtos, tornando intensa a rivalidade.

No mercado de exportação de commodities, os produtos são caracterizados por falta de diferenciação, de forma que a concorrência se dá por preço ou por serviço oferecido. Segundo Porter (1990), o crescimento lento de um setor em um mercado competitivo associa-se com uma rivalidade de mercado. Isso conduz os gestores de setor agrícolas a criar um esforço dinâmico para garantir a parcela dos produtos no mercado.

Para continuar a manter uma fatia de mercado, o país efetuou uma série de estratégias. De forma geral, o país tomou estratégias de investir no setor agrícola para ser mais competitivo, que ampararam a produzir um algodão de melhor qualidade e bem aceito pelo mercado internacional, além de um impulso à inserção do caju no mercado mundial. Além da qualidade dos produtos, a aplicação de um menor preço, devido à vantagem de custo, traz maiores ganhos de fatia no mercado.

Para o óleo de algodão, por sua vez, seja um produto industrializado, compete em um mercado disputado pelos produtos vindos da Ásia. As exportações de óleo de algodão dos países asiáticos concorrem tanto no mercado local do Benim quanto no mercado internacional. Constata-se que a rivalidade entre os dois produtos, no mesmo mercado, vêm diminuindo a lucratividade das indústrias Beninenses, impulsionando a necessidade de ampliação da competitividade.

6.10.3 Poder dos compradores

Os países asiáticos são os principais clientes das exportações do Benim. Durante muitos anos o Benim mantém uma relação bilateral de comércio com esses países. Entre os produtos agrícolas exportados, algodão e caju são destinados ao continente asiático, enquanto a soja destina-se ao mercado europeu. Os resultados do índice de orientação comprovam a importância desses compradores na pauta exportadora do Benim.

Esse potencial de demanda relativo aos países asiáticos pode ser explorado para garantir melhores transações para os exportadores, exigindo-se melhores condições de negociação no preço, na qualidade, na quantidade e na forma de entrega. A importância desses clientes nas comercializações dos produtos conduz a certa barganha nas negociações frente aos demais compradores que tem apresentado uma parcela pequena na demanda dos produtos vendidos.

Na comercialização de óleo de algodão, a grande quantidade é vendida no bloco econômico CEDEAO, especialmente a Nigéria, que detém a maior parcela de participação de compra, 99,2% das exportações do Benim (ITC, 2018). Dessa forma, sendo um comprador de grande volume em relação às vendas de óleo de algodão, pode-se usar essa barganha para limitar as exportações para outros países. Vale salientar que a Nigéria é um das maiores economias da África, considerada a recuperação do crescimento após a recessão em 2015, reforçando sua parceria de compra com o Benim e detendo maior poder de barganha na compra dos óleos de algodão industrializados. A Nigéria pode utilizar sua influência para forçar a queda de preço e outras condições de compra. Além disso, as indústrias das exportações de óleo de algodão podem ameaçar a Nigéria a estabelecer uma integração para frente, que consiste em se aproximar mais de consumidores finais e quebrar o poder de barganha dos setores compradores.

Com relação aos compradores dos produtos minerais como combustível e ouro exportados pelo Benim destaca-se que estes são destinados aos países da CEDEAO, conforme os resultados da tabela de orientação regional. Sendo um mercado dominado por poucos produtores, o poder de barganha de comprador, nesses casos, é menor.

6.10.4 Poder dos fornecedores

Os fornecedores têm um poder de barganha quando podem explorar a rentabilidade de uma indústria capaz de repassar os aumentos de custo a seus clientes. Um grupo fornecedor só tem poder se estão dominados por poucas empresas e estão mais concentrados do que os setores para os quais vendem. No setor agrícola do Benim, há poucos fornecedores dos insumos como os fertilizantes. Isso concede aos fornecedores o poder de barganha de controlar o preço e o grau de qualidade dos insumos.

Nesse aspecto, os fornecedores podem forçar a aumentar o preço dos produtos caso os bens vendidos não apresentem um substituto imediato. Nesse setor, constata-se a pouca substituição dos insumos como as sementes e os fertilizantes, o que consente ao fornecedor o poder de barganha. Os fornecedores podem usar o poder de negociação para regular o mercado em seu favor, exigindo uma variedade de condições, que seja sobre os preços, as condições de pagamento, o prazo de entrega e a qualidade dos produtos. Além disso, quanto maior o custo da mudança de fornecedor, maior será o impacto negativo causado pela barganha de fornecedores.

As indústrias de exportações de óleo de algodão operam em um mercado em que existem vários produtos semelhantes. As matérias primas principais na produção de óleo de algodão é a semente de algodão. Essas sementes são fornecidas por poucas empresas locais do país, que comercializam após o descaroçamento. As indústrias de óleo de algodão dependem dessas companhias de descaroçamento para obter os insumos para sua produção. Sendo poucas no segmento, estas detêm o poder de barganha para controlar o mercado impondo suas condições de entrega, o prazo, o poder de subir os preços ou diminuir a qualidade dos insumos sem perder os clientes. Os fornecedores apresentam essa característica por comercializarem um insumo que tem alto grau de importância no processo de fabricação dos compradores.

O setor mineral com os produtos combustível e ouro, por sua vez, são dominados por poucos produtores no mercado, mas sua produção depende muito das tecnologias envolvidas. O setor em sua extração dos produtos importa as máquinas que auxiliam na eficiência da produção. Em um mundo globalizado, há vários fornecedores de máquinas provenientes de diferentes países. Nesse

mercado, constata-se a presença de muitas empresas que competem entre si para fornecer os equipamentos e tecnologias que o setor precisa. Quanto mais fornecedores existirem, menor o poder destes. Portanto, conclui-se que, nos setores minerais, os fornecedores não apresentam substancial poder de barganha.

6.10.5 Produtos substitutos

Os produtos substitutos representam uma forte ameaça competitiva para a empresa, definindo o preço de mercado e a ativa concorrência, em que o consumidor escolherá o produto pela qualidade que este apresenta. Quanto maior a existência de produtos substitutos, menos atrativo será o mercado. Os substitutos reduzem os retornos potenciais de uma indústria, limitando seu preço e seu lucro. Para evitar tal influência, as estratégias eficazes estão relacionadas a impor um custo de mudança para os compradores e diminuir sua atração a um produto similar.

As exportações dos produtos agrícolas apresentam poucos produtos substitutos. O produto algodão orgânico se apresenta como substituto do algodão convencional, mas há pouca produção de algodão orgânico para obter uma vantagem competitiva sustentável para o longo prazo. Nas indústrias têxteis, por sua vez, estas podem se deparar com a presença de outros materiais primários, tais como as fibras naturais (linha, lã, seda etc.) e as fibras sintéticas (poliéster, elastano etc.), que podem substituir o algodão na sua produção. Isso gera uma ameaça competitiva para os setores exportadores, limitando seu poder e sua lucratividade.

Quanto ao óleo de algodão, este tem como produto substituto direto o óleo de girassol e óleo de amendoim advindos dos países asiáticos e dos países da CEDEAO. Em 2007, o governo aplicou uma taxa de 45% sobre as importações de óleo para evitar a ameaça de produtos substitutos e fortalecer a produção local. No mercado internacional, o óleo de algodão tem que competir amplamente com as indústrias asiáticas, que comercializam produtos iguais ou substitutos, diminuindo o eventual lucro das indústrias.

Por fim, quanto aos produtos minerais como combustível e ouro destacam-se que estes são bens que não apresentam um substituto perfeito. De certa forma, os combustíveis renováveis fazem o papel de substituição em alguns aspectos. Todavia, nem todos os casos constata-se tal uso. O combustível é o componente principal de vários produtos como plásticos, energia e outros. Sua raridade e

importância extrema no mundo atual valorizam o preço do produto. Como não há um substituto perfeito nesses bens, interpreta-se que estes não sofrem a ameaça de bens substitutos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central caracterizar o setor exportador beninense e seu comportamento desde o início deste século, avaliando seus principais produtos exportados e seus diferentes destinos de comercialização, bem como examinando indicadores de comércio e políticas de apoio executadas.

O crescimento comercial do Benim no mercado internacional, tanto no asiático, quanto no mercado regional, resulta de um incentivo político voltado ao setor vital da economia do país, isto é, o setor agrícola. A concorrência no mercado internacional e a inserção do Benim no mercado mundial resultaram no desempenho indicado nas exportações dos produtos agrícolas, especialmente algodão e caju. Esses produtos são os mais exportados pelo país devido ao melhoramento de técnicas de produção e a resolução dos problemas pela capacitação de inovação tecnológica na produção.

Vale salientar que a inserção dos produtos agrícolas do Benim no mercado internacional resultou do dinamismo e da competitividade apresentada diante dos outros produtos, também em relação à qualidade dos produtos pela exigência do mercado. Destaca-se que sua competitividade gera a produção de uma mercadoria de qualidade mais bem aceita pelo mercado, a um custo menor.

Além dos produtos agrícolas, o país exporta alguns produtos minerais, com destaque para ouro e combustível. Esses produtos minerais ganham espaço no mercado regional da organização CEDEAO, mas não apresentam uma competitividade em comparação aos produtos agrícolas. Com a existência da dominância da imponente Nigéria como exportadora do combustível, o Benim se encontra incapaz de apresentar um produto competitivo. O combustível ainda é um setor em fase de fortalecimento para ganhar espaço no mercado internacional. Já o ouro enfrenta um desafio considerável no mercado CEDEAO, frente aos produtos do Mali e do Burkina-Faso.

Ao considerar as exportações no setor agrícola, foi possível identificar produtos como algodão, caju e soja que apresentam vantagem comparativa revelada e têm maior representatividade nas exportações totais, contribuindo para a economia do país.

Por outro lado, os produtos minerais não se apresentam como um setor dinâmico, devido ao lento crescimento e oscilação. Os resultados evidenciam que as exportações dos produtos como ouro e combustível não se apresentam como um setor forte da economia do país. Portanto, trata-se de um setor que requer mais investimentos e pesquisadores para sua produção e exportação, o que elevaria a competitividade no contexto de um país em desenvolvimento como o Benim.

Porém, o setor agrícola já dispõe de institutos de pesquisa agrícolas, além da colaboração dos setores privados e de parceiros técnicos que facilitam a produção e proporcionam um produto de qualidade. As diferentes ações governamentais em torno da agricultura facilitam a inserção dos produtos agrícolas no mercado internacional. A especialização nas exportações desses produtos confirma sua vantagem comparativa pelos resultados encontrados e as estratégias políticas, aproveitando-se de sua vantagem, conduzem o país a exportar produtos competitivos.

Os mesmos produtos agrícolas, em suas contribuições na balança comercial, revelaram sua importância, sobretudo no caso do algodão. Apesar de existir um déficit na balança comercial agregada do país, a balança relativa aos produtos agrícolas mostra-se superavitária. Entre os produtos analisados em sua respectiva relevância, aponta-se algodão, caju, soja e óleo de algodão como os principais componentes da balança comercial das exportações, enquanto o ouro vem com uma menor contribuição.

O comércio exterior do Benim, em seus principais produtos exportados, apresenta um índice de Grubel e Lloyd (1975) mais próximo de zero, caracterizando um comércio do tipo interindustrial. O Benim, sendo um país em desenvolvimento e menos industrializado, tem suas exportações baseadas em matérias primas. Portanto, o país exporta os produtos primários e importa os industrializados. Além dos seis produtos analisados, a agregação dos produtos apresentados evidencia o resultado do comércio interindustrial que caracteriza a falta de polos industriais para competir com outros no mercado internacional.

Ao analisar os fatores que contribuem para a evolução das exportações beninenses, através do modelo *Constant Market Share*, é possível também identificar que a cada período que houve um crescimento nas exportações de algodão, o efeito competitividade foi o fator relevante para o aumento, exceto ao crescimento do primeiro período, que se explica pelo efeito do comércio mundial. As

exportações de caju também identificaram em seu crescimento o efeito competitividade durante os períodos analisados, exceto no primeiro ciclo, que apresentou o efeito destino como preponderante, indicando o melhor aproveitamento do país ao orientar seu produto a um mercado dinâmico que cresce a uma taxa superior à média do comércio mundial.

Considerando os produtos exportados analisados pelo modelo CMS, nota-se que houve crescimento em todos os casos no último período. Também para todos esses produtos, a explicação para esse crescimento deve-se ao efeito de competitividade. Para as exportações dos produtos agrícolas, esse crescimento também veio do efeito destino, mas a principal contribuição decorre do efeito competitividade. No decorrer dos anos analisados, observa-se que o país vem aprimorando diversas formas e técnicas produtivas, disponibilizando melhores condições aos agricultores, além da capacitação oferecida pelos setores privados, em colaboração com o Estado. Vale salientar que o alvo desse acontecimento é o aumento do investimento, facilitando a introdução da tecnologia. Com esses resultados, tem-se um produto de boa qualidade e bem aceito no mercado internacional.

Quanto à análise dos destinos dos produtos exportados pelo Benim, ressalta-se que o índice de orientação mostra a Ásia como o mercado de destino dos produtos agrícolas, exceto no caso da soja que é direcionado para o mercado europeu, e no caso dos produtos minerais e o óleo de algodão, que têm a CEDEAO como principal destino. Fica aparente que o crescimento do mercado asiático, a aceitação dos produtos e maior demanda dos países desse continente devem contribuir ao crescimento do setor agrícola.

O Benim especializou-se nas exportações dos produtos agrícolas. O algodão como um produto rentável, garante a manutenção e a maior contribuição na economia do país. O aparecimento do caju na pauta exportadora para complementar as exportações incentivou o Estado a investir no setor agrícola para a diversificação dos produtos. O investimento gerou um impacto positivo na produção e aumentou as exportações desses produtos. Pode-se dizer que o Benim precisa se diversificar nas produções e se especializar nas exportações dos produtos agrícolas em que ele se mostra mais dinâmico e competitivo. Sendo um setor forte da economia, precisa ainda mais de melhorias e de investimento na capacitação de produção dos produtos e na qualificação da mão de obra para ser mais eficiente na produção.

Para que o país tenha uma participação equilibrada nos diversos mercados, também é recomendável uma maior inserção nos mercados europeu e americano. As ações estratégicas tomadas pelo país de se diversificar na produção e diferenciar seus produtos dos demais seria a melhor forma de conquistar novos mercados, além de adequar-se uma qualidade melhor para ofertar seus produtos bem como cumprir as condições impostas pelos mercados consumidores.

8 REFERÊNCIA

ADEGBOLA, P. Y.; ZINSOU, J. ANALYSE DES DETERMINANTS DES EXPORTATIONS BENINOISES DE NOIX D'ANACARDE. *In: Contributed Paper presented at the Joint 3rd African Association of Agricultural Economists (AAAE) and 48th Agricultural Economists Association of South Africa (AEASA)*. Conference, Cape Town, South Africa, Set. 2010.

AFRICANO, P. A.; MAGALHÃES, M. **FDI AND TRADE IN PORTUGAL: A Gravity Analysis**. FEP Working Papers n.174, abril 2005.

AKOMAGNI, A.; LAZARE, I. J. **ETUDE DIAGNOSTIQUE DU AFONCTIONNEMENT DU MARCHE DE L'ANACARDE ET PERSPECTIVES SUR LES POLITIQUES NATIONALES DE DEVELOPPEMENT DE LA FILIERE AU BENIN**. Rapport Final. Bénin, nov 2017.

AMEGANVI, K. **IMPACTS ECONOMIQUES DU DEVELOPPEMENT DU SECTEUR MINIER DANS L'UEMOA**. BCEAO. Dakar, Senegal, 2015.

Association Interprofessionnelle du Coton du Burkina – AICB. Note **D'INFORMATION SUR LA FILIERE COTON DU BURKINA**, Burkina-Faso, 2014.

BAFFES. J. **MARCHES DES SOUS-PRODUITS DU COTON: Tendances mondiales et implications pour les producteurs Africains de coton: In: Banque Mondiale**, Junho, 2010.

BALASSA, B. **TRADE LIBERALISATION AND REVEALED COMPARATIVE ADVANTAGE**. Washington: Banco Mundial, 1965.

BANQUE CENTRALE DES ETATS DE L'AFRIQUE DE L'OUEST - BCEAO. **BALANCE DES PAIEMENTS ET POSITION EXTERIEURE GLOBALE**. Comité de la balance des paiements, MEF, BENIM, 2016.

BAYE, L. M. **PERPESCTIVES ECONOMIQUE EN AFRIQUE 2018**. Note de Pays. Abidjan, Côte d'Ivoire: Banco Africain de Développement, 2018.

CANUTO, O.; XAVIER, C. L. **SPECIALIZATION AND COMPETITIVENESS IN BRAZILIAN FOREIGN TRADE**. *In: Momento Económico*, México, v. 119, p. 24-34, 2002.

CARBAUGH, R. **ECONOMIA INTERNACIONAL**. São Paulo: Pioneira/ Thomson Learnig, 2004.

CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. L. **ECONOMIA INTERNACIONAL**. São: Paulo: Saraiva, 2004. 3. ed.

CHUDNOVSKY, D.; PORTA, F. **LA COMPETITIVIDAD INTERNACIONAL: PRINCIPALES CUESTIONES CONCEPTUALES Y METODOLÓGICAS**. CEPAL, Santiago do Chile, DT 3, Jan/1990. 68 p.

COELHO, M. R. F.; BERGER, R. **COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRA DE MÓVEIS NO MERCADO INTERNACIONAL**: uma análise segundo a visão desempenho. Revista FAE, Curitiba, v.7, n1, p.52-65, jan - jun 2004.

COMPAGNIE MALIENNE POUR LE DÉVELOPPEMENT DES TEXTILES - CMDT. Disponível em: <<https://www.cmdt-mali.net/index.php>>. Acesso em: 20 de dez. de 2018.

COUTINHO, E. S. et al. **ECONOMIA DE EMPRESAS**. In: Revista de Gestão USP. São Paulo, v.12, n.4,p. 101-113, dezembro 2005.

DIAGNOSTIC GLOBAL DE LA FILIERE ANACARDE AU BENIN Orientations stratégiques 2025 et Plan National d'Investissements Agricoles (PNIA) 2017-2021 Disponível em <<http://agriculture.gouv.bj/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

FÉDÉRATION NATIONALE DES ORGANISATIONS DE PRODUCTEURS D'ANACARDE DU BÉNIN - FENAPAB. **STATUTS DE LA FEDERATION NATIONALE DES PRODUCTEURS DU BENIN**. Bénin, nov. 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **PROFIL NATIONAL GENRE DES SECTEURS DE L'AGRICULTURE ET DU DÉVELOPPEMENT RURAL**. Disponível em: <<http://www.fao.org/home/en/>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

GAZIDO, M. **LA PROBLEMATIQUE DE LA CONSOLIDATION DEMOCRATIQUE : Les Trajectoires Comparées du Bénin et du Niger**. Thèse de doctorat en Science politique - Université Montesquieu-Bordeaux IV, Bordeaux, França,1998.

GONÇALVES, R. *et al.* **A NOVA ECONOMIA INTERNACIONAL**: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. 11. ed.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. **INTRA-INDUSTRY TRADE**: the theory and the measurement of international trade in differentiated products. London: Macmillan, 1975.

HIDALGO. A. B. **ECONOMIA REGIONAL**. In: Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 29, n. especial, p. 491-515, julho 1998.

_____. **INSERÇÃO DAS REGIÕES BRASILEIRA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL**: os casos da Região Nordeste e do Estado de Pernambuco. In: Ensaios FEE, n. 2, p. 965-1018, Porto Alegre, 2005.

_____. **EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE PERNAMBUCO: CONCENTRAÇÃO, MUDANÇA NA ESTRUTURA E PERSPECTIVAS**. In: Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 35, nº 2, abr. jun. 2004.

HIDALGO, Á. B.; MATA, D. F. P. G. **COMPETITIVIDADE E VANTAGENS COMPARATIVAS DO NORDESTE BRASILEIRO E DO ESTADO DE**

PERNAMBUCO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL. *In:* ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA, 9, 2004, Fortaleza. Anais. Rio de Janeiro: ANPEC/BNB, 2004.

HIDALGO, A. B.; SILVA, J. M. **COMPETITIVIDADE, VANTAGENS COMPARATIVAS E COMÉRCIO INTERINDÚSTRIA DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE.** *In:* ENABER. Anais 5. Recife, 2007.

HOUNGBÉDJI, C. M. **LES FORCES ET FAIBLESSES DE LA POLITICA AGRICOLE DU BENIN DE 1990 JUSQU’A NOS JOURS, ET LES DEFIS D’AVENIR POUR LE PAYS.** (Maitrise en science economique) - Université d’Abomey Calavi, Calavi, Bénin, 2009.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DE L’ANALYSE ECONOMIQUE – INSAE. **LES ECHANGES EXTERIEURS DU BENIN EN 2017.** Disponível em: <<http://www.insae-bj.org/>>. Acesso em 15 de mar. de 2018.

JONES, Ronald W. “**A tree-factormodel in theory, trade and history**”. *In:* BHAGWATI, Jagdish e al. (Org). Trade, balance of payments, and growth. Amsterdam: North – Holland. 1971, p. 3-21.

KENEN, B. P. **ECONOMIA INTERNACIONAL: Politica e Teoria.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. 3. ed.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD M. **ECONOMIA INTERNACIONAL.** São Paulo: Makron Book, 2001. 25. ed.

_____. **ECONOMIA INTERNACIONAL: teoria e política.** São Paulo: Makron Books, 2005.

_____. **ECONOMIA INTERNACIONAL: teoria e política.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. 8. ed.

KUPFER, D. **COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA BRASILEIRA: Visão de conjunto e tendências de alguns setores.** *In:* Revista Paranaense de Desenvolvimento. IPARDES; maio - ago.1994.

LAFAY, G. **LA MESURE DES AVANTAGES COMPARATIFS REVELES.** Économie Prospective Internationale, Paris, n. 41, 1990.

LAFAY, G.; HERZOG, C.; FREUDENBERG, M. **LES NATIONS FACE LA MONDIALISATION. ECONÔMICA.** Paris, 1999.

LAURSEN, K. **REVEALED COMPARATIVE ADVANTAGE AND THE ALTERNATIVES AS MEASURES OF INTERNATIONAL SPECIALIZATION.** DRUID, Working Paper, nº 98-30, dezembro, 1998.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. **QUANTITATIVE INTERNATIONAL ECONOMICS.** Chicag: Allyn and Bacon, 1970.

LES PRODUITS PETROLIERS EN REPUBLIQUE DU BENIN. *In :*

AN ECONOMETRIC STUDY OF INTERNATIONAL TRADE FLOWS. North Holland, Amsterdam, 1966.

LOVE, J. **TRADE CONCENTRATION AND EXPORT INSTABILITY**, The Journal Development Studies, volume 15, n. 3, 1979.

MACHADO L. V. N. et al. **ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA: uma aplicação do método Constant Market Share, 1995-2003.** *In: Revista de Economia e Agronegócio*, 4: 195-218. 2006.

MAIA, J. M. **ECONOMIA INTERNACIONAL E COMÉRCIO EXTERIOR.** São Paulo: Editora Atlas, 2000. 6. ed.

MAXIMIANO, A. C. A. **TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO.** Compacta, São Paulo: Atlas, 2004. 3. ed.

MINISTÈRE DE L'AGRICULTURE DE L'ELEVAGE ET DE LA PECHE – MAEP.
Plan Stratégique de Développement du Secteur Agricole (PSDSA): Orientations stratégiques 2025 et Plan National d'Investissements Agricoles (PNIA) 2017-2021
Disponível em <<http://agriculture.gouv.bj/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

MINISTÈRE DE L'AGRICULTURE DE L'ELEVAGE ET DE LA PECHE – MAEP.
DIAGNOSTIC GLOBAL DE LA FILIERE ANACARDE AU BENIN Orientations stratégiques 2025 et Plan National d'Investissements Agricoles (PNIA) 2017-2021
Disponível em <<http://agriculture.gouv.bj/>>. Acesso em: 15 de março de 2018 .

MINISTÈRE DE L'INDUSTRIE DU COMMERCE ET DE L'ARTISANAT - MICA.
LES PRODUITS PETROLIERS EN REPUBLIQUE DU BENIN. Disponível em
< <http://www.micpme.bj/>>. Acesso em: 12 de maio 2018.

NASCIMENTO, F.; PREGARDIER JÚNIOR, D. **A EVOLUÇÃO DO MODELO GRAVITACIONAL NA ECONOMIA.** *In: Revista Saber Humano. Recanto Maestro*, n.3,p.163-175, 2013.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS – NBS. Disponível em
:<<http://www.nigerianstat.gov.ng/>>. Consulta em: 12 de mar. de 2018.

PIERMARTINI, R.; THE, R. **DEMYSTIFYING MODELLING METHODS FOR TRADE POLICY.** Discussion Paper n. 10, WTO 2005. Disponível em:
https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/discussion_papers10_e.pdf.

Plan Stratégique de Développement du Secteur Agricole (PSDSA): Orientations stratégiques 2025 et Plan National d'Investissements Agricoles (PNIA) 2017-2021.

PORTER, M. E. **A VANTAGEM COMPETITIVA DAS NAÇÕES.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990. 12. ed.

_____. **COMPETIÇÃO: Estratégias Competitivas Essenciais** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. 9. ed.

_____. **ESTRATÉGIA COMPETITIVA:** Técnicas para análise de indústrias e da concorrência. São Paulo-SP: Editora Campus, 1986. 18. ed.

POSSAS, M. S. **CONCORRÊNCIA E COMPETITIVIDADE:** Notas Sobre Estratégia e Dinâmica Seletiva na Economia Capitalista. 1993. 236f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 1993.

POYHONEN, P. **A TENTATIVE MODEL FOR THE VOLUME OF TRADE BETWEEN COUNTRIES.** *Weltwirtschaftliches Archiv*, v. 90, p. 93-99, 1963.

RAINELLI, M. **NOVA TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL.** São Paulo: EDUSC, 1998.

RICARDO, D. **PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA E TRIBUTAÇÃO.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RICHARDSON, J. D. **CONSTANT-MARKET-SHARES ANALYSIS OF EXPORT GROWTH.** *Journal of International Economics*, v. 1, p. 227-239, jul. 1971.

ROSA, T. D. L.; ALVES, A. F. **COMÉRCIO EXTERIOR DE PRODUTOS AGRÍCOLAS DO ESTADO DO PARANÁ DE 1998 A 2000.** Análise de Vantagem Comparativa e do Padrão de Comércio. *In: Revista de Economia Agronegócio*, Viçosa/MG, v.2, n.2, p.183-208, 2004.

ROWE, W. G. **LIDERANÇA ESTRATÉGICA E CRIAÇÃO DE VALOR.** *In: RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 42, n. 1, p. 7-19, jan/mar 2002.

SALVATORE, D. **ECONOMIA INTERNACIONAL.** 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC. 1998.

SAMUELSON, P. **“OLIN WAS RIGHT”, SWEDISH JOURNAL OF ECONOMICS**, 73, 1971, p.365-384;

SANTOS, C. M. **INTEGRAÇÃO REGIONAL E DESENVOLVIMENTO:** O Caso da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHERER, F. M. **INDUSTRIAL MARKET STRUCTURE AND ECONOMIC PERFORMANCE.** 2ª ed. EUA, Houghton Mifflin, 1980.

SCHUMPETER, J. A. **TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO:** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1997.

SILVA FILHO, L. A.; SANTOS, L. P.; SILVA, P. S. **VANTAGENS COMPARATIVAS E COMPETIVIDADE REVELADAS NO COMÉRCIO DE CASTANHA DE CAJU, ESTADO DO CEARÁ, 1997-2016.** *In: Revista de Economia Agrícola*. São Paulo, v. 63, n. 1, p. 05-20, jan.-jun. 2016.

SILVA, V. et al. **INDICADORES DE COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROINDUSTRIAS BRASILEIRAS, 1986-1998.** *In: Revista agricultura*. São Paulo/SP, p.69-87. 2001.

SMITH, A. **UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NATUREZA E CAUSAS DA RIQUEZA DAS NAÇÕES**. São Paulo: Hemus, 2008.

TINBERGEN, J. **SHAPING THE WORLD ECONOMY: SUGGESTIONS FOR AN INTERNATIONAL ECONOMY POLICY**. New York: Twentieth Century Fund, 1962.

TRADE STATISTICS FOR INTERNACIONAL BUSINESS DEVELOPMENT – ITC/TRADEMAP. Disponível em: <<https://www.trademap.org>>. Acesso em: 12 de março de 2018.

UNION ECONOMIQUE ET MONÉTAIRE OUEST AFRICAINE- UEMOA. **COTON DE L'UEMOA. L'OR BLANC D'AFRIQUE DE L'OUEST A LA CONQUETE DU MARCHE MONDIAL**. UEMOA, 2014.

UNITED NATIONS PUBLIC ADMINISTRATION NETWORK – UNAPAN. **L'EXPLOITATION DE L'OR DANS LA REGION DE PERMA**. Disponível em <<http://www.unpan.org/>>. Acesso em 31 de maio de 2018.

VOLLRATH, T. L. **COMPETITIVENCES AND PROTECTION IN WORLD AGRICULTURE**. Agriculture Information Bulletin. n 567, USDA, jul. 1989.

WILLIAMSON, J. **A ECONOMIA ABERTA E A ECONOMIA MUNDIAL**: um texto de economia internacional. um texto de economia internacional. 5ªEd. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

WORLD BANK –BANCO MUNDIAL. **BENIM FROM THE WORLD BANK**. Disponível em < <https://data.worldbank.org/indicator> >. Acesso em 10 março 2018.

WORLD TRADE ORGANIZATION - WTO. **LE RÉGIME DE POLITIQUE COMMERCIALE: CADRE ET OBJECTIFS**. Disponível em: <<http://www.wto.org>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

YEATS, A. **DOES MERCOSUR'S TRADE PERFORMANCE RAISE CONCERNS ABOUT THE EFFECTS OF REGIONAL TRADE ARRANGEMENTS?** PolicyResearchWorkingPaper, Washington, n. 1729, p. 1-33. Feb. 1997.

APÊNDICES

Apêndice nº 01 – Critério de Classificação dos Capítulos SH2;

Apêndice nº 02 – Tabela 19: Vantagem Comparativa Revelada (Benim, produtos agregados, 2001-2017);

Apêndice nº 03 – Tabela 20. Índice de Contribuição de Saldo Comercial (Benim, produtos agregados 2001-2017);

Apêndice nº 04 - Tabela 21. Índice de Competitividade Revelada (Benim, produtos agregados 2001-2017)

Apêndice nº 05 - Tabela 22. Índice de Posição Relativa (Benim, produtos agregados 2001-2017).

Apêndice nº 01: Quadro 1 – Critério de Classificação dos Capítulos SH2,

GRUPO DE PRODUTOS	CAPITULO DA SH2	DESCRIÇÃO
Alimentos, fumo e bebidas.	01 a 24	<p>Animais vivos e produtos do reino animal: Animais vivos. Carnes e miudezas, comestíveis. Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos. Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animais, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos. Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos.</p> <p>Produtos do reino vegetal: Plantas vivas e produtos de floricultura. Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis. Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões. Café, chá, mate e especiarias. Cereais, Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo. Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens. Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais. Materiais para entrançar e outros produtos de origem vegetais, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos.</p> <p>Gorduras e óleos animais ou vegetais: Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal..</p> <p>Produtos das indústrias alimentares:</p>

		Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos. Açúcares e produtos de confeitaria. Cacau e suas preparações. Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou leite; produtos de pastelaria, Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas. Preparações alimentícias diversas. Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres. Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais. Tabaco e seus sucedâneos manufaturados.
Minerais	25 a 27	Produtos minerais: Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento. Minérios, escórias e cinzas. Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais.
Produtos químicos	28 a 38	Produtos das indústrias químicas: Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos. Produtos químicos orgânicos. Produtos farmacêuticos. Adubos (fertilizantes). Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever. Óleos essenciais e resinóides; produtos de

		perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas. Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, ceras artificiais, ceras preparadas, produtos de conservação e limpeza, velas e artigos semelhantes, massas ou pastas para modelar, "ceras para dentistas" e composições para dentistas à base de gesso. Matérias albuminóides; produtos à base de amidos ou de féculas modificados; colas; enzimas. Pólvoras e explosivos; artigos de pirotecnia; fósforos; ligas pirofóricas; matérias inflamáveis. Produtos para fotografia e cinematografia. Produtos diversos das indústrias químicas.
Plásticos e suas obras	39 e 40	Plásticos e suas obras: Plásticos e suas obras. Borracha e suas obras.
Peles, couros, peles com pelo.	41 a 43	Peles, couros, peles com pelo: Peles, exceto as peles com pelo, e couros. Obras de couro; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa. Peles com pelo e suas obras; peles com pelos artificiais,
Madeira, carvão vegetal	44 a 46	Madeira, carvão vegetal: Madeira, carvão vegetal e obras de madeira. Cortiça e suas obras. Obras de espartaria ou de cestaria
Pastas de madeira	47 a 49	Pastas de madeira: Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de

		papel ou de cartão. Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas; textos manuscritos ou datilografados, planos e planta
Têxteis	50 a 63	Matérias têxteis: Seda. Lã, pelos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina. Algodão. Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel. Filamentos sintéticos ou artificiais; lâminas e formas semelhantes de matérias têxteis sintéticas ou artificiais. Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas. Pastas (ouates), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria. Tapetes e outros revestimentos para pisos (pavimentos), de matérias têxteis. Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados. Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis. Tecidos de malha. Vestuário e seus acessórios, de malha. Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefato
Calçados, chapéus	64 a 67	Calçados, chapéus: Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes. Chapéus e artefatos de uso semelhante, e suas partes. Guarda-chuvas, sombrinhas, guarda-sóis, bengalas, bengalas-assentos, chicotes, pingalins. Penas e penugem preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo.
	68 a 71	Obras de pedra: Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes. Produtos cerâmicos. Vidro e

Minerais não metálicos		<p>suas obras</p> <p>Pérolas naturais: Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê), e suas obras; bijuterias; moedas.</p>
Metais comuns	72 a 83	<p>Metais comuns: Ferro fundido, ferro e aço. Obras de ferro fundido, ferro ou aço. Cobre e suas obras. Níquel e suas obras. Alumínio e suas obras. (Reservado para uma eventual utilização futura no Sistema Harmonizado) Chumbo e suas obras. Zinco e suas obras. Vestuário e seus acessórios, de malha. Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos. Estanho e suas obras. Outros metais comuns; cerâmicas (cermets); obras dessas matérias. Ferramentas, artefatos de cutelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns. Obras diversas de metais comuns.</p>
Máquinas e aparelhos	84 a 85	<p>Máquinas e aparelhos: Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes. Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios.</p>
		<p>Material de transporte: Veículos e material</p>

Material de transporte	86 a 89	para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluindo os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação. Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios. Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes. Embarcações e estruturas flutuantes.
Ótica e instrumentos	89 a 97	<p>Instrumentos e aparelhos de óptica: Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida, de controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios. Artigos de relojoaria. Instrumentos musicais; suas partes e acessórios</p> <p>Armas e munições: Armas e munições; suas partes e acessórios.</p> <p>Mercadorias e produtos: Móveis; mobiliário médico-cirúrgico; colchões, almofadas e semelhantes; aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos noutros Capítulos; anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras, luminosos e artigos semelhantes; construções pré-fabricadas. Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte; suas partes e acessórios. Obras diversas.</p> <p>Objetos de arte: Objetos de arte, de coleção e antiguidades.</p>

Fonte: ITC (2018).

Apêndice nº 02

Tabela 19: Vantagem Comparativa Revelada (Benim, produtos agregados, 2001-2017).

Código SH2	Produtos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
01	Animais vivos	0,000	0,019	0,000	0,008	0,014	0,000	0,035	0,000	0,010	0,000	0,000	0,007	0,000	0,001	0,011	0,011	0,033
02	Carnes...	6,584	21,693	0,000	0,057	0,000	0,000	3,689	0,000	22,047	27,650	0,000	0,010	0,000	0,061	0,046	0,008	4,423
03	Peixes e crustáceos...	1,707	1,928	1,117	0,425	0,789	1,027	0,288	0,017	0,063	0,463	0,609	0,155	0,101	0,163	0,063	0,039	0,020
04	Leite e laticínios...	0,026	0,028	0,155	0,027	0,221	0,295	0,011	0,121	0,059	0,099	0,002	0,571	1,722	1,837	1,371	0,788	0,107
05	Outros origem animal...	0,072	0,074	0,000	0,000	0,000	0,010	0,025	0,000	0,000	0,000	0,000	0,004	0,000	0,000	0,003	1,699	2,286
06	Plantas vivas...	0,000	0,000	0,042	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002	0,005	0,002	0,015	0,003	0,004	0,008	0,004	0,010
07	Produtos hortícolas...	0,008	0,011	0,069	0,026	0,010	0,017	0,015	0,010	0,008	0,010	0,027	0,028	0,028	0,017	0,049	0,204	0,195
08	Frutas; cascas...	12,384	14,872	12,790	12,320	14,848	16,932	21,455	20,019	14,136	12,100	27,702	25,942	24,316	16,467	22,850	19,246	19,038
09	Café, chá...	0,075	0,053	0,191	0,062	0,053	0,339	0,796	0,277	0,023	0,020	0,050	0,105	0,103	0,052	0,012	0,028	0,042
10	Cereais	0,012	0,000	0,001	0,003	0,000	0,015	2,538	4,082	14,093	33,680	3,615	4,706	3,807	1,272	0,047	0,021	0,011
11	Produtos da indústria ...	0,576	1,130	0,614	1,344	19,846	14,969	9,728	3,230	2,366	1,042	1,337	10,735	6,882	2,947	2,695	1,431	1,463
12	Sementes e frutos...	10,552	6,094	9,082	6,206	7,468	11,609	5,858	1,686	1,068	2,527	1,947	1,820	2,142	1,332	1,741	5,314	8,161
13	Gomas, resinas...	0,293	0,523	0,134	0,000	0,000	0,000	0,000	0,008	0,115	0,095	0,223	0,028	0,027	0,000	0,101	1,180	0,080
14	Matérias para entrançar ...	0,303	0,757	0,213	0,381	0,426	0,891	0,828	2,258	2,795	34,011	51,346	26,770	26,592	10,603	0,229	30,641	11,387

15	Óleos vegetais...	1,046	1,986	4,726	2,706	8,718	18,586	17,607	16,795	14,188	6,085	6,972	7,444	5,351	1,382	8,174	11,283	10,444
16	Preparações de carne...	0,015	0,000	0,000	0,000	0,410	0,000	0,000	0,000	0,003	0,000	0,004	0,000	0,026	0,000	0,001	0,076	0,025
17	Açúcares e produto...	0,000	0,000	0,000	0,214	4,128	8,575	13,644	7,950	7,217	3,162	5,683	8,284	7,275	3,720	2,497	4,935	2,438
18	Cacau e suas preparações	0,000	0,088	0,000	0,005	0,000	0,002	0,000	0,000	0,003	0,028	0,059	0,001	0,016	0,000	0,019	0,043	0,017
19	Preparações à base cereais...	0,429	0,548	0,415	0,111	0,267	0,465	0,103	0,000	0,030	0,000	0,335	4,889	1,128	0,184	0,254	0,333	0,422
20	Preparações hortícolas...	0,716	3,227	0,739	0,040	0,104	0,220	0,078	0,183	0,293	0,033	0,102	0,151	0,258	0,160	0,251	0,688	1,890
'21	Preparações alimentícias...	0,000	0,021	0,119	0,000	0,000	0,000	0,022	0,137	0,036	0,064	0,110	0,107	0,249	0,013	0,047	0,043	0,033
22	Bebidas, líquidos...	0,834	1,153	0,398	0,136	0,176	0,045	0,335	0,486	0,830	0,192	0,556	0,073	0,237	0,064	0,135	0,284	0,175
23	Resíduos e desperdícios...	5,286	6,472	7,740	7,094	5,739	7,257	5,786	8,129	4,855	4,903	4,392	4,151	6,095	2,134	2,549	3,972	3,057
24	Tabaco...	3,196	4,520	12,296	24,946	27,616	71,434	42,724	15,759	12,744	0,008	0,920	0,462	0,588	0,170	0,068	0,252	0,012
25	Sal; enxofre...	1,745	2,507	7,130	15,365	16,151	17,913	6,744	0,195	0,177	0,229	0,383	3,947	10,908	18,159	23,524	17,260	12,523
26	Minérios...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
27	Combustíveis minerais...	0,001	0,024	0,01	0,013	0,049	0,026	0,217	0,015	0,001	0,479	0,649	0,441	0,355	0,68	0,328	0,383	0,226
28	Produtos químicos...	0,035	0,067	0,065	0,070	0,027	0,035	0,002	0,001	0,006	0,001	0,006	0,002	0,009	0,051	0,010	0,004	0,010
29	Químicos orgânicos...	0,003	0,003	0,003	0,003	0,003	0,001	0,000	0,000	0,021	0,006	0,000	0,000	0,000	0,049	0,002	0,002	0,004
30	Produtos farmacêuticos	0,065	0,044	0,034	0,038	0,045	0,028	0,033	0,021	0,066	0,126	0,157	0,194	0,045	0,055	0,043	0,030	0,284

31	Aubos (fertilizantes)	0,000	0,000	0,000	2,406	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,008	0,000	0,000	0,015	0,000	0,000	0,000	0,061
32	Extratos tanantes...	0,355	0,413	0,668	0,710	1,077	1,374	0,731	0,218	0,200	0,143	0,172	0,404	0,557	0,379	0,443	0,687	0,467
33	Óleos essenciais...	0,088	0,223	0,184	0,097	0,134	0,071	0,072	0,030	0,025	0,138	0,207	0,014	0,132	0,009	0,073	0,113	0,025
34	Sabões...	0,793	0,894	0,463	0,723	0,309	0,051	0,022	0,378	0,446	0,081	0,434	0,094	0,261	0,254	0,116	1,594	0,263
35	Matérias albuminoides...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,050	0,000	0,000	0,148	0,251	0,170	0,140	0,000	0,000
36	Pólvoras e explosivos...	0,000	0,064	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,453	0,409	0,066	0,000	0,319	0,281	0,000	0,000	0,000
37	Produtos para fotografia...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,014	0,042	0,000	0,000	0,000	0,000	0,017	0,000	0,022	0,014	0,000	0,003	0,000
38	Produtos diversos...	0,018	0,013	0,006	0,040	0,047	0,003	0,005	0,000	0,024	0,031	0,028	0,045	0,009	0,198	0,046	0,062	0,085
39	Plásticos e suas obras	0,005	0,002	0,020	0,015	0,015	0,086	0,143	0,121	0,104	0,093	0,277	0,114	0,150	0,086	0,124	0,238	0,173
40	Borracha e suas obras	0,612	0,292	0,073	0,109	0,066	0,056	0,003	0,006	0,048	0,009	0,011	0,011	0,099	0,012	0,040	0,071	0,047
41	Peles, couros...	0,450	0,978	0,325	0,013	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,377	0,076	0,118	0,048	0,045	0,225	0,087
42	Obras de couro...	0,012	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003	0,000	0,007	0,016	0,033	0,008	0,003	0,003	0,001	0,016	0,008
43	Peles com pelo e suas obras...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,106
44	Madeira, carvão...	1,448	2,774	1,655	1,179	1,515	2,576	1,627	1,593	1,426	1,314	2,501	5,266	4,281	1,786	2,606	1,709	1,447
45	Cortiça e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
46	Obras de	2,494	3,071	1,540	0,107	0,000	0,000	0,000	0,027	0,216	0,000	0,000	11,286	0,039	0,272	0,000	0,017	0,000

	espartaria...																		
47	Pastas de madeira...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,026	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002	0,003	0,078	0,010	
48	Papel e cartão...	0,156	0,176	0,106	0,033	0,221	0,175	0,471	0,080	0,079	0,044	0,009	0,091	0,060	0,023	0,020	0,037	0,019	
49	Livros, jornais, gravuras...	0,314	0,296	0,565	1,581	0,104	0,396	2,053	1,011	0,251	0,242	0,317	0,609	0,063	0,180	0,089	0,830	0,251	
50	Seda	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
51	Fios e tecidos...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,264	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
52	Algodão	99,319	93,805	119,436	127,824	128,843	98,275	130,006	120,076	92,347	57,597	83,326	95,669	108,316	93,404	127,376	137,252	151,248	
53	Outras fibras têxteis...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,040	0,266	0,000	0,000	0,000	0,000	
54	Filamentos sintéticos...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,010	0,219	0,010	0,003	0,011	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
55	Fibras sintéticas...	0,138	0,083	0,630	0,290	0,024	0,053	0,005	0,006	0,940	0,000	0,011	0,000	0,012	0,003	0,000	0,046	0,001	
56	Pastas...	0,048	0,000	0,009	0,019	0,067	0,094	0,642	0,273	0,311	0,000	0,012	0,004	0,061	0,002	0,000	0,003	0,006	
57	Tapetes e outros...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,008	0,000	0,046	0,000	0,000	0,021	0,009	0,000	0,000	0,006	
58	Tecidos especiais...	0,032	0,119	0,000	0,055	0,137	0,013	0,044	0,011	7,294	0,002	0,000	0,173	0,005	0,000	0,000	0,026	0,012	
59	Tecidos impregnados...	0,050	0,341	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,005	
60	Tecidos de malha	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,005	0,000	0,000	0,000	0,001	0,001	
61	Vestuário...	0,016	0,009	0,015	0,005	0,012	0,000	0,003	0,000	0,004	0,000	0,011	0,007	0,001	0,006	0,006	0,021	0,014	

79	Zinco e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,033	0,000	0,000	0,000	0,000	0,054
80	Estanho e suas obras	0,000	0,054	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
81	Outros metais comuns...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,005	0,000	0,000	0,000	0,074	0,000	0,000	0,000
82	Ferramentas, artefatos...	0,047	0,001	0,011	0,013	0,004	0,001	0,028	0,006	0,767	0,012	0,416	0,255	0,137	1,130	0,514	0,057	0,011
83	Obras diversas...	0,001	0,036	0,088	0,014	0,003	0,002	0,015	0,001	0,007	0,000	0,004	0,023	0,004	0,023	0,013	0,016	0,009
84	Reatores nucleares...	0,042	0,010	0,074	0,045	0,120	0,034	0,022	0,094	0,254	0,127	0,341	0,126	0,221	0,960	0,234	0,228	0,348
85	Máquinas, aparelhos...	0,010	0,037	0,016	0,007	0,011	0,014	0,011	0,011	0,020	0,224	0,062	0,011	0,012	0,069	0,055	0,017	0,053
86	Veículos e material...	0,048	0,022	0,552	0,000	0,000	0,000	0,000	0,019	0,026	0,331	0,002	0,000	0,010	1,861	0,368	0,118	0,004
87	Veículos automóveis...	0,013	0,020	0,015	0,044	0,144	0,078	0,027	0,073	0,183	0,180	0,231	0,090	0,069	0,132	0,104	0,149	0,100
88	Aeronaves e aparelhos...	0,000	0,000	0,000	0,019	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,018	0,000	0,000	2,920	0,135	0,005	0,072
89	Embarcações e estruturas...	0,003	0,003	0,008	0,007	0,311	0,005	0,002	11,161	0,000	0,000	0,119	0,000	0,015	6,540	8,162	0,108	0,000
90	Instrumentos e aparelhos de óptica...	0,001	0,000	0,000	0,001	0,010	0,001	0,282	0,037	0,032	0,003	0,026	0,008	0,024	0,479	0,057	0,081	0,022
91	Artigos de relojoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,001	0,000	0,006	0,000	0,001	0,003	0,000
92	Instrumentos musicais...	0,000	0,000	0,013	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,021	0,112	0,100	0,000	0,000	0,185	0,000	0,025	0,000
93	Armas e munições...	0,000	0,000	0,006	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,024	0,000	0,000	0,000	0,000	0,074	0,000	0,000	0,071

94	Móveis; mobiliário...	0,040	0,122	0,151	0,144	0,169	0,186	0,232	0,123	0,136	0,127	0,135	0,155	0,136	0,093	0,189	0,185	0,117
95	Brinquedos, jogos, artigos...	0,000	0,000	0,004	0,009	0,001	0,007	0,002	0,000	0,005	0,003	0,006	0,000	0,002	0,002	0,004	0,008	0,004
96	Obras diversas	0,007	0,043	0,000	0,005	0,043	0,003	0,000	0,000	0,001	0,000	0,042	0,000	0,001	0,003	0,003	0,000	0,000
97	Objetos de arte...	0,194	0,116	0,081	0,103	0,208	0,120	0,121	0,073	0,045	0,019	0,002	0,026	0,006	0,086	0,062	0,170	0,000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Apêndice nº 03

Tabela 20. Índice de Contribuição de Saldo Comercial (Benim, produtos agregados 2001-2017).

Código SH2	Produtos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
01	Animais vivos	-0,014	-0,008	-0,022	-0,017	-0,004	-0,001	-0,001	-0,003	0,000	-0,002	-0,002	-0,001	-0,002	-0,032	-0,006	-0,005	-0,002
02	Carnes...	-1,002	5,639	-4,344	-4,702	-3,926	-2,599	-1,292	-4,575	4,323	6,503	-4,979	-5,230	-4,424	-4,293	-5,616	-2,974	-0,103
03	Peixes e crustáceos...	0,303	0,276	-0,209	-0,673	-0,963	-0,772	-0,630	-1,120	-1,151	-0,674	-0,643	-0,774	-0,691	-2,391	-2,284	-2,039	-1,804
04	Leite e laticínios...	0,010	-1,946	-1,329	-1,445	-1,254	-0,845	-0,795	-1,133	-0,762	-0,590	-0,703	-0,476	0,007	0,042	-0,007	-0,034	-0,164
05	Outros produtos de origem animal...	0,002	0,003	-0,004	-0,002	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	-0,003	-0,236	-0,254	-0,234	-0,286	-0,080	-0,073
06	Plantas vivas...	0,000	0,000	0,003	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
07	Produtos hortícolas...	-0,038	-0,047	-0,035	-0,041	-0,034	-0,027	-0,012	-0,012	-0,019	-0,024	-0,024	-0,016	-0,015	-0,027	-0,061	-0,001	-0,010
08	Frutas; cascas...	3,830	4,673	4,052	3,944	4,778	4,083	4,436	5,120	4,740	3,463	6,615	6,624	7,039	6,020	9,092	6,249	8,070
09	Café, chá...	-0,018	-0,010	0,009	-0,008	-0,012	0,028	0,071	0,029	-0,006	-0,013	-0,009	0,001	-0,003	-0,009	-0,023	-0,023	-0,011
10	Cereais	-2,352	-2,781	-3,375	-4,584	-8,281	-6,688	-5,954	-5,466	1,891	2,527	-3,067	-6,184	-10,214	-17,491	-11,420	-13,723	-21,966
11	Produtos da indústria de moagem...	-0,828	-0,969	-0,890	-0,550	0,589	0,200	0,140	-0,767	-0,508	-0,699	-0,731	-0,487	-0,623	-0,831	-0,907	-0,681	-0,966
12	Sementes e frutos...	2,637	1,306	2,201	1,492	1,587	1,813	0,891	0,415	0,334	0,683	0,448	0,504	0,636	0,450	0,551	1,383	2,791
13	Gomas, resinas...	-0,042	-0,038	-0,045	-0,032	-0,041	-0,013	-0,017	-0,051	-0,074	-0,029	-0,027	-0,009	-0,015	-0,015	-0,012	0,013	-0,007

14	Matérias para entrançar e outros...	0,002	0,003	0,000	0,000	0,001	0,002	0,002	0,005	0,010	0,132	0,147	0,066	0,068	0,034	0,001	0,086	0,039
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais...	-0,358	-0,380	-0,362	-0,734	0,307	1,486	1,940	2,814	1,917	-2,520	-0,686	0,401	-0,359	-1,129	1,220	1,538	-0,719
16	Preparações de carne...	-0,053	-0,178	-0,130	-0,123	-0,011	-0,058	-0,059	-0,096	-0,128	-0,101	-0,114	-0,161	-0,122	-0,118	-0,159	-0,061	-0,060
17	Açúcares e produtos de confeitaria	-0,420	-0,568	-0,912	-0,629	-0,156	0,410	1,087	0,166	0,570	-0,113	0,321	0,693	0,433	0,038	-0,603	0,047	-0,796
18	Cacau e suas preparações	-0,037	-0,036	-0,037	-0,047	-0,064	-0,041	-0,029	-0,050	-0,051	-0,037	-0,031	-0,028	-0,020	-0,017	-0,042	-0,021	-0,044
19	Preparações à base de cereais...	-0,482	-0,460	-0,359	-0,483	-0,424	-0,267	-0,325	-0,814	-0,605	-0,452	-0,529	0,302	-0,254	-0,326	-0,387	-0,208	-0,417
20	Preparações de produtos hortícolas...	-0,885	-0,026	-0,140	-0,435	-0,530	-0,191	-0,452	-0,413	-0,402	-0,266	-0,278	-0,272	-0,177	-0,192	-0,276	-0,011	0,237
21	Preparações alimentícias diversas	-0,914	-1,176	-0,723	-0,670	-0,555	-0,451	-0,284	-0,458	-0,601	-0,499	-0,493	-0,483	-0,236	-0,254	-0,359	-0,234	-0,338
22	Bebidas, líquidos...	-0,377	-0,158	-0,494	-0,682	-0,672	-0,672	-0,335	-0,565	-0,468	-0,607	-0,399	-0,473	-0,269	-0,273	-0,364	-0,139	-0,194
23	Resíduos e desperdícios...	1,321	1,605	1,778	1,636	1,153	1,132	0,811	1,659	1,313	1,134	0,769	0,856	1,425	0,548	0,603	0,744	0,703
24	Tabaco...	0,648	0,611	1,912	3,996	4,283	8,581	4,208	1,496	1,918	-0,186	-0,058	-0,054	-0,008	-0,051	-0,090	-0,033	-0,073
25	Sal; enxofre...	-4,073	-2,379	-1,557	-0,093	-0,902	-0,451	-1,218	-1,312	-2,041	-1,796	-2,309	-1,617	-0,245	1,915	2,682	1,114	0,999
26	Minérios...	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,036	-0,065	-0,024	-0,022	-0,022
27	Combustíveis minerais...	13,085	-12,890	-14,496	-17,153	-14,534	-12,565	-8,576	-9,212	-11,261	-7,779	-2,687	-7,123	-4,476	-1,984	-8,849	-6,726	-9,146
28	Produtos químicos inorgânicos...	-0,123	-0,162	-0,139	-0,144	-0,156	-0,118	-0,074	-0,116	-0,146	-0,131	-0,124	-0,102	-0,095	-0,052	-0,105	-0,068	-0,082

	Produtos químicos																	
29	orgânicos	-0,120	-0,191	-0,159	-0,150	-0,196	-0,148	-0,096	-0,219	-0,299	-0,104	-0,095	-0,080	-0,107	-0,039	-0,211	-0,052	-0,082
30	Produtos farmacêuticos	-3,849	-3,987	-2,945	-3,233	-2,756	-2,319	-1,580	-2,201	-2,500	-1,816	-1,778	-1,588	-1,550	-1,651	-1,882	-1,409	-1,317
31	Adubos (fertilizantes)	-1,520	-2,347	-0,713	-0,803	-0,218	0,000	-0,027	-0,002	-1,320	-0,250	-0,918	-0,003	-0,036	-1,092	-0,470	-0,381	-0,014
32	Extratos tanantes e tintoriais...	-0,050	0,016	0,155	0,166	0,292	0,311	0,123	-0,028	-0,010	-0,038	-0,029	0,029	0,058	0,053	0,025	0,067	0,063
33	Óleos essenciais e resinoides...	-0,385	-0,406	-0,241	-0,230	-0,199	-0,214	-0,148	-0,230	-0,283	-0,218	-0,222	-0,313	-0,236	-0,282	-0,297	-0,169	-0,249
34	Sabões...	-0,149	-0,164	-0,322	-0,333	-0,377	-0,334	-0,288	-0,349	-0,412	-0,319	-0,347	-0,353	-0,315	-0,308	-0,281	0,121	-0,164
35	Matérias albuminoides...	-0,059	-0,049	-0,071	-0,047	-0,033	-0,038	-0,027	-0,045	-0,051	-0,032	-0,045	-0,037	-0,003	-0,004	-0,017	-0,022	-0,021
36	Pólvoras e explosivos...	-0,028	-0,025	-0,079	-0,035	-0,045	-0,030	-0,034	-0,038	-0,004	-0,035	-0,022	-0,018	-0,017	-0,015	-0,035	-0,030	-0,024
37	Produtos para fotografia...	-0,033	-0,020	-0,013	-0,045	-0,012	-0,003	-0,007	-0,011	-0,013	-0,010	-0,008	-0,008	-0,004	-0,005	-0,004	-0,003	-0,003
38	Produtos diversos...	-1,152	-1,587	-1,188	-0,544	-0,232	-0,165	-0,117	-0,179	-0,272	-0,696	-0,404	-0,128	-0,277	-0,117	-0,348	-0,149	-0,129
39	Plásticos e suas obras	-0,918	-0,909	-0,951	-1,113	-0,947	-0,883	-0,319	-0,633	-0,813	-0,647	-0,266	-0,482	-0,299	-0,480	-0,531	-0,163	-0,188
40	Borracha e suas obras	-0,717	-1,035	-0,875	-0,821	-0,969	-0,840	-0,470	-0,668	-0,619	-0,512	-0,480	-0,434	-0,336	-0,362	-0,447	-0,191	-0,292
41	Peles, couros...	0,128	0,259	0,075	0,003	0,000	0,000	0,000	-0,002	0,000	0,000	0,035	0,007	0,012	0,005	0,002	0,016	0,006
42	Obras de couro...	-0,102	-0,077	-0,079	-0,077	-0,083	-0,081	-0,080	-0,114	-0,131	-0,107	-0,109	-0,117	-0,074	-0,082	-0,112	-0,038	-0,045
43	Peles com pelo e suas obras...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003
44	Madeira, carvão...	1,023	2,090	1,079	0,792	0,975	1,236	0,607	0,599	0,567	0,520	0,782	1,797	1,568	0,768	1,159	0,583	0,627

45	Cortiça e suas obras	-0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
46	Obras de espartaria ou de cestaria	0,034	0,044	0,011	-0,005	-0,006	-0,001	-0,001	-0,020	-0,014	-0,007	-0,003	0,084	-0,004	-0,005	-0,006	-0,006	-0,005
47	Pastas de madeira...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003	0,000	0,000	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,009	0,002
48	Papel e cartão...	-1,185	-1,113	-1,263	-1,166	-0,955	-0,811	-0,351	-0,822	-0,856	-0,629	-0,734	-0,542	-0,506	-0,461	-0,603	-0,384	-0,482
49	Livros, jornais, gravuras...	-0,258	-0,224	-0,197	0,000	-0,526	-0,186	0,134	0,010	-0,163	-0,073	-0,075	-0,062	-0,096	-0,063	-0,078	0,040	-0,021
50	Seda	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000
51	Fios e tecidos...	-0,006	-0,007	-0,005	-0,002	0,000	-0,002	0,000	-0,002	0,015	-0,001	0,000	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	0,000
52	Algodão	39,876	36,795	46,309	48,585	40,341	22,665	22,619	23,385	19,952	13,379	16,242	18,141	22,297	19,859	26,780	20,836	29,958
53	Outras fibras têxteis vegetais...	-0,002	-0,007	-0,008	-0,011	-0,075	-0,039	-0,009	-0,013	-0,009	-0,004	0,000	-0,004	-0,004	-0,003	-0,007	-0,004	-0,003
54	Filamentos sintéticos ou artificiais...	-0,057	-0,053	-0,018	-0,009	0,000	-0,019	-0,013	-0,027	-0,016	-0,032	-0,011	-0,022	-0,017	-0,021	-0,020	-0,011	-0,019
55	Fibras sintéticas...	-2,156	-0,926	-0,691	-0,588	-0,742	-0,695	-0,309	-0,290	-0,225	-0,292	-0,185	-0,199	-0,138	-0,145	-0,132	-0,085	-0,112
56	Pastas (ouates)...	-0,063	-0,056	-0,087	-0,107	-0,091	-0,100	0,003	-0,015	0,004	-0,020	-0,012	-0,014	-0,010	-0,020	-0,028	-0,009	-0,025
57	Tapetes e outros revestimentos...	-0,016	-0,013	-0,012	-0,013	-0,009	-0,014	-0,007	-0,011	-0,009	-0,004	-0,011	-0,007	-0,003	-0,011	-0,006	-0,005	-0,005
58	Tecidos especiais...	-0,167	-0,079	-0,062	-0,288	-0,263	-0,268	-0,093	-0,077	0,366	-0,044	-0,063	-0,039	-0,029	-0,027	-0,016	-0,008	-0,008
59	Tecidos impregnados...	-0,004	0,036	-0,007	-0,024	-0,050	-0,019	-0,011	-0,010	-0,017	-0,008	-0,014	-0,014	-0,011	-0,009	-0,011	-0,008	-0,005
60	Tecidos de malha	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	-0,001

61	Vestuário e seus acessórios, de malha.	-0,295	-0,361	-0,292	-0,356	-0,997	-0,938	-0,507	-0,910	-0,901	-0,531	-0,153	-0,093	-0,104	-0,061	-0,068	-0,022	-0,023
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	-0,507	-0,616	-0,252	-0,223	-0,691	-1,125	-0,876	-1,125	-1,273	-0,763	-0,318	-0,125	-0,057	-0,045	-0,025	-0,007	-0,010
63	Outros artefatos têxteis...	-3,887	-4,171	-2,907	-2,867	-3,247	-2,811	-1,911	-2,299	-2,489	-1,688	-1,709	-1,365	-1,107	-1,528	-1,370	-0,428	-0,385
64	Calçados, polainas...	-0,294	-0,239	-0,163	-0,183	-0,214	-0,217	-0,148	-0,227	-0,213	-0,189	-0,233	-0,206	-0,209	-0,220	-0,271	-0,087	-0,076
65	Chapéus e artefatos...	-0,010	-0,012	-0,011	-0,013	-0,010	-0,012	-0,009	-0,016	-0,014	-0,009	-0,009	-0,012	-0,004	-0,012	0,004	-0,012	-0,007
66	Guarda-chuvas, sombrinhas...	-0,002	-0,005	-0,020	-0,009	-0,006	-0,007	-0,005	-0,008	-0,007	-0,003	-0,004	0,008	0,000	-0,006	-0,004	-0,003	-0,006
67	Penas e penugem preparadas...	-0,019	-0,021	-0,025	0,032	-0,013	0,005	0,031	-0,003	-0,002	-0,010	-0,010	-0,009	-0,011	-0,011	-0,016	-0,011	-0,008
68	Obras de pedra...	-0,127	-0,245	-0,209	-0,184	-0,160	-0,109	-0,095	-0,156	-0,226	-0,113	-0,109	-0,054	-0,012	-0,035	-0,056	-0,035	-0,044
69	Produtos cerâmicos	-0,581	-0,717	-0,727	-0,711	-0,648	-0,499	-0,290	-0,503	-0,588	-0,424	-0,450	-0,400	-0,465	-0,385	-0,641	-0,385	-0,386
70	Vidro e suas obras	-0,207	-0,334	-0,319	-0,223	-0,132	-0,194	-0,114	-0,171	-0,263	-0,168	-0,155	-0,187	-0,149	-0,196	-0,213	0,085	-0,075
71	Pérolas naturais ou cultivadas...	3,740	4,025	1,333	0,081	1,726	1,773	-0,027	-0,032	-0,016	2,766	1,705	2,343	2,012	1,503	1,509	2,053	1,908
72	Ferro fundido...	-1,458	-1,315	-1,063	0,528	0,004	2,256	-0,925	4,968	3,292	1,962	5,399	4,925	4,922	2,181	1,564	1,259	0,237
73	Obras de ferro...	-1,161	-0,770	-0,829	-0,840	-0,440	-0,243	-0,421	-0,009	-0,439	-0,644	-0,110	-0,206	-1,306	0,410	-0,202	-0,106	-0,142

74	Cobre e suas obras	0,003	-0,006	-0,026	-0,020	0,005	0,062	0,055	0,016	-0,022	-0,008	-0,005	-0,006	-0,015	-0,029	-0,012	0,006	0,061
75	Níquel e suas obras	-0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,013	0,000	0,000	0,000	-0,085	0,305	0,000	0,000	0,000
76	Alumínio e suas obras	-0,222	-0,237	-0,228	-0,209	-0,251	-0,187	-0,142	-0,107	-0,119	-0,089	-0,092	-0,101	-0,096	-0,097	-0,091	-0,098	-0,080
78	Chumbo e suas obras	0,001	-0,002	-0,001	-0,001	0,002	0,001	-0,001	-0,001	0,000	0,001	0,000	-0,001	-0,003	0,000	0,000	0,000	0,000
79	Zinco e suas obras	-0,018	-0,026	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,002	-0,001	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,003
80	Estanho e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000
81	Outros metais comuns...	0,000	0,000	-0,011	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,002	-0,002	0,004	0,000	0,000	0,000
82	Ferramentas, artefatos...	-0,091	-0,113	-0,119	-0,085	-0,071	-0,057	-0,044	-0,049	0,042	-0,088	0,020	0,010	-0,062	0,176	0,049	-0,029	-0,088
83	Obras diversas...	-0,240	-0,267	-0,276	-0,197	-0,244	-0,166	-0,105	-0,173	-0,244	-0,132	-0,172	-0,094	-0,103	-0,083	-0,096	-0,067	-0,057
84	Reatores nucleares...	-5,139	-3,834	-3,845	-3,330	-1,502	-1,605	-1,623	-1,990	-0,875	-1,423	-0,144	-1,071	-2,576	4,035	-1,403	-0,523	0,402
85	Máquinas, aparelhos...	-2,329	-1,307	-3,318	-4,443	-2,591	-1,984	-1,236	-2,282	-2,287	-0,245	-1,277	-1,271	-2,148	-1,133	-1,923	-0,987	-1,447
86	Veículos e material...	-0,013	0,000	0,052	-0,002	-0,003	-0,008	0,000	0,002	0,001	0,011	-0,003	-0,003	-0,044	0,215	0,038	0,000	-0,006
87	Veículos automóveis...	-4,027	-4,184	-3,614	-3,402	-2,547	-2,138	-2,167	-3,771	-4,137	-3,592	-3,454	-3,019	-3,037	-3,057	-4,582	-3,077	-2,848
88	Aeronaves e aparelhos...	0,000	-0,001	0,000	0,022	-0,001	0,000	-0,049	-0,001	-0,001	-0,001	0,013	0,000	-0,050	2,455	0,171	0,004	0,082
89	Embarcações e estruturas flutuantes	-0,011	-0,006	-0,057	0,002	0,155	-0,129	-2,301	5,947	-0,010	-0,004	0,060	-0,003	-1,891	0,507	3,296	0,038	-0,005

90	Instrumentos e aparelhos de óptica...	-0,668	-0,630	-0,585	-0,658	-0,682	-0,301	0,035	-0,271	-0,512	-0,226	-0,152	-0,135	-0,164	0,533	-0,186	-0,080	-0,096
91	Artigos de relojoaria	-0,005	-0,008	-0,009	-0,008	-0,006	-0,007	-0,005	-0,004	-0,007	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	-0,001
92	Instrumentos musicais...	-0,001	-0,002	-0,001	-0,004	-0,002	-0,001	-0,002	-0,001	0,029	0,001	0,001	-0,001	-0,002	0,003	-0,002	0,000	0,000
93	Armas e munições...	-0,005	-0,006	-0,010	-0,005	-0,005	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,000	-0,001	0,000	-0,004	0,000	0,004
94	Móveis; mobiliário...	-0,356	-0,313	-0,309	-0,293	-0,296	-0,239	-0,093	-0,253	-0,285	-0,224	-0,185	-0,157	-0,106	-0,117	-0,065	-0,057	-0,109
95	Brinquedos, jogos, artigos...	-0,063	-0,041	-0,052	-0,035	-0,052	-0,037	-0,023	-0,038	-0,042	-0,043	-0,030	-0,034	-0,023	-0,028	-0,026	-0,022	-0,023
96	Obras diversas	-0,172	-0,117	-0,105	-0,092	-0,104	-0,068	-0,042	-0,066	-0,068	-0,046	-0,044	-0,042	-0,031	-0,032	-0,071	-0,056	-0,066
97	Objetos de arte...	0,024	0,011	0,000	0,008	0,021	0,008	0,008	0,004	0,002	0,000	-0,002	0,001	0,000	0,008	0,005	0,013	0,003

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Apêndice nº 04

Tabela 21. Índice de Competitividade Revelada (Benim, produtos agregados 2001-2017)

Código SH2	Produtos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
01	Animais vivos	-	0,971	-	0,943	0,973	-	0,996	-	0,998	-	-	0,987	-	0,900	0,966	0,963	0,966
02	Carnes...	0,995	1,014	-	0,918	-	-	0,987	-	1,008	1,014	-	0,890	-	0,925	0,915	0,893	0,978
03	Peixes e crustáceos...	1,008	1,007	0,996	0,976	0,979	0,982	0,965	0,918	0,941	0,975	0,976	0,956	0,952	0,945	0,931	0,922	0,901
04	Leite e laticínios...	-	0,913	0,947	0,919	0,953	0,958	0,908	0,945	0,941	0,952	0,889	0,977	1,000	1,001	1,000	0,997	0,951
05	Outros produtos de origem animal...	1,029	1,054	-	-	-	-	1,056	-	-	-	-	0,877	-	-	0,872	0,982	0,967
06	Plantas vivas...	-	-	1,023	-	-	-	-	-	1,010	1,007	1,004	1,040	-	1,052	0,997	0,986	1,018
07	Produtos hortícolas...	0,950	0,953	0,982	0,967	0,954	0,963	0,971	0,968	0,961	0,961	0,971	0,977	0,979	0,968	0,972	0,999	0,975
08	Frutas; cascas...	1,035	1,035	1,037	1,043	1,043	1,045	1,047	1,040	1,038	1,036	1,044	1,045	1,057	1,078	1,086	1,090	1,066
09	Café, chá...	0,984	0,986	1,009	0,988	0,983	1,022	1,046	1,028	0,984	0,972	0,986	1,001	0,997	0,988	0,960	0,969	0,963
10	Cereais	0,902	-	0,851	0,873	-	0,884	0,965	0,979	1,007	1,005	0,981	0,977	0,967	0,946	0,904	0,882	0,852
11	Produtos da indústria de moagem...	0,948	0,957	0,948	0,967	1,011	1,006	1,007	0,976	0,979	0,961	0,963	0,991	0,986	0,975	0,973	0,964	0,942
12	Sementes e frutos...	1,107	1,035	1,044	1,063	1,077	1,082	1,070	1,060	1,063	1,045	1,050	1,069	1,070	1,058	1,046	1,093	1,053

27	Combustíveis minerais...	-7,715	-4,513	-5,486	-5,318	-3,614	-4,283	-2,086	-4,146	-7,742	-1,097	-0,421	-1,096	-0,895	-0,249	-1,696	-1,74	-2,061
28	Produtos químicos inorgânicos...	0,966	0,971	0,973	0,974	0,960	0,965	0,926	0,921	0,939	0,912	0,940	0,928	0,949	0,982	0,951	0,938	0,932
29	Produtos químicos orgânicos	0,949	0,942	0,945	0,949	0,942	0,931	0,913	-	0,966	0,961	0,917	0,900	0,904	0,995	0,935	0,951	0,937
30	Produtos farmacêuticos	0,940	0,938	0,939	0,940	0,945	0,937	0,944	0,937	0,957	0,968	0,967	0,972	0,953	0,958	0,953	0,949	0,962
31	Adubos (fertilizantes)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
					0,986						0,924			0,961				0,967
32	Extratos tanantes e tintoriais...	0,995	1,001	1,014	1,014	1,021	1,026	1,021	0,994	0,997	0,990	0,991	1,006	1,009	1,010	1,003	1,010	0,988
33	Óleos essenciais e resinoides...	0,959	0,972	0,976	0,969	0,975	0,961	0,965	0,950	0,947	0,974	0,975	0,934	0,971	0,933	0,963	0,974	0,931
34	Sabões...	0,989	0,990	0,977	0,982	0,969	0,940	0,927	0,971	0,974	0,952	0,972	0,950	0,968	0,971	0,961	1,010	0,957
35	Matérias albuminoides...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
										0,961			0,978	0,999	0,997	0,988		
36	Pólvoras e explosivos...	-	0,946	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
										0,998	0,969	0,944		0,974	0,975			
37	Produtos para fotografia...	-	-	-	-	0,966	0,991											
											0,963		0,974	0,968			0,945	
38	Produtos diversos...	0,926	0,918	0,910	0,951	0,966	0,925	0,938	0,900	0,955	0,946	0,949	0,972	0,938	0,991	0,962	0,973	0,961
39	Plásticos e suas obras	0,928	0,919	0,952	0,946	0,949	0,971	0,986	0,980	0,977	0,978	0,993	0,981	0,989	0,981	0,984	0,995	0,973
40	Borracha e suas obras	0,984	0,971	0,954	0,962	0,952	0,948	0,912	0,920	0,954	0,932	0,937	0,937	0,972	0,943	0,956	0,971	0,944
41	Peles, couros...	1,133	1,105	1,096	1,065	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
												1,065		1,071	1,037	1,007	1,042	0,998

42	Obras de couro...	0,944	-	-	-	-	-	0,920	-	0,929	0,945	0,954	0,932	0,926	0,927	0,910	0,959	0,929	
43	Peles com pelo e suas obras...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,024	
44	Madeira, carvão...	1,038	1,048	1,037	1,033	1,037	1,034	1,030	1,026	1,026	1,034	1,036	1,050	1,046	1,036	1,043	1,041	1,015	
45	Cortiça e suas obras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
46	Obras de espartaria ou de cestaria	1,061	1,054	1,013	0,973	-	-	-	0,921	0,963	-	-	1,072	0,950	0,977	-	0,927	-	
47	Pastas de madeira...	-	-	-	-	-	-	-	1,026	-	-	-	-	-	-	1,006	1,027	1,062	1,043
48	Papel e cartão...	0,968	0,971	0,961	0,945	0,973	0,969	0,987	0,958	0,959	0,954	0,924	0,961	0,957	0,947	0,940	0,951	0,928	
49	Livros, jornais, gravuras...	0,978	0,979	0,986	0,999	0,951	0,979	1,008	1,000	0,977	0,983	0,983	0,990	0,959	0,980	0,969	1,009	0,970	
50	Seda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
51	Fios e tecidos...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
										1,065									
52	Algodão	2,900	2,769	3,556	3,722	3,423	2,813	3,317	3,029	2,887	2,931	3,082	3,018	3,506	3,256	3,831	4,354	4,574	
53	Outras fibras têxteis vegetais...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,957	0,984	-	-	-	-	
54	Filamentos sintéticos ou artificiais...	-	-	-	-	-	-	0,925	0,951	0,992	0,950	0,942	0,953	-	-	-	-	-	
55	Fibras sintéticas...	0,935	0,939	0,972	0,963	0,919	0,927	0,898	0,905	0,985	-	0,922	-	0,928	0,907	-	0,953	0,867	
56	Pastas (ouates)...	0,955	-	0,922	0,931	0,954	0,954	1,000	0,990	1,001	-	0,952	0,931	0,979	0,924	-	0,936	0,914	
57	Tapetes e outros revestimentos...	-	-	-	-	-	-	-	0,943	-	0,981	-	-	0,974	0,947	-	-	0,928	

87	Veículos e material...	0,977	0,994	1,009	-	-	-	-	1,009	1,005	1,000	0,955	-	0,938	1,019	1,016	0,996	0,933
88	Veículos automóveis...	0,940	0,947	0,945	0,961	0,979	0,971	0,955	0,963	0,973	0,975	0,976	0,967	0,964	0,974	0,967	0,973	0,953
89	Aeronaves e aparelhos...	-	-	-	1,052	-	-	-	0,968	0,965	-	1,041	-	-	1,018	1,086	1,020	1,034
90	Embarcações e estruturas flutuantes	0,952	0,966	0,948	1,009	1,053	0,927	0,869	1,032	0,933	-	1,027	-	0,909	0,994	1,014	1,048	0,906
91	Instrumentos e aparelhos de óptica...	0,914	0,896	0,900	0,902	0,947	0,920	1,002	0,975	0,967	0,944	0,976	0,963	0,975	1,012	0,985	0,992	0,962
92	Artigos de relojoaria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,951	0,952	-	0,985	-	0,966	0,997	-
93	Instrumentos musicais...	-	-	0,985	-	-	-	-	-	-	1,065	1,009	1,018	-	1,025	-	0,996	-
94	Armas e munições...	-	-	0,933	-	-	-	-	-	1,002	-	-	-	-	0,992	-	-	1,050
95	Móveis; mobiliário...	0,962	0,980	0,982	0,982	0,984	0,984	0,992	0,979	0,980	0,981	0,981	0,984	0,987	0,985	0,993	0,993	0,967
96	Brinquedos, jogos, artigos...	-	-	0,947	0,966	0,916	0,957	0,943	0,914	0,954	0,944	0,954	-	0,945	0,945	0,955	0,963	0,936
97	Obras diversas	0,914	0,952	-	0,919	0,951	0,906	-	-	0,899	-	0,957	-	0,917	0,932	0,920	-	0,874
97	Objetos de arte...	1,072	1,032	0,999	1,027	1,056	1,032	1,049	1,020	1,016	0,996	0,958	1,023	0,996	1,045	1,018	1,047	1,006

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).

Apêndice nº 05

Tabela 22: Índice de Posição Relativa (Benim, produtos agregados 2001-2017).

Código SH2	Produtos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
01	Animais vivos	-0,001	0,000	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,004	-0,001	-0,001	0,000
02	Carnes...	-0,031	-0,015	-0,056	-0,050	-0,038	-0,033	-0,046	-0,064	-0,044	-0,035	-0,085	-0,095	-0,095	-0,095	-0,100	-0,075	-0,032
03	Peixes e crustáceos...	-0,003	-0,004	-0,007	-0,009	-0,012	-0,013	-0,016	-0,020	-0,018	-0,016	-0,015	-0,018	-0,018	-0,062	-0,046	-0,053	-0,037
04	Leite e laticínios...	0,000	-0,032	-0,024	-0,021	-0,018	-0,016	-0,022	-0,022	-0,015	-0,015	-0,016	-0,015	-0,010	-0,012	-0,008	-0,007	-0,005
05	Outros produtos de origem animal...	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,053	-0,065	-0,063	-0,065	-0,039	-0,034
06	Plantas vivas...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
07	Produtos hortícolas...	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,002
08	Frutas; cascas...	0,012	0,015	0,013	0,014	0,015	0,010	0,013	0,016	0,014	0,011	0,018	0,021	0,032	0,039	0,040	0,023	0,038
09	Café, chá...	-0,001	-0,001	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001
10	Cereais	-0,026	-0,036	-0,051	-0,056	-0,107	-0,109	-0,139	-0,081	-0,035	-0,124	-0,065	-0,127	-0,233	-0,405	-0,212	-0,391	-0,514
11	Produtos da indústria de moagem...	-0,060	-0,080	-0,079	-0,044	-0,016	-0,030	-0,029	-0,075	-0,050	-0,085	-0,082	-0,107	-0,124	-0,140	-0,114	-0,115	-0,138

12	Sementes e frutos...	0,016	0,007	0,012	0,009	0,009	0,010	0,005	0,002	0,002	0,003	0,001	0,002	0,003	0,003	0,002	0,006	0,016
13	Gomas, resinas...	-0,008	-0,009	-0,011	-0,006	-0,007	-0,003	-0,007	-0,014	-0,019	-0,009	-0,008	-0,002	-0,005	-0,005	-0,004	-0,003	-0,003
14	Matérias para entrançar e outros...	0,000	0,001	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,001	0,002	0,004	0,060	0,050	0,028	0,037	0,024	0,000	0,035	0,021
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais...	-0,011	-0,015	-0,026	-0,020	-0,020	-0,032	-0,034	-0,026	-0,031	-0,084	-0,044	-0,029	-0,042	-0,042	-0,019	-0,029	-0,086
16	Preparações de carne...	-0,001	-0,005	-0,004	-0,003	-0,001	-0,002	-0,003	-0,003	-0,004	-0,005	-0,005	-0,007	-0,007	-0,007	-0,007	-0,005	-0,003
17	Açúcares e produtos de confeitaria	-0,010	-0,016	-0,030	-0,019	-0,016	-0,016	-0,007	-0,025	-0,014	-0,021	-0,014	-0,014	-0,023	-0,024	-0,044	-0,031	-0,056
18	Cacau e suas preparações	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002
19	Preparações à base de cereais...	-0,012	-0,013	-0,011	-0,011	-0,009	-0,008	-0,014	-0,023	-0,016	-0,016	-0,019	-0,014	-0,017	-0,015	-0,014	-0,011	-0,017
20	Preparações de produtos hortícolas...	-0,020	-0,013	-0,006	-0,009	-0,010	-0,005	-0,017	-0,012	-0,012	-0,010	-0,010	-0,011	-0,009	-0,010	-0,011	-0,005	-0,003
21	Preparações alimentícias diversas	-0,020	-0,029	-0,019	-0,014	-0,011	-0,011	-0,012	-0,014	-0,015	-0,017	-0,017	-0,018	-0,011	-0,011	-0,012	-0,010	-0,012
22	Bebidas, líquidos...	-0,007	-0,006	-0,008	-0,008	-0,007	-0,008	-0,008	-0,010	-0,010	-0,013	-0,010	-0,010	-0,008	-0,007	-0,008	-0,006	-0,005
23	Resíduos e desperdícios...	0,008	0,010	0,012	0,010	0,007	0,006	0,005	0,009	0,007	0,007	0,003	0,004	0,008	0,003	0,002	0,003	0,004
24	Tabaco...	0,002	-0,003	0,003	0,018	0,021	0,039	0,020	-0,004	0,006	-0,009	-0,007	-0,005	-0,004	-0,004	-0,005	-0,004	-0,004

25	Sal; enxofre...	-0,092	-0,067	-0,069	-0,046	-0,059	-0,063	-0,080	-0,032	-0,063	-0,070	-0,088	-0,082	-0,073	-0,015	-0,008	-0,034	-0,022
26	Minérios...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000
27	Combustíveis minerais...	-0,008	-0,010	-0,012	-0,010	-0,006	-0,006	-0,008	-0,004	-0,007	-0,008	-0,005	-0,007	-0,006	-0,007	-0,011	-0,015	-0,013
28	Produtos químicos inorgânicos...	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002
29	Produtos químicos orgânicos	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	-0,001
30	Produtos farmacêuticos	-0,013	-0,013	-0,010	-0,009	-0,007	-0,007	-0,008	-0,007	-0,007	-0,007	-0,008	-0,008	-0,008	-0,009	-0,008	-0,008	-0,008
31	Adbos (fertilizantes)	-0,037	-0,068	-0,022	-0,026	-0,004	0,000	-0,001	0,000	-0,035	-0,007	-0,022	0,000	-0,001	-0,044	-0,014	-0,020	-0,001
32	Extratos tanantes e tintoriais...	-0,002	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001
33	Óleos essenciais e resinoides...	-0,005	-0,006	-0,004	-0,003	-0,002	-0,003	-0,004	-0,004	-0,004	-0,005	-0,005	-0,006	-0,006	-0,007	-0,006	-0,005	-0,005
34	Sabões...	-0,006	-0,007	-0,010	-0,009	-0,008	-0,008	-0,012	-0,012	-0,013	-0,012	-0,014	-0,014	-0,016	-0,016	-0,011	-0,005	-0,009
35	Matérias albuminoides...	-0,002	-0,002	-0,003	-0,002	-0,001	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003	-0,002	-0,003	-0,004	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002
36	Pólvoras e explosivos...	-0,007	-0,007	-0,023	-0,009	-0,010	-0,008	-0,017	-0,014	-0,008	-0,017	-0,010	-0,008	-0,011	-0,010	-0,015	-0,020	-0,014
37	Produtos para fotografia...	-0,001	-0,001	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001
38	Produtos diversos...	-0,008	-0,012	-0,010	-0,004	-0,002	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,008	-0,004	-0,002	-0,004	-0,003	-0,004	-0,003	-0,002

39	Plásticos e suas obras	-0,002	-0,002	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003	-0,002	-0,002
40	Borracha e suas obras	-0,007	-0,009	-0,008	-0,006	-0,006	-0,006	-0,006	-0,006	-0,006	-0,006	-0,005	-0,004	-0,004	-0,005	-0,005	-0,005	-0,004	-0,004
41	Peles, couros...	0,001	0,002	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
42	Obras de couro...	-0,002	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,002	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,004	-0,003	-0,003	-0,003	-0,002	-0,001
43	Peles com pelo e suas obras...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
44	Madeira, carvão...	0,002	0,004	0,002	0,001	0,001	0,001	0,000	0,000	0,001	0,001	0,001	0,005	0,005	0,003	0,003	0,001	0,002	
45	Cortiça e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000
46	Obras de espartaria ou de cestaria	0,003	0,004	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,011	-0,009	-0,006	-0,002	0,014	-0,005	-0,008	-0,006	-0,008	-0,006	
47	Pastas de madeira...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
48	Papel e cartão...	-0,005	-0,006	-0,007	-0,005	-0,005	-0,005	-0,006	-0,006	-0,007	-0,006	-0,008	-0,007	-0,008	-0,008	-0,008	-0,008	-0,007	-0,007
49	Livros, jornais...	-0,005	-0,005	-0,006	-0,005	-0,009	-0,005	-0,005	-0,004	-0,006	-0,004	-0,005	-0,006	-0,006	-0,006	-0,005	-0,005	-0,003	-0,003
50	Seda	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000
51	Fios e tecidos...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
52	Algodão	0,111	0,117	0,170	0,174	0,146	0,058	0,086	0,113	0,121	0,080	0,060	0,082	0,145	0,209	0,222	0,167	0,314	

53	Outras fibras têxteis vegetais...	0,000	-0,001	-0,002	-0,002	-0,013	-0,009	-0,004	-0,005	-0,004	-0,002	0,000	-0,003	-0,004	-0,002	-0,003	-0,003	-0,002	
54	Filamentos sintéticos ou artificiais...	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	
55	Fibras sintéticas...	-0,037	-0,019	-0,020	-0,013	-0,016	-0,020	-0,016	-0,012	-0,013	-0,014	-0,009	-0,011	-0,009	-0,010	-0,007	-0,007	-0,007	
56	Pastas (ouates)...	-0,003	-0,003	-0,005	-0,005	-0,004	-0,006	-0,003	-0,002	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001	-0,003	
57	Tapetes e outros revestimentos...	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001
58	Tecidos especiais...	-0,009	-0,005	-0,004	-0,017	-0,015	-0,020	-0,013	-0,009	0,007	-0,007	-0,010	-0,008	-0,006	-0,006	-0,003	-0,002	-0,002	
59	Tecidos impregnados...	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	
60	Tecidos de malha	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
61	Vestuário e seus acessórios, de malha.	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,005	-0,006	-0,005	-0,007	-0,007	-0,005	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	0,000	
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha...	-0,002	-0,003	-0,002	-0,001	-0,003	-0,006	-0,009	-0,008	-0,009	-0,008	-0,004	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	
63	Outros artefatos têxteis...	-0,082	-0,097	-0,072	-0,059	-0,060	-0,066	-0,078	-0,070	-0,068	-0,060	-0,062	-0,054	-0,051	-0,071	-0,048	-0,022	-0,016	
64	Calçados, polainas...	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,004	-0,004	-0,004	-0,005	-0,004	-0,002	-0,001	
65	Chapéus e artefatos...	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	-0,002	-0,003	-0,003	-0,003	-0,002	-0,003	-0,003	-0,001	-0,004	-0,003	-0,004	-0,002	
66	Guarda-chuvas, sombrinhas...	0,000	-0,002	-0,008	-0,003	-0,002	-0,003	-0,004	-0,004	-0,003	-0,002	-0,007	0,000	-0,002	-0,005	-0,002	-0,003	-0,005	

67	Penas e penugem preparadas...	-0,003	-0,004	-0,006	-0,001	-0,003	-0,001	-0,001	-0,004	-0,002	-0,004	-0,003	-0,003	-0,005	-0,005	-0,005	-0,005	-0,003
68	Obras de pedra...	-0,003	-0,007	-0,006	-0,004	-0,004	-0,003	-0,004	-0,005	-0,008	-0,005	-0,005	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002
69	Produtos cerâmicos	-0,012	-0,017	-0,019	-0,015	-0,013	-0,013	-0,013	-0,016	-0,020	-0,018	-0,020	-0,018	-0,025	-0,021	-0,025	-0,023	-0,019
70	Vidro e suas obras	-0,003	-0,005	-0,006	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,004	-0,006	-0,004	-0,004	-0,006	-0,005	-0,008	-0,006	-0,005	-0,003
71	Pérolas naturais ou cultivadas...	0,004	0,005	0,001	0,000	0,002	0,001	0,000	0,000	0,000	0,003	0,001	0,001	0,001	0,002	0,001	0,001	0,002
72	Ferro fundido...	-0,005	-0,006	-0,005	-0,002	-0,003	0,001	-0,007	-0,004	-0,006	-0,006	-0,005	-0,008	-0,002	-0,003	-0,005	-0,007	-0,005
73	Obras de ferro...	-0,005	-0,004	-0,005	-0,004	-0,002	-0,002	-0,003	-0,002	-0,003	-0,005	-0,003	-0,003	-0,012	-0,004	-0,004	-0,004	-0,003
74	Cobre e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000
75	Níquel e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,007	0,007	0,000	0,000	0,000
76	Alumínio e suas obras	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002
78	Chumbo e suas obras	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000
79	Zinco e suas obras	-0,001	-0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
80	Estanho e suas obras	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
81	Outros metais comuns...	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
82	Ferramentas, artefatos...	-0,002	-0,002	-0,003	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,002	-0,003	-0,001	-0,001	-0,003	-0,001	-0,001	-0,002	-0,003
83	Obras diversas...	-0,004	-0,005	-0,006	-0,003	-0,004	-0,003	-0,003	-0,004	-0,006	-0,004	-0,006	-0,003	-0,004	-0,004	-0,003	-0,003	-0,002

84	Reatores nucleares...	-0,002	-0,002	-0,003	-0,002	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,005	-0,002	-0,003	-0,002	-0,002
85	Máquinas, aparelhos...	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,002	-0,002	-0,001	-0,002
86	Veículos e material...	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,003	0,001	0,000	-0,001	0,000
87	Veículos automóveis...	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,002	-0,002	-0,003	-0,004	-0,006	-0,007	-0,006	-0,005	-0,006	-0,007	-0,008	-0,007	-0,005
88	Aeronaves e aparelhos...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
89	Embarcações e estruturas flutuantes	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	-0,001	-0,044	0,011	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,041	-0,047	0,001	0,000	0,000
90	Instrumentos e aparelhos de óptica...	-0,001	-0,002	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,002	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001
91	Artigos de relojoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
92	Instrumentos musicais...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000	0,000	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000
93	Armas e munições...	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	0,000	0,000
94	Móveis; mobiliário...	-0,002	-0,002	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002	-0,002
95	Brinquedos, jogos, artigos...	-0,001	0,000	-0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001	-0,001
96	Obras diversas	-0,005	-0,004	-0,004	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,003	-0,002	-0,002	-0,002	-0,003	-0,003
97	Objetos de arte...	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados de ITC (2018).